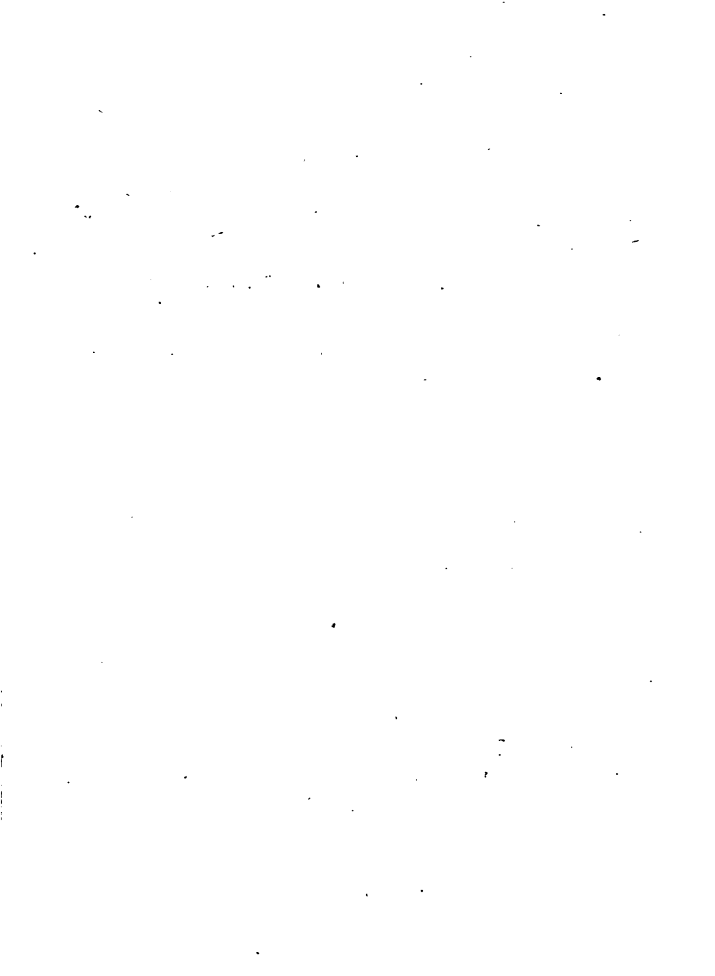
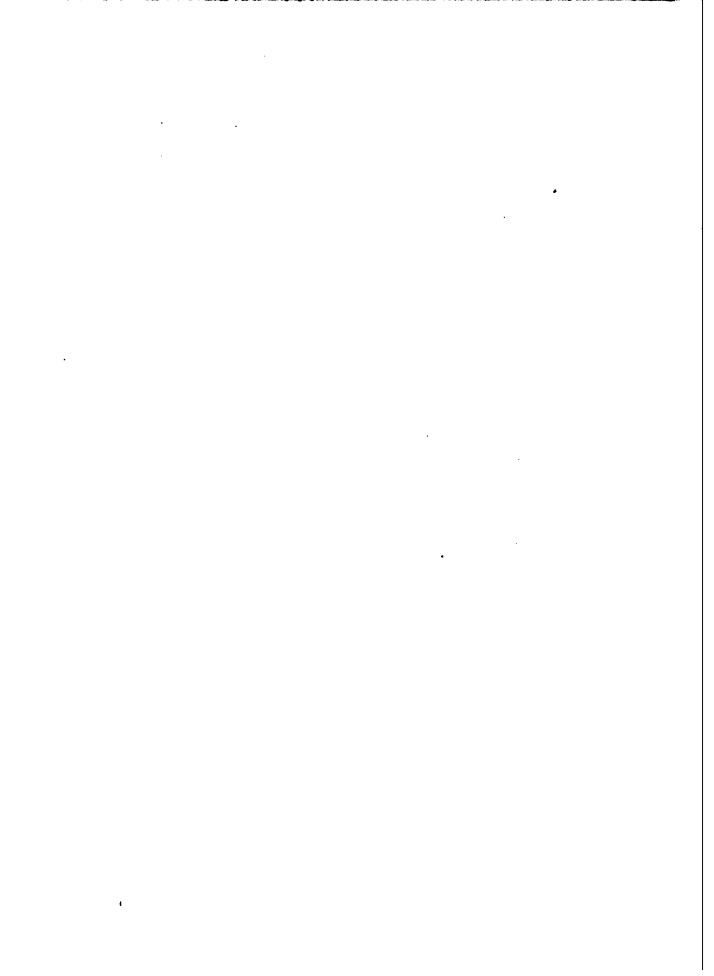
SILVA PINTO

POR ESTE MUNDO

1902 - 1903

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1903

POR ESTE MUNDO

ELLE E EU

I

INQUERITO

«TYPOS DE BELLEZA — A MISSÃO DA MULHER — O FEMINISMO E O ACCESSO DAS MULHERES ÁS PROFISSÕES LIVRES — CARACTERISTICAS DA MULHER PORTUGUEZA.

«Abrimos hoje um inquerito para o qual escolhemos o titulo celebre de Shopenhauer. Os leitores irão tomando conhecimento, n'uma successão de palestras ou de consultas respondidas, da opinião dos litteratos e artistas mais eminentes do Portugal contemporaneo, ácêrca

da mulher. Julgamos interessante manifestar esta série de opiniões dignas de serem attendidas, para que de todas ellas se deduza um verdadeiro criterio. Assim, inaugurando este ensaio leve de psychologia feminina, pelo depoimento de Silva Pinto — o grande polemista portuguez, temperamento de prosador terso, d'uma sensibilidade doentia de artista — promettemos, para se lhe seguirem, os de Ramalho Ortigão, Coelho de Carvalho, Teixeira Gomes, Magalhães Lima, Carlos Malheiro Dias, Columbano Bordallo Pinheiro, e de muitos outros intellectuaes em relevo na vida portugueza.

A OPINIÃO DE SILVA PINTO

«Foi em Cintra á mesa do Lawrence's Hotel, que ouvimos do grande prosador a resposta ao nosso questionario. Terça-feira de Carnaval, com as janellas abertas ao àr purissimo, ao ar balsamico do edenico retiro amado por Byron e Garrett. Um dia esplendido; em

volta da grande mesa, dois ou tres grupos de inglezes conversavam animadamente, almoçando...

A essa hora — pensavamos — estaria a multidão, em Lisboa, aturdindo-se na kermesse febril dos povos latinos, que se chama Entrudo, esquecendo os pezares de um anno inteiro na orgiaca gritaria, na confusão enfarinhada, na *détente* dos nervos esfalfados, levados á extrema excitação.

Alli, calma absoluta. Apetecia sahir de quanto usualmente ha de convencional nas nossas vidas, nas nossas occupações; integrarmo-nos, homens, na Natureza, com tudo o que ha de bello e de grande n'essa integração: determinar-nos uma vontade, uma responsabilidade, uma consciencia; escolher, emfim, para as nossas conversas assumptos humanos, trechos de historia vivida, que despertam sensações, que fazem reflectir.

Foi assim que, naturalmente, a palestra tomou um caracter grave. Silva Pinto, o grande amigo, o bom e enternecido Silva Pinto, at-

tentando n'uma familia, cuja intimidade de encantar se estadeava a vinte passos de nós, disse, em voz alta, como prolongando um pensamento que lhe acudira:

— Por mais d'uma vez tenho reflectido no que ha de decisivo para a orientação do nosso espirito na influencia da mulher. Ella tudo póde e define... e seja como fóco da familia ou como chamma que se consome esteril, deixa no homem o impulso forte que lhe ha de determinar os actos, a obra, a vida toda.

Era propensa ao optimismo essa manhã de Cintra, com o arvoredo virente no horisonte, e o céo, muito azul, assentando a sua calóte sobre o dorso dentado das collinas. Lembrámo-nos d'aquellas palavras de Ruskin, o esthetа inglez: «Para qualquer parte que vá uma verdadeira mulher, o *home* vae com ella. Pouco importa que não haja senão estrellas por cima da sua cabeça, e a seus pés, por unico lar, na relva que a noite esfriou, mais que pyrilampos. O *home* está onde ella estiver, e se houver nobreza n'essa mulher, estende-se

ao longe em seu redor...» E retrucámos a Silva Pinto:

— Mas não lhe parece, amigo, que a mulher deve concentrar-se na familia: pois que ha memoria d'ella desde que ha memoria dos homens, e se mantém, embora tenham morrido leis, instituições, sociedades que os homens fundaram — é o unico fim natural e coherente?...

Elle abanou a cabeça e respondeu:

— Olhe: a mulher maior que eu conheci, não a impediu de ser grande o ser sem familia. Sabe a quem me refiro — e o rosto de Silva Pinto illuminou-se n'uma admiração extasiada — E' a Sarah Bernhardt.

— Do que conclue?...

— ... Que a familia é uma instituição digna de que a conservemos, sagrada, disse bem, porque dentro d'ella vive a mulher, e sem esta não póde existir familia. E que a mulher reune em si todas as condições de superioridade, como de Deus diziam os theologos, — que resumia na sua mesma essencia os fins e as causas

da sua divindade. Portanto, seja mãe fecunda e carinhosa, ou artista emocionante, do mesmo modo ganhou direito á nossa admiração immensuravel. E' até a multiplice variedade de aspectos em que nos apparece, reclamando sempre que a adoremos, uma prova mais de como está proxima da summa perfeição. A mulher, meu amigo, é sempre grande: na mais corrompida, ha ingenuidades angelicas e rasgos de nobreza d'alma.

— Sabe que está servindo, ás mil maravilhas, um inquerito que preparo ácêrca da mulher?

— Um inquerito?

— Sim, uma série de consultas aos typos da nossa aristocracia intellectual, para o *Dia*.

Elle volveu-nos:

— E quaes são os topicos essenciaes de tal inquerito?

Enumerámos-lh'os então. Dissémos que pretendiamos recolher opiniões ácêrca da mulher; do feminismo; dos typos de belleza e das qualidades moraes que devem caracterisar o

sexo fraco; dos vicios e qualidades dominantes na mulher portugueza...

— Basta — acudiu elle — não diga mais! Com que então, no sexo fraco? — Depois com ironia amarga: — O forte, sômos nós, já se vê! São os que toda a vida levam a soffrer da sua impossibilidade da adaptação ao meio, ou para se adaptarem despem-se de dignidade, pundonor, consciencia, — tudo casacos muito apertados de costuras... Anthero do Quental, Alexandre Herculano, Camillo, pertenceram ao sexo forte. Pois nem por isso foram mais felizes. Agora Carlota Corday, a mãe dos Gracchos, Filippa de Vilhena, Clémence Royer, Séverine, a grande Sarah, pertencem ao sexo fraco...

— Mas repare que está dando exemplo de anomalias, de creaturas de excepção!

— E quanto heroismo de mulher ha desconhecido, que não veio nas gazetas, nem nos livros consta? E quantas vilezas, quantas covardias sem nome e sem registo commetteram os homens? Não é sempre o egoismo do sexo

forte que amesquinha ou desgraça o sexo fraco?... Mas isto tudo são considerações que nem merece a pena formular. Olhe não se indireite com ellas o mundo, que vae tão torto desde que principiou no seu giro! Dizia-me que eu me ia prestando a uma consulta. Ah! se visse como se engana! Eu não posso de maneira nenhuma dar-lhe um documento de valia para o seu inquerito. Sou um doente, differente dos outros, incomprehensivel para muitos: não pódem as minhas idéas sobre qualquer problema social servir de norma ou apontar o caminho verdadeiro.

— E' pessimismo, ou má vontade. Justamente do esforço sincero de cada um, me parece que deverá deduzir-se a hypothese mais acceitavel e a theoria mais certa.

— Mas eu não tenho theorias, para mim isso são coisas inuteis. Tenho vivido e da pratica da vida extrahi certas maximas, creei um typo humano, concebi dois individuos.

— Que compendiam cada um as qualidades que idealmente devem ter os dois sexos?

— Não sei. Sei que ambos esse individuos têem defeitos e qualidades boas; se são normaes, que o digam os psychologos; que são humanos e verdadeiros affirmo-o eu, pelo menos d'accordo com as minhas observações directas.

— Então, como entende que não póde responder, tópico a tópico, ao inquerito, dir-me-ha, ao menos, como entende esses typos?

— Digo. E é o mesmo que se respondesse estrictamente: deixe aos leitores que deduzam pela minha descripção as minhas respostas.

— Muito bem.

— Chame ao typo masculino João Braz, por exemplo. E' um timido e um idealista; sentimental por natureza, reveste d'uma lenda imaginaria a primeira creatura que seus olhos se comprazem em admirar. Não a vê como ella é, divinisa-a, cria por assim dizer uma idealisação da materia; depois de ter dado ao barro vulgar da sua estatua um sôpro animador, adora o que concebeu, como o concebeu.

— Deve ser um infeliz esse João Braz...

— Disse bem. Ao seu amor, só a esse, quadram bem os versos:

> ... engano d'alma lêdo e cego,
> que a fortuna não deixa durar muito.

Interrompemos o grande evocador de paixões:

— Mas não serão assim todos os amores?

Elle sorriu.

— E d'ahi, talvez sejam. Mas João Braz possue, em faculdade aguçadissima, este poder de transformar á luz do seu amor todas as creaturas; de fazer da mais banal, um vulto extranho de poesia e de lenda; de tornar mais perfeita, ainda a mais invulgar... Estou vendo agora que serà melhor deixar na penumbra o typo de mulher, para que veja mais nitidamente o contacto d'estes dois individuos na existencia. João Braz, um dia, encontra uma mulher. Amou-a extraordinariamente. .

— D'um amor casto?

— O amor o mais perverso como intenção,

o mais casto como realisação. Só lhe direi que essa mulher tem no fundo do seu coração um attributo de todas as mulheres: a bondade, e é uma desilludida. A timidez extranha de João Braz, a ella que está habituada a vêr sempre egoismo no homem, sobresalta-a e causa-lhe espanto. Chama-lhe ella: «Minha creança grande!» Um dia, porém, o meu typo foi sincero; escreveu em trinta longas paginas tudo o que a sua adorada lhe inspirava, e mandou-lhas...

Vivamente interessados pela narrativa, perguntámos:

— E depois?

— Ella respondeu: «Como seria bom cahir de joelhos perante o altar em que me puzeste!» Percebe?

— Percebo. Teve a coragem de confessar-se muito inferior á concepção de João Braz; comtudo, foi um desencanto para elle...

— Foi uma tristeza consoladora; a impressão que esta mulher lhe deixou no espirito deve ter sido de grandeza e de heroismo, não é verdade?

— Certamente. Do que devo concluir, reportando-me ao meu inquerito...

— Que o homem é mesquinho e pequeno em face da mulher. E que sendo esta de natureza tão superior que todas as qualidades nobres lhe são innatas, nada temos a reclamar-lhe, nada que lhe pedir, mas tão sómente procurar attingir a maxima perfeição, que será esse o melhor meio de nos aproximarmos d'ella.

O almôço acabara em serena paz. Uma mulher de placida belleza, loira filha d'Albion, passava deante de nós, esbelta como um cysne fendendo as aguas do seu lago.

— Falou-me na grande Sarah, — dissémos ainda a Silva Pinto — Recorda-se bem d'ella?

— Para sempre! Em Portugal, ao despedir-se de mim, exclamou: — «E' a V. que eu devo as horas felizes que passei n'este paiz.» Respondi-lhe: «Senhora! A grandeza do seu talento não faz sombra á grandeza d'alma que tem!» Hei-de-me lembrar, até morrer, do olhar inefavel com que me agradeceu.

E magnificamente commovido, no esplendôr da flora de Cintra, que reverdecia, acrescentou:

— Oh! Mas essa causou-me sempre uma impressão de esmagamento, de excepção divina entre as excepções da terra! (1)

MANOEL CARDIA.

II (2)

Foi no jornal *O Dia* — que um meu camarada publicou uma ligeira palestra nossa, ácêrca do Eterno Feminino, — palestra ligeira, pela minha collaboração, mas convertida em *consulta* para um rasoavel corpo de doutrina, mercê da *interpretação*, tão lucida e tão generosamente complementar, do meu interlocutor.

---

(1) *O Dia* de 3 de março de 1903.
(2) *O Popular*, de 9 de março de 1903.

Separo da *consulta* as seguintes palavras, que eu disse e que me despertaram, ao vêl-as publicadas, o remorso de não haver produzido ainda outras — que teriam sido para o distincto explorador um novo ponto de partida. Eis o que eu lhe disse:

— «Affirmou-me que eu me ia prestando a uma consulta. Ah! se visse como se engana! Eu não posso de maneira nenhuma dar-lhe um documento de valia para o seu inquerito. Sou um doente, differente dos outros, incomprehensivel para muitos: não pódem as minhas ideias sobre qualquer problema social servir de norma, ou apontar o caminho verdadeiro.»

E adiante:

«A timidez extranha de João Braz, a *ella*, que está habituada a vêr sempre egoismo no homem, sobresalta-a e causa-lhe espanto. Chama-lhe *ella:* «Minha creança grande!»

A Manuel Cardia, que é para os nossos ca-

maradas de boa intelligencia — ou intelligentes e bem intencionados — um dos poucos espiritos litterarios ascendentes, sem carencia de protecções, nem de cabotinices, e que é para mim um dos raros amigos, por afinidades de espirito e de coração — direi que não me apraz conservar-me *doente e incomprehensivel para os outros*. Não quero que elles me julguem incomprehensivel para mim proprio, — o que seria cabal demonstração de inercia, ou de debilidade mental, em homem tão encanecido. As origens e causas das minhas contradições de caracter — como diria um critico de vão de escada, — ou do meu apparente estado morbido, ou da timidez extranha de João Braz, — já eu as produzi e arremessei ao esquecimento dos homens — esses caloteiros ! — depois de as haver lido á tal maravilhosa creação de Deus — hoje auzente em corpo e alma e então, no acto da minha leitura, auzente do espirito — aquella cabecinha no ar ! Oh ! a cabeça fulva da mais elegante mulher que até hoje pizou os palcos portuguezes !

Foi assim a leitura, meu amigo:

*

«Ha perto de seis annos que eu vivo malquistado com um dos meus companheiros de trabalho na vinha do Senhor, — um bello espirito e um bom coração que eu vi espremer lagrimas sobre uma agonia que eu fizera minha. Um dia, n'uma d'essas horas em que eu peço ao mundo *que me deixe*, cortei relações de amizade com o pávido môço, e creio que as cortei para sempre. Se eu peço ao coração que me explique estas monstruosidades, elle, o pobre musculo sangra abundantemente: é a sua resposta. Mas o meu espirito explica: — «E' a nossa desforra, — a do coração e a minha. Estamos fartos de razões de queixa contra os outros: é bom e justo que elles as tenham contra nós».

«Satisfaz-me a explicação, que de certo modo condensa a theoria da Perversidade, do meu querido Poe. Não é verdade que assim

nos encaminhamos á solução d'aquelle problema desgraçado: — O Sol do bom Deus resplandece de luz sagrada; toda a Terra aquecida e illuminada, alevanta-se em adoração commovida; da alma da mulher sáe bondade serena e ha claridades pacificas no coração dos humanos. D'onde vieram desolação e negrura ao coração d'este homem ?!»

*

«Oh! a felicidade dos Sombrios! Negar a luz, o calor salutar, o aroma que delicia e perturba, a dedicação que redime e consola, a intelligencia amiga que solicita um quinhão de maguas! *Isolar-se!* Crear á volta do proprio ser a espantosa muralha da Amargura, furtar o peito aos abraços e abrir á suspeita o coração; espreitar o Sol de uma camara escura; racalcar a bondade debaixo da rudeza; cruzar com o enternecimento a ironia; empeçonhar as lagrimas e bebel-as; saborear com delicias o travor do fel; abraçar-se com a Dôr, e, a sós

com ella, repetir n'uma concentração profunda como o Não-Ser:

—Não me perdôes, Satanaz, as minhas dividas, que eu não perdoarei ao Creador!

*

«Accrescimo, complemento d'esta ventura: *Viver com os mortos*. Ao fim da tarde, no cemiterio, quando o visitamos a sós, sem o piedoso alarde da romaria decretada pela Egreja, *elles* ouvem os nossos passos pela rua solitaria e erguem-se das sepulturas, para saudarnos. — «Não é verdade que se vive mal na vegetação?» —E apodrecendo?—Não se apodrece. O espirito subtilisa-se, desprendido do involucro, e julga de alto, então, a lamentavel miseria da vida. Sáe d'esse horror onde se chora! Vê bem: o riso das caveiras é o symbolo do contentamento, inalteravel e eterno, na região da Morte.»

«Oh! como então desfilam as recordações miserandas! E' a má familia, que nos empeço-

nhou as primeiras fontes da vida; é a amisade dos vinte annos, que nos explorou a seiva, o enthusiasmo e a candura; é o primeiro amor, que nos recebeu em lodo o coração despedaçado; é a ingratidão, que reuniu para a vingança esses pedaços de coração e d'elles fez amalgama de cinza espapada em sangue e de fel diluido em lama; é o mediocre, o horroroso mediocre, que passa triumphante, a olhar-nos ironico e compassivo; é o deshonrado malandrão de *chantage*, que nos insulta, contando com o nosso desprezo; é o imbecil audacioso, que se affirma nosso egual; é a exploração da nossa bondade reincidente; é o vacuo escancarado em frente das nossas represalias: — o nosso olhar desvairado procura uma cabeça, para esmagal-a, um coração, para tritural-o, — só vê craneos sem cerebro e corações sem sangue e *caracteres* perdidos: labios amortecidos que balbuciam *Irresponsabilidade!* Não me perdôes, Satanaz, as minhas dividas, que eu nunca perdoarei ao Creador?

«*Au revoir!* Mortos amigos! Sae-se do ce-

miterio, com a alma repassada da positiva serenidade d'aquelle *viver*. E' o accrescimo, o complemento da ventura. Aquelles *purificados* já não descem a trahir-nos, a injuriar-nos, a cobrir de infamias a sombra do nosso ser moral: o nosso talento, o nosso trabalho, a nossa abnegação, a nossa independencia, a nossa fé. Conquistaram a grande luz; nós espreitamos furtivamente para dentro dos seus dominios, e viémos para a miseria da vida, com os olhos deslumbrados, o cerebro perdido, o coração parado. Como se desvanecem os erros, as feias culpas, os aggravos dos que morreram! Mão enregelada é mão amiga, Espirito libertado alistou-se na legião dos Superiores. E a nostalgia do mysterio invade o nosso ser! Onde, ha quantos milhares de seculos saboreámos o fructo cujo travor nos delicia? Que pavorosa condemnação arbitraria nos roubou *a patria*? Que peccados commettemos algures justificativos d'este nosso desterro?...» [1]

[1] *N'este valle de lagrimas*, 1896.

*

Foi assim a minha leitura á maravilhosa e distrahida fulva. Ainda bem que o meu caro Manuel Cardia me deu hoje o pretexto para desvendar este *porque* mysterioso e implacavel que se chama *A Voluptuosidade da Dôr!*

SILVA PINTO.

III (1)

A caminho da *Morgue*, para o cemiterio dizia eu hontem a Fausto Guedes Teixeira: — «Se eu não contasse com o desabafo da escripta dentro de duas horas, estalava agora de magua!» E foram-se acalmando os soluços.

Duas horas depois, vindo do cemiterio, eu disse ao poeta: «Estou impossibilitado de es-

(1) *O Dia* de 13 de julho, 1903.

crever! O ar livre, as flôres, *não sei que mais:* tudo isso me dá a illusão indestructivel da existencia do Manuel. Sinto-o a sorrir dentro do caixão!»

Mas decorreu tempo, escureceu; a amargura reempolgou-me, surgiu a realidade torturante. O assumpto está senhor de mim.

*

Uma atmosphera de ternura e de carinho envolveu o queridissimo Manuel; mas não ha que temer a suggestão. O romantico adoravel não deixa continuadores: foi sporadico o seu caso tragico, em periodo agudo de precoce sensatez. Salvo opiniões sinceras, fundamentadas em theorias, eu pude ouvir, n'estas quarenta e oito horas, obscenos lapuzes *litterarios* condemnar o acto, em nome da Sciencia, — como um moço de tribunaes descobre no banco dos réos o *criminoso nato de Lombroso!* Mas eu prometti á santa alma do Manuel abster-me de retaliações, ao falar do bondosissimo rapaz

que só um dia foi cruel, inconscientemente, — quando, ao varar o coração com as balas de um rewólver, julgou inatingiveis um coração de mãe e o da mulher promettida e os de tantissimos que o amavam. Deixemos as retaliações!

*

Tenho aqui nma carta que elle me enviou em 13 de março d'este anno do Senhor. Extraio d'ella o seguinte:

«... Com que então, chama-me v. publicamente *um ascendente espirito, sem carencia de protecções, nem de cabotinices?!* As suas palavras hão de ser-me como braços abertos de um irmão, em que eu me lance depois das tarefas que são o meu pão de cada dia. Por terem vindo de v. lisonjeiam-me, envaidecem-me, e o que eu lhe affianço é que terá em mim o reconhecimento e a gratidão *para toda a vida.* Quem sabe se... Olhe, meu querido Silva Pinto, lembre-se das palavras de Francesca

de Remini commentando o amor de Paolo, depois de no inferno já:

Che, como vedi, ancor non m'abandona...

«Lembra-se, não é assim? Pois, do amor de Paolo e de Francesca, meu Grande Amigo, transportemo-nos a outra ordem, muito differente, de sentimentos. Quem sabe se, dado o encontro das nossas almas lá *no outro valle*, uma força de afinidade as fará ainda aproximar?

«Não sei. Sei só que muito o estima e lhe agradece e o abraça o seu — *Manuel Cardia.*»

*

Ora, nós combinaramos, alguns dias antes da sua morte, irmos descançar em Cintra, que elle adorava, logo que dispuzessemos de uma semana. Levariamos livros d'arte, discutiriamos; os seus 19 annos, muito meus amigos, chamariam á communhão da Vida o meu sombrio meio seculo. No dia terrivel fui eu a Cintra, só; e na manhã seguinte, vim á estação

esperar os jornaes de Lisboa: chegaram; vi a noticia... Quiz fugir com o Pensamento ao Facto. Estavam ligados, e eu senti-me, mais uma vez, nas garras da Fatalidade — a minha fiel e frequente visitadora!

*

Cheguei a Lisboa; fui vel-o morto á *Morgue;* alli as minhas mãos exangues lhe ageitaram os cabellos negros sobre a testa e os meus labios frios collaram-se áquellas faces de marmore, e os meus soluços como que o iam despertando. Era a expressão — ali presente, — era a mesma que lhe conhecemos em vida e que já o auctor dos *Miseraveis* dera á physionomia de Cosette: — o olhar triste, o sorriso alegre, o que por vezes lhe dava um ar extranho, — sem deixar de ser encantador.

*

O' queridissimo Manuel, meu unico amigo

com vinte annos! és tu quem parte, dizendo aos teus companheiros de trabalho: — «Gozei a vida, soffri, vou-me embora e não faço fal ta!» Se nos houvessemos encontrado a tempo, eu teria adivinhado — e tu não terias partido! Eu demonstraria, pois que tão alto, por grande favor, me consideravas, — que nada conhecias da Vida: nem os gozos, nem os soffrimentos — tão exhaustivos estes como aquelles. Eu haveria mostrado, para te prender á Existencia, pelo teu valor temerario, os bellos e terriveis perigos a affrontar e a vencer; e depois mostraria ao teu coração duas mulheres soluçantes, e almas torturadas de rapazes e, pelo menos, a de um velho Eu teria appellado para o que tu eras: a condensação da intrepidez, da dignidade, do talento, do brio, da energia e da vontade, — e haverias condescendido!

Condescendido em que? Em arrostar com a Monotonia da Vida.

E foi essa a determinante da tua morte: foi o teu espirito romantico, para todas as dedicações, a encontrar-se com os egoismos e as

deslealdades *d'agora* — quem sabe se com alguma petrificação do Monturo ?! E sentiste que devias partir, alma sublime, refractaria a aproximações — ignobeis para a tua inexperiencia infantil ! E agora ?

Agora... *quem sabe se dado o encontro das nossas almas lá no outro valle, uma força de afinidade as fará ainda aproximar ?*

Não o sei. Estanquemos as lagrimas — e esperemos !

SILVA PINTO.

ENTRE NÓS

I

Para a historia dos nossos costumes *politicos*:

Um dia pretendi o que quer que fosse de um ministro; a pretensão tinha de ser satisfeita, pois que era urgente sobre justa, mas a calaceirice do *estadista* immobilisava-a e só lhe permittia dizer que sim — com a cabeça — como os bonecos de feira.

Irritado, desabafei com um jornalista politico, o qual me disse:

— «Vou dar-lhe um conselho, que você não seguirá; mas não fique mal commigo!»

Escutei.

— «*Chegue-lhe!* Verá como é servido!»

E accrescentou:

— «Eu bem disse: ahi ficou você de má cara. Pois não lhe chegue e não será servido.»

E assim foi. E era um ministro que tremia em frente de um artigo. Mas a mim me parecia mal atacal-o, para obrigal-o a trabalhar. Foi-se embora (ha annos) sem fazer nada, e creio que me considera um tolo.

*

Ha dias, no parlamento, um deputado queixou-se ao presidente do conselho — de que um pequeno funccionario da provincia era victima de ignobil perseguição — *por vinganças politicas*. O ministro deplorou o caso infausto, mas poderia ter allegado coisa assim:

Haverá 15 annos, um empregado das obras publicas no Alemtejo foi, com a subita mudança do ministerio, transferido para Traz-os-Montes. Era a desgraça do homem, e elle assim m'o.

communicou, pedindo-me que lhe acudisse como pudesse. Felizmente, eu era amigo do novo ministro das obras publicas, a quem immediatamente recorri. Disse-me elle:

— «Esse empregado guerreou sempre o meu partido e a minha candidatura. Como aggravado *pessoalmente* e ainda mesmo como *partidario*, eu nada lhe teria feito agora; mas os *politicos locaes* só esperavam que eu fosse ministro, para cahirem em cima do homem. Você entende perfeitamente que o poder central, em Lisboa, tem mais que fazer do que perseguir um empregado da provincia, inutilisado na opposição — para fazer mal ao governo. Mas ha os ferozes e furiosos da terra onde o homem tem vivido, e esses não perdôam nunca, porque teem vistas curtas e sentimentos mesquinhos. Eu não posso conservar o seu recommendado no Alemtejo mas vou collocal-o n'um meio superior ao de Traz-os-Montes.»

E collocou-o. E eu fiquei inteirado.

II

A proposito de um assumpto que eu tenho tratado n'um jornal do Porto, interpellou-me ha dias no Chiado, á porta da livraria Gomes, nos seguintes termos, um estimavel burguez:

— O senhor, ainda que eu lhe pareça mettediço...

— Não parece.

— Muito bem. O senhor tem alguma rixa velha com *aquella gente de Alhos Vedros?*

— Que gente?

— O Moreira que matou a mulher...

— Nunca vi o assassino; nunca d'elle recebi aggravos; não conheço a familia, nem percebo a suspeita do meu amigo.

— Eu lhe digo: é que a insistencia...

— Em pedir o castigo do assassino?

— Isso!

— E' igual á insistencia das justiças em *deixarem correr*. Agora é que eu percebo a sua suspeita!

— ?!

— E' um symptoma.

— ?!

— Um symptoma de relaxada desorientação!

— !!!

*

Eu expliquei:

— Tem o senhor assistido, estes ultimos tempos, ao trovejar dos moralistas contra a dissolução da nossa sociedade, a proposito de uma tragedia domestica. Teem as mulheres ouvido o bom e o bonito, e melhor e mais catita os homens que as encaminham á *vida torta*. Pois senhor, teem-se dicto verdades, *que estavam na mente de todos*; mas a existencia de taes noções de Moral no espirito de toda a gente não impede que co-existam no mesmo espirito herezias como a sua — a da suspeita que ha pouco me manifestou...

— ?!

— Entende o meu amigo que um jornalista só movido por um sentimento de odio — e ainda bem que não admittiu mais suja hypo-

these! — póde insistir em chamar as justiças ao cumprimento do seu dever, indicando á execração geral a *protecção* que arranca um malvado ao julgamento e ao castigo. Só por odio, hein? E, quando na Vida Social se abrem sorvedouros ignobeis; em que se afundam existencias, reputações e bem estar de familias, e a consciencia publica vacilla estonteada, o senhor é, talvez, dos primeiros a flagellar os privilegios, as empenhocas, as protecções, os esmorecimentos, e as transigencias...

— Não diga mais! atalhou.

... Eu não disse mais.

III

... Ponho-me a scismar, uma vez por outra, á falta de melhor assumpto, n'estas *ratices* que hão de formar esta pagina, e que eu submetto á lucidissima apreciação dos meus amigos de Cerva e de Mondim.

Um dia d'estes tive de tirar um retrato, para

um livro. Por signal, deu-me que fazer a scisma do photographo — que me pedia um ar risonho, mas dizem-me que é mania do officio. Certo é que, ao apparecer me a photographia eu declarei — que a não queria, porque não se parecia nada commigo. Como toda a gente me affirmava *que era eu exactissimamente*, conferi ao espelho, e concordei.

E' que havia annos que eu olhava para o espelho, sem olhar para mim, e não seguira portanto as deploraveis mudanças do meu ser physico.

*

Tal me aconteceu com as do ser moral. Porque me não prende a attenção um facto que ha dez annos me teria impressionado e ha vinte annos me teria convulsionado? Positivo é que eu me reconheço mudado até repellir a photographia... quando assisto a episodios como um de ha pouco. Foi isto:

A contas com um abcesso que á sua conta tomou as minhas gengivas — o que eu noticio

para satisfação dos meus inimigos, — fui-me ao consultorio do sr. Oscar Leal, na rua do Carmo, para saber da importancia do meu *caso*, e, ao passar pelo Rocio notei que centenares de pessoas vestiam de luto — em attenção á rainha Victoria. Isto me serviu para considerar — que ha Victorias muito felizes, antes e depois da morte, — e que ha gente a quem fica muito bem o fato preto.

*

Ao tempo em que entrava no consultorio chegavam mais duas pessoas: patrôa e creada, sendo esta a padecente. Gemia e chorava a rapariga por modo que eu cedi-lhe a minha vez, o que muito me agradeceu a patrôa — typo de burgueza capazoria, dizendo-me:

— «Mal imagina vossa senhoria o favor que *me* faz!»

— ? !

— «E' que esta rapariga tem de fazer o jan-

tar e de engommar roupa, e não podemos estar aqui a perder tempo».

Eu fiquei a medir o perverso egoismo da creatura, emquanto as duas entraram para o gabinete da consulta. Esta foi breve. O medico abriu a porta, dizendo:

—«Não se póde tractar esta menina, emquanto ella não obtiver 15 dias de licença, para sahir da casa onde serve, por modo que não engomme, nem cozinhe...»

E a patrôa, retirando-se, com a padecente, e com um olhar terrivel:

— «Ora essa! Não me faltava mais nada! Da licença a livrarei eu!»

*

Quando sahi do consultorio (vou melhor: obrigado!) vim pensando, a caminho de casa, que é certo estar eu bem mudado. O que eu teria dicto áquella patrôa *n'outros tempos*, e como hoje me limito a pensar que a Vida é

bem miseravel coisa — desde a hypocrisia até á estupidez, sem offensa ao descaramento!

IV

Uma observação exacta do grande Hugo:— «A ignominia tem sêde de consideração.» Eu já lhes digo a-que proposito celebro aquelle achado; mas, antes d'isse, deixem-me *pensar alto* ácerca de uns derivativos. Recebo, um dia, um livro de versos, ou dois, ou um livro de prosas, de qualquer prendado de Lettras. Estamos longe, é claro, da ignominia, mas eu fallei de uns *derivativos* do meu pensamento, e explico.

*

Não é só a ignominia que tem sêde de consideração; é a mediocridade, mais ou menos insignificante, que tem sêde de louvores,— tanto mais irritada e irritante sêde quanto menos *a obra* do patétinha vinga prender atten-

ções. E assim me acontece, a praso de dois annos, ou mais, sobre a offerta, que me é feita, de um livro, *em homenagem do auctor*, assistir aos esforços do não citado auctor da homenagem por me desconsiderar e deprimir. Deixei de ser o homem e o trabalhador dignissimo dos seus respeitos, para ser um typo *apedrejavel:* e sómente porque não fallei da obra, por qualquer d'estes motivos — trabalho excessivo da minha vida, ou tão raza nullidade no trambolho, que nem me seria dado, para evitar desgostos ao patétinha, a tangente da cortezia em critica.

Isto dá-me para um grande tédio, depois de me haver causado grandes irritações. Certamente, a Humanidade nunca foi coisa boa, se não falha a Historia; não creio que seja o periodo actual o peior de vida das sociedades, mas pelo que eu e Tiberio e o commendador Francisco apuramos em observação diurna e nocturna, — ella não progride em bestialidade e perversidade, mas, se o contrario succede, mal se vê.

Não sei se me faço perceber.

*

Ora, não perdendo de vista a reflexão de Hugo, e trazendo em vista uma observação que me dirige um correspondente lisboeta, tem despertado galhofa a affirmação de sentido reconhecimento de numerosos patricios nossos pelas *delicadezas* da Inglaterra para com Portugal, e á ultima hora não deixa de ser aproveitado com enternecimento um cumprimento enviado pelo Kruger, a proposito de um anniversario e da hospitalidade que naturalmente se lhe concedera — a elle Kruger — e que não podiam deixar de conceder-lhe.

Não ha ignominia, mas que *sêde de consideração* manifestada em nome do paiz! Penso eu, agora, que, se o grande e desventurado Anthero do Quental, depois de haver tomado a sério as ligas patrioticas contra as ladroeiras e os coices britannicos, houvesse previsto as demonstrações portuguezas de reconhecimento

pelas *delicadezas* da Inglaterra, mais cedo teria fugido, — pela porta do suicidio, — ao atascadeiro social!

V

Hontem á noite, da varanda do meu quintal, assisti á seguinte scena no pateo visinho, povoado de gente muito pobre.

Um trabalhador, que ali móra, vinha da rua, trazendo um pão aberto ao meio e dentro tres carapaus fritos. Parou o homem defronte da visinhança, que em grupo, sentada no chão do pateo, contava lastimas da vida, e assim berrou:

— E que me dizem a esta agora, dos carapaus sem cabeça?!

Espanto geral, e o homem:

—E' o que se vê. A ladroeira chegou aonde podia chegar! E tudo em cima dos pobres! Vão lá vêr o peixe dos ricos e dos grandes: *se calha*, até tem duas cabeças!

Ora, é certo que o taberneiro supprime as

cabeças, inuteis, dos carapaus, para não lhe gastarem azeite na fritura: mas não o entende assim o meu visinho, que até nos carapaus se considera roubado pelos *grandes*.

Diz elle que é aonde póde chegar a ladroeira. E' iniquo e de pouco alcance de vistas. A ladroeira vae mais longe e não pára alli.

*

Dei-me eu a pensar, emquanto a pobre visinhança desabafava em pragas e *piadas*, á lisboeta, no caso banal — e desorientador, se muito n'elle parafuzamos — de a mesmissima gente, tão fertil em *piada* lisboeta para com a ladroeira chronica dos *gordos*, mais dos *grandes*, estar prompta a votar, toda a sua vida, nos mesmissimos *gordos* e *grandes* da politica e a abandonar o trabalho, isto é: a desarranjar o orçamento domestico, para ir ver, cumprimentar e venerar os *gordos* e os *grandes*, politicos ou impoliticos, dourados, cheios de veneras, paspalhões e resplandecentes. Não

vale a tangente de assistir a um espectaculo: eu tenho visto encolhidos de *respeito* perante *sua excellencia*, execrada e infamada, centenares, milhares de praguejadores.

*

E, pois que venho na corrente das banalidades, não deixarei de reproduzir uns dizeres que ha pouco ouvi ao nosso amigo Tiberio. Foram estas coisas banaes:

— Quando penso que morre um imperador e acontece o mesmo que se morresse um carroceiro: isto é, continuam os gallos a cantar...

— E as gallinhas a pôr ovos. Que quer concluir?

— Que a Natureza diz-me que nada d'isto é sério.

*

Isto que?...

VI

Nunca vi esta verdade — *os extremos tocam-se* — tão justificada como a estou vendo, ao deparar-se-me o artigo principal do *Popular* d'um dos ultimos dias. E' quando o Padre Mestre dos *Planos*, jornalista que pensa e que sabe, produz esta phrase, acolchetando a na choldra da vida contemporanea: — «Anda no ar enorme aberração dos espiritos!»

Estou ouvindo o outro *extremo* — o Conselheiro Encravadissimo: —«Sópra um vento de insania!»

*

A choldra da vida contemporanea, em Portugal, apresenta á ultima hora aquelle quadro das *casas religiosas* com as scenas que em demasia se conhecem. O Padre Mestre pronuncia-se contra a *ostentação* das victimas e contra o facciosismo que lança as responsabilidades de um individuo sobre uma classe. Não é só elle; tenho recebido protestos, de homens mais

avançados do que os republicanos, contra tudo aquillo.

Certo é que, fóra dos dominios chamados — o *mundo religioso*, as torpezas não escasseiam, antes diariamente avultam. Se eu quizesse — se me dera *la gana* — eu contaria excessos de perversidade e de devassidão pratitados por implacaveis inimigos do beaterio e até mesmo da Religião. Mas é demonstrar excesso de desorientação cairmos, de olhos abertos, no abysmo que aos outros denunciamos.

*

Deixem-me citar palavras do Padre Mestre, no tal artigo:

«Fóra, porém, d'estes casos e factos, mais vulgares nas classes pouco illustradas da sociedade europeia que nas superiores, tambem n'estas parece haver singular desvairamento, ainda nos espiritos mais rectos. Bem sabemos que os velhos são geralmente pessimistas na

comparação dos costumes actuaes com os da sua mocidade, de modo que ao ouvil-os julgar-se-hia serem no tempo de Adão as maçãs do tamanho de melancias de Abrantes, e estas egualarem o zimborio da Estrella. Mas, prescindindo de todas as exagerações, parece que se tem desenvolvido bastante decadencia nos costumes. Um caso semi-picaresco, que nos contaram hontem, define esta feição do nosso espirito.»

E d'aqui se deriva a uma anecdota *politica*. Eu já não distingo entre os *politicos*. Adiante!

Quer dizer — que não são as classes menos illustradas as que mais infamias estão produzindo. Olhem para certos malandrins arvorados em ministros; olhem para o professorado manchado por alguns dos seus mais pretenciosos membros; olhem para a aristocracia, que tem cadastros de arripiar a quem os ouve e os vê. E desculpem as classes *baixas* quando, timidamente, se permittem imitar as outras.

Se eu tiver uns dias disponiveis, ainda hei de contar lindas historias...

E todas da alta!

VII

Tenho alli no chão uma gazeta com uma biscata anonyma — faz-me rir um tal cuidado! — dirigida á minha fatigada pessoa. Deve ser do...

*

Deve ser obra do *Tumor frio*, um cavalheiro que eu conheço desde a minha mocidade — ha um horror de seculos! *Tumor frio* frequentava ao tempo os cafés; hoje prefere — as arcadas. Sabia já tanto como hoje, ou, por outra, tem-se esquecido de avolumar conhecimentos; mas era já especialista em commentarios á vida e ao trabalho do proximo.

Commentarios — como?

*

A' falta de argumentos e de raciocinio, *Tumor frio* tinha e conserva um sorriso que pretende ser enigmatico e algo trocista, e que denuncia a um observador uma crassa estupidez com a liga natural de perversidade. Nunca falha um sorriso assim — de alarve que se declara incapaz de admiração e que tem um ar irritado em frente do que é grande, ou do que é bello. *Tumor frio* não se contenta em deprimir e em calumniar litteratos, homens de estado, artistas, mulheres bonitas, etc.; quando a lingua viscosa e o sorriso alvar só despertam nojo, recorre aos bilhetes anonymos. *Tumor frio* tem-me escripto mais de mil, com diversas lettras, mas reconheço-o pela *construcção* das sandices. Tiberio é injusto em consideral-o peior do que parvo: — elle é apenas um parvo dos peiores.

*

Se o jornalista lança mão de um facto, para

condemnal-o, *Tumor frio* escreve-lhe, perguntando-lhe *quanto quer para estar calado;* se o defende, *Tumor frio* pergunta-lhe *quanto recebeu.* Tem sua *claque:* sujeitos que o consideram temivel e que vêem no sorriso do perverso idiota uma grande *emprenhidão de coisas.* Estando sempre em fóco, dia e noite, a espumar infamias e sorrisos *enigmaticos*, pelas arcadas, ou pelas praças publicas, ou pelas portas dos estabelecimentos, ninguem percebe como *Tumor frio* póde ter opiniões litterarias, artisticas, scientificas, — pois que não tem meia hora para estudo. Mas sabe muito — diz o commendador Francisco, — que já tem seus duzentos mil réis, para mais que não para menos, nas unhas do *Tumor frio*, e que o bajula — para lh'os apanhar.

Mas não apanha, que *Tumor frio* é caloteiro, alem de *invertido.*

VIII

Hontem á noite, no caminho rural que vae de Caneças á aldeia de D. Maria, disse-me Tiberio, a proposito de festas varias, — desde as do alto ás das hortas dos arredores de Lisboa:

— Valha a verdade: este povo *cumpre!*

— Não padece duvida. *Cumpre* como um povo que dá 80 a 90 p. c. para a estatistica da Instrucção publica na Europa! E não lhe fica mal — fallo do *povo que se diverte* — um certo ar de fatalista oriental, entre descarado e alvar.

— Tenho notado, observou o philosopho.

Esta tarde, em Lisboa, tive occasião de tirar a contra prova, vindo eu dos lados de Arroyos para a Baixa. Milhares de familias iam para as hortas, e tudo aquillo ria e jogava *piadas*, que se desfazia! Claro que não me seduz a idéa de vêr gente macambuzia, ou esgazeando olhos de afflicção; mas, como diabo se combina uma tal patuscada com o viver actual de cada dia, — poucos ganhos, tudo carissimo, calotes em toda a linha?... E agora me lembro eu de

Tiberio me haver dito um dia d'estes, n'um banco da Patriarchal:

— Olhe você que o *calote* está sendo o modo de vida nacional! o Thiago dos oculos não paga ao padeiro e o padeiro não paga as farinhas e o moageiro não paga a ninguem; o do talho caloteia o merceeiro e este caloteia o do talho, mais o do vinho, e parece-me que está tudo d'accordo.

*

Logo, á noite, regressam os foliões á cidade; vem bebedos de vinho azedo e falsificado, e, ao passarem pelos trens que levam gente aos theatros, vociferam: — «A vida está para estes canalhas ricos!...» Eu sou insuspeito, porque não sou rico, louvado seja o *Deus da bôa gente*, — mas se o fôsse dava um cavacão!

IX

Quando eu lhes digo que não ha camara

municipal como esta de Lisboa... Ora vejam este extracto da acta de uma das ultimas sessões:

*

«O sr. José Ignacio Dias da Silva apresentou o relatorio da commissão encarregada de discutir varias clausulas do contracto da camara com a Companhia Carris de Ferro. Historiou o que se passara na ultima sessão. Fez largas considerações sobre a delineação e obras da Companhia, terminando por pedir á presidencia a approvação do relatorio e conclusões, assignados pelos seus collegas José Ernesto e B. da Silva.

«O sr. presidente disse que esse trabalho seria enviado ao advogado syndico.

«Houve diversos incidentes, pedindo a palavra o sr. Antonio Duarte, que apresentou um requerimento para que se desse a materia por discutida.

«O sr. José Ignacio Dias da Silva protesta contra essa resolução. Pede votação nominal.

(Estabelece-se confusão, protestando alguns vereadores.)

«Afinal o sr. presidente fez a chamada, dizendo *approvo* os srs. José Ernesto (com declaração de voto) Leirinha, Ennes Costa, Antonio Duarte, Nogueira, Bernardo Alves, Valladares e Brito, e *regeito* os srs. José Martinho Guimarães, José Ignacio Dias da Silva, Petra Vianna, Oliveira Soares e Nascimento.

«N'esta altura, o sr. Oliveira Soares põe o chapeu e retira-se da sala.

. . . .

«O sr. José Ernesto Dias da Silva começou a tratar da questão das carnes, fazendo diversas considerações, impugnando parte do projecto do sr. governador civil, e allude ao que se passou na reunião de segunda feira, no governo civil.

«O sr. José Ernesto diz que Lisboa tem o municipio que merece, e applaude a resolução do sr. governador civil, visto como a camara trata as questões de maior importancia e a fórma como procede.

«Como os vereadores se fôssem retirando a pouco e pouco, e não havendo numero, o sr. presidente deu esse assumpto para a ordem do dia da primeira sessão.

*

Resuma-se:

1.º — O vereador José Ignacio Dias da Silva a contas com a *interessante Companhia dos Americanos*;

2.º — O interessante vereador Antonio Duarte, a pretender abafar o assumpto;

3.º — Confusão;

4.º — O vereador Oliveira Soares pondo o chapeu e voltando costas;

5.º — O vereador José Ignacio Dias da Silva apoiando a intervenção do governador civil nos assumptos que competem á camara, visto o modo (intelligente e brioso) como este mostrengo cumpre os seus deveres;

6.º — O vereador José Ernesto declarando

que Lisboa tem o municipio que merece. — (*Apoiadissimo.*)

7.º — Os vereadores safando-se á formiga.

*

Agora prepare-se o paiz para vêr Lisboa a desaggravar-se... reelegendo os patuscos!

X

Sempre que anda no ar uma crise, parcial ou total, do ministerio, mettem-se á cara do publico, como se o *publico* tivesse influencia n'alguma coisa, determinados nomes de politicos á caça de uma pasta. Tenho visto rojarem-se ás botas dos *reporters* diversos figurões, empertigados por feitio e por alto conceito de si proprios, — para o fim de obterem uma local de tres linhas: — «Parece que para a pasta de tal vae o sr. conselheiro coisa.» Não se concebe como alguem tanto suspire e

trabalhe por obter um cargo de tantas responsabilidades, debaixo de injurias e agressões e com vencimentos que não chegam para as despezas!

*

Contou-me, ha dias, um politico — dos da primeira fila — que era certo, ha 20 para 30 annos, apparecer-lhe subitamente na redacção (o politico é um dos nossos primeiros jornalistas) um certo conselheiro, para *dois dêdos de cavaco*. Durante annos, ninguem punha a vista em tal individuo; apurou-se um dia a causa das subitas apparições do homem: — ia cahir o ministerio, e elle habilitava-se a ministro, *junto aos jornalistas*.

Chamava-se Carlos Bento da Silva o homem de Estado, e foi ministro de tres pastas, se bem me lembro. Dizia me o politico a quem ouvi a historia:

— «Era tão infallivel a apparição d'elle como depois veiu a ser a do Baltar em Lisboa: representava ministerio em agonia!»

*

Quero eu concluir que são muito incertos os boatos de crises ministeriaes, em geral. Pelo ordinario são auctores d'elles os aspirantes a ministros, e collaboram na propaganda os sujeitos interessados na *mudança.* O que se fabrica em pêtas nas Arcadas e nos estabelecimentos que são centros de bisbilhotices politicas é de atordoar um rhinoceronte — animal de cabeça firme!

XI

Estava-me eu lembrando agora do poeta Fernando Leal, — quando, uma vez, indo de passeio — elle, Cesario Verde e eu, passámos por uma janella rez-do-chão, pela qual vimos, ao fundo de uma sala, um nosso collega em lettras, sentado a uma meza de trabalho; — chame-se-lhe de trabalho, visto achar-se carregada de livros, de papelada e de coisas precisas para escrever. O nosso collega parecia

disposto a *produzir*; de penna entre os dedos, meditava.

Deu elle fé, pelos modos, de que alguem o observava e entrou em grande agitação, pretendendo escrever, mas, como nada lhe acudisse ao espirito, — ou talvez porque lhe acudissem muitas idéas, — nada escreveu, e desatou a cortar tiras de papel, *linguados*, como nós lhe chamamos.

E então o Fernando Leal, vermelho de indignação e com o olho azul phosphorescente, berrou da janella, para o interior da casa:

— «Ora a cavalgadura a cortar papel! Nem uma idéa o grandissimo estupido!»

O Cesario e eu desatámos a fugir, rindo perdidamente, e fômos esperar o Fernando a certa distancia, para então lhe censurarmos a violencia; e elle, furioso:

— «O refinadissimo estupido! Nem uma idéa. Só quebrando-lhe a cara!»

*

Que os meus camaradas na legião dos Jornalistas e na dos Litteratos mettam a mão na consciencia, para condemnar o Fernando Leal, como eu por vezes o comdemno. Como eu, reconhecerão que ha horas na vida em que todos nós, — sem sermos aquellas coisas que o Fernando chamava ao outro, — só poderiamos *produzir* o córte de *linguados*, principalmente se alguem nos visse.

Hoje mesmo, se deu o caso de Tiberio me perguntar:

— Você já fez o seu artigo?

— Está você bulindo com a minha inquietação de momento!

— Falta de coisas, hein?

— E' verdade; falta de carne para fazer o bife.

— Conte historias!

— Cabeça fatigada...

— Diabo! E os Inglezes, os Boers e os nossos compatriotas?

— Tudo sabido e repetido: os Inglezes e os Boers dão e apanham, e o Portuguez não faz nada.

— Fale você das eleições!

— E porque não na carestia das bananas? Você tem ratices, Tiberio!

— Emfim...

E Tiberio, arrostando com a chuva, — pois que estava chovendo medonhamente, — lá partiu, deixando-me a pensar n'esta coisa triste:

— Que passaremos sem artigo!

XII

Ao meu *leitor n.º 3*, respondo:

— Obrigado por tudo. O seu alvitre é de difficilima execução — por mim. E' uma questão de temperamento *fazer-se a gente tolo* embora com intuitos litterarios. E então violentar-se um homem — até disfarçar-se entre patetas... nem pensar n'isso!

Em todo o caso, obrigado!

Lindo amor do largo do Pelourinho não tem emenda, por mais que se reeleja. Ora, vejam o que consta do *Popular*, ácerca dos ultimos feitios do *Lindo amor:*

«Suppomos não ter visto nunca trapalhada como a da camara de Lisboa.

«O projecto de reforma administrativa nas suas bases marca o numero de 17 vereadores em vez de 15, que eram. Como isso estava nas bases fez-se a eleição de 17 vereadores. D'ahi resultou, tambem por estar nas bases, funccionarem já 17 vereadores e serem os pelouros divididos por 17.

«Mas na bases tambem está que o presidente da camara de Lisboa será eleito pelos vereadores e não nomeado pelo governo. Pois como isto está nas bases, o presidente continua sendo nomeado pelo governo.

«Era, não era e andava nadando.»

... Não era *nadando* o que fazia o *Lindo amor:* era outra coisa.

Para elle!

Na camara dos pares o sr. Costa Lobo, — um estopador que foi ministro com o José Dias e alijado por esse tortissimo varão, vociferou contra as gazetas que se desmandam entre nós contra a Inglaterra. Até aqui estava no seu direito o Costa Lobo.

*

Quando elle desatremou do senso commum foi ao affirmar que os desmandos das taes gazetas estão em desaccordo com os sentimentos nacionaes — *em geral favoraveis á Inglaterra*.

Com a especial auctoridade de quem não quebra lanças pelos Boers, direi que o par Costa Lobo está mystificando os compatriotas. Mas olhe que nem os Inglezes do bairro da Lapa o tomam a sério! Todos elles sabem que a Opinião em Portugal acha ainda frouxa a linguagem das gazetas que os aggridem.

O que não quer dizer que os Inglezes, quer

os do bairro da Lapa, quer os da City, muito ou pouco se ralem com a Opinião do mundo.

Mas, não ha senão uma verdade: o resto são cantigas, ou tolices.

Sem offensa.

XIII

E' frequente ouvirmos os progressistas, quando entalados pela rhetorica dos regeneradores, gritarem a estes patriotas: —«E Kionga?! Lembrem-se de Kionga!» Referem-se á proeza de mão baixa dos Allemães e á condescendencia do governo regenerador. O velho processo: — Eu faço, mas tu fizeste!...

Ora, o que importa saber-se é que, — segundo lembra o Padre Mestre dos *Planos*, — quando a Allemanha levantou a garra sobre Kionga, como sendo possessão do sultão de Zanzibar, em cujos direitos ella succedera, o gabinete regenerador recusou e resistiu. Afinal teve que ceder, porque a Allemanha lhe apresentou dois documentos irrecusaveis e fo-

ram: 1.º despacho ou nota do marquez de Sá, reconhecendo Kionga como pertença do sultão de Zanzibar; 2.º despacho ou nota de Barros Gomes, no mesmo sentido.

Como se vê, é *tamém* dos progressistas a responsabilidade d'aquella carrapata. Já é preciso ter lombo!

No parlamento, a opposição abstem-se de voltar á carga sobre o tratado anglo-allemão, — porque não apparece o ministro dos estrangeiros: allegam os praticos. Ora, a razão é de cabo de esquadra: se não podem conversar com o ministro, conversem com os meus amigos de Cerva e de Mondim, que estão mortos por palestra! No entanto, porém, vae dizendo o *Temps*, grande orgão parisiense:

«Em uma reunião effectuada em Berlim, resolveu-se enviar ao principe de Hohenlohe, ao conde de Bulow e ao dr. Leyds uma mensagem, pedindo que o governo dê publicidade ao tratado secreto com a Inglaterra relativamente

á eventual partilha das colonias portuguezas: que seja interdicto aos industriaes allemães entregarem armas á Inglaterra para combater os boers e que o governo allemão activamente siga nos esforços encetados, afim de se augmentar a esquadra germanica, de modo a esta poder affrontar o esforço das esquadras inglezas.»

... Todos querem saber, por esse mundo em fóra. Só entre nós, exceptuando os taes meus amigos do Alto Minho e de Traz-os-Montes, que são curiosos, os povos entendem e declaram que não teem nada com *essas coisas*.

E' por saberem muito!

Continua o tribunal de verificação de poderes a invalidar eleições. Hontem foi a ministerial de Ponte de Lima. Diz, a proposito, o *Popular*—que não ha exemplo de terem sido annulladas tantas eleições, «o que prova o

systema de violencias e illegalidades, empregado pelo governo e pelos seus amigos.»

Provará, antes, que se trata de *mascarar* a invalidação das eleições do Porto, com a *seriedade* applicada ás outras.

O *Popular* entende, mas faz-se Lucas.

Lisboa está em vesperas de, novamente, se achar sem illuminação a gaz. D'esta vez não se arranja *grève;* a Companhia manobra a descoberto.

Quer mais dinheiro dos particulares, consumidores de gaz, — e ha de obtel-o, pois que é um dos altos poderes de Estado aquella tribu patusca. Não a têem visto caçoar com todos os governos, na questão do gazometro? Pois ha de fazer o que quizer, como a tribu dos phosphoros, a das aguas, a dos tabacos e a dos caminhos de ferro... *Isto é d'elles.*

XIV

Esta manhã, saindo eu de casa para o trabalho, encontrei o dr. B. R., que tambem ia, muito cedo, principiar a labuta da vida. O dr. B. R., que é hoje um medico illustre, é meu amigo ha trinta annos e ainda não tem cincoenta. Somos amigos desde uma épocha em que nenhum de nós tinha botas *apreseutaveis*, — a não ser ao trazeiro de algum enxovedo. Eu achava-me, então, installado n'nm quarto na rua Formosa e era, no Curso Superior de Lettras, discipulo de Antonio José Viale e de Augusto Soromenho. Os meus rendimentos vinham... do Acaso, sem rebaixamentos: bem o sabem os do meu tempo.

O B. R. vivia muito causticado: era republicano furioso, e em 1870 era isso caso grave dentro de um lar domestico. Todos os *chefes de familia* eram conservadores intransigentes, e amarguravam a vida dos *rapazes que tinham lá as suas malditas ideias.* Não sei bem como não deram *em droga*, á força de horro-

res soffridos, todos os moços da minha geração!

*

Pois é verdade: encontrámo-nos esta manhã e disse eu ao B. R.:

— Venho um poucochinho irritado.

— Que novidade!

— Falo sério!

— Isso agora é que é sério!

— Você já reparou n'isto?

— ?

— Vem uma *pessoa real*, n'um trem. O nosso povo (da capital) resmunga, a cem passos de distancia: — «Oh, que tropa! A gente a trabalhar para isto!» A pessoa real chega, passa, e o *Zé* tira o carapuço, e outra vez resmunga — depois de a *pessoa real* ter passado. Não é réles?

— E' o que ha de mais réles!

Não produzimos razões, nem era, nem é preciso. O que importa é dizer verdades aos *soberanos* — todos!

*

Diz o *Imparcial*, de Madrid:

«Escrevem de Lourenço Marques:

«Nas alturas d'esta cidade estão acampados 400 boers, sem armas. Trazem comsigo todos os seus bens, em grandes carros de bois. Parece que são transvaalianos que abandonaram o seu paiz, refugiando-se n'este territorio neutral, para fugirem ao serviço militar.»

E commenta o mesmo jornal:

«Esta noticia parece-nos muito significativa. De facto, no caso de haver boers desertores, do que duvidamos, não iriam refugiar-se em Lourenço Marques, mas no interior do continente. O que é de presumir é que os suppostos fugitivos não sejam senão uma avançada boer, que se apoderará de Lourenço Marques e occupará Komati-Port, porto que dá entrada ao valle do Transvaal, emquanto os inglezes effectuam a sua tantas vezes annunciada occupação de Lourenço Marques.»

... Do estendal de asneiras deduz-se, mais

uma vez, que muito custa a *nuestros hermanos* não obterem a *compensação* da sua ultima guerra — nas colonias de Portugal!

XV

Ha um horror de annos que eu oiço clamar, dos lados da opposição, aos governos, que é impossivel — moral e materialmente — aggravar os impostos, e ha tambem um horror de tempo que eu vejo os impostos aggravados por todos os governos sahidos de taes opposições, allegando todos elles, em defeza da sua incoherencia, que foi a descarada administração dos antecessôres que lhes impoz tão obnoxio recurso. E em tal circulo vicioso se tem *caminhado*, pretendendo-se aguentar a coisa publica, á custa da ruina dos *particulares.*

Claro que eu não estou para aqui a dar novidades aos doutores, nem aos instruidos: apenas trato de reduzir á linguagem vulgar a observação de certos factos que os *80 0/0* etc.

consideram metaphysicos, ou mysticos, e a que se obstinam em julgar-se extranhos. E' que vem um dia em que os *80 o|o* etc. teem de appellar para as *grèves*, ao sentirem que já nem os farrapos lhes poupam: devem então reconhecer que se excederam em relaxada indifferença.

*

Ahi temos nós os viticultores a braços com uma crise terrivel e obrigados a formar Congresso, para o fim de obterem que os altos poderes se mexam... sem ser para acabar de esfolal-os. Deixem-me dar a palavra sobre o assumpto ao pratico Padre Mestre dos *Planos*. Diz elle:

«Ha quatro annos que se vae preparando esta crise, como outras tantas, embora menos graves, e ha quatros annos tambem que se vem exhortando o governo a que pense n'alguma coisa, a que faça alguma coisa, a que apparente, ao menos querer, fazer alguma coisa,

para conjural-a. Baldado tem sido o empenho com que, quasi dia a dia, n'este jornal, como em tantos outros, se lhe tem fallado em tratados de commercio, e tem advertido para que se erga do seu antipatriotico torpôr, quebre a sua pétrea immobilidade, porque toda a nossa exportação ia gradualmente resentindo-se e ia sendo sacrificada a economia do paiz á sua inacção e á sua incapacidade... Agora ahi tem de toda a parte os clamores, clamores dos que não podem vender e dos que não podem pagar, e todo este côro, já tremendo, de imprecações e de lamentos pode bem ser o precursôr de violentas tempestades. Pois tudo tem sido a consequencia de quatro annos da mais incapaz e insolente administração que registram os fastos nacionaes».

... E' o que se tem dito de quasi todos, e nunca sinceramente.

XVI

Berra um jornal dos mais praticos, que estamos a 18 de janeiro ([1]) e que ainda se não fez nada no Parlamento. Talvez o caso de se oppôr áquelles protestos o *Do mal o menos.* Aquella sêde de actividade parlamentar é de sinistra suggestão!

Todavia, na sessão de hontem, algo se disse de grande utilidade. Refiro-me ás palavras do sr. João Franco ácerca da má administração, e quando assim disse:

«E' nos actos dos proprios portuguezes que está o maior perigo da patria, pois que do augmento das despezas e da má administração financeira é que nos podem resultar complicação no estrangeiro.»

Repito que são de grande utilidade essas palavras, embora muito singelas, como a ideia que exprimem, — e talvez mesmo por essa sin-

---

([1]) De 1900.

geleza. Diz um dos nossos dois ou tres jornalistas a valer — que para uma affirmação ser lida em Portugal precisa de passar, impressa, umas dez vezes, e d'ahi para cima, pelos olhos do publico. Ora, aquellas coisas singelas, proferidas pelo chefe regenerador teem sido ditas e impressas *duas mil vezes dez vezes*, e não faltou quem hontem, ao ouvil-o no Parlamento, as julgasse novas. Estou por aquillo que me disse uma vez o socialista Nobre França. Eu lhes conto:

*

Entrava eu um dia na livraria Bertrand, de que elle era então gerente, — ha uns 20 annos, — e notei que o meu amigo França, ao fundo da loja, olhava para mim com uns olhos ardentes, mas, evidentemente, *sem me vêr*. Dirigi-lhe uma, duas, tres vezes a palavra, como que para o despertar; e, subitamente, o amigo França, correndo para mim, do fundo da livraria, agarrou-me um braço e bradou-me:

— Ah! sr. Silva Pinto! Por mais que v. se

esforce, nunca se aproximará da verdade ao falar da *espantosa estupidez que vae por este paiz!*

XVII

Sendo em regra massadores os *discursos da corôa,* ha, todavia, em todos elles, um ponto que todos os annos me diverte: é aquillo que remata o discurso e que diz assim:

«Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza: E' vasta e complexa a obra que as circumstancias vos impõem, mas não é superior á vossa competencia e illustração. Certo, como estou, dos sentimentos que vos animam, confio plenamente que, com o auxilio da Divina Providencia, empregareis os vossos melhores esforços para, como vos cumpre, prover ao bem da nação.

«Está aberta a sessão.»

*

A vasta e complexa obra imposta pelas circumstancias á competencia e á illustração do meu visinho do predio d'azulejos, deputado pelo Alemtejo! E tal obra, ainda assim, não superior ás alludidas illustração e competencia! Imaginem que o alludido *representante* possue uma quinta nos arredores de Lisboa e que ha dias perguntava, n'um carro americano, a outro individuo:

— Já visitou a minha quinta?

— Não visitei.

— Pois deve ir vêl-a. Tenho feito ali obras importantes: ainda um dia d'estes mandei construir uma fonte com *um repuxo de sophisma*, que é de se lhe tirar o ahapeu.

— De sophisma?!

— Justamente. Agora, com o inverno, mudam as *inclinações:* não quero saber da quinta: o que eu quero é dormir, e não durmo menos de 14 horas por dia: são 4 em S. Carlos, 4 na camara dos deputados e 6 na cama.»

...Tal disse o homem. Averiguei, depois, que o *repuxo de sophisma* vinha a ser *repuxo de phantasia*. Quanto a dormir durante as funcções parlamentares, outros representantes menos palurdios o fazem com toda a illustração e competencia. Agora me lembro eu d'um episodio que teve graça...

Estavam no poder os filhos dos Passos e fazia um discurso o «nobre presidente do conselho». Um pae da patria, membro da maioria e dos mais considerados, resonava, o que não impedia que de quando em quando abrisse um olho e bradasse: — «Apoiado!» Mas, succedeu terminar o seu discurso o sr. José Luciano e, logo em seguida, tomar a palavra o sr. João Franco. Imagine-se o effeito da *scena*, quando, em meio de uma catilinaria do caudilho regenerador, o dorminhoco progressista, suppondo que fallava ainda o seu chefe, bradou: — «Apoiado! Apoiado!»

Tudo desatou a rir, e o homem, abrindo os olhos e reconhecendo o disparate, berrou: — «Não apoiado!» com o que augmentou a risota.

*

Vem isto a proposito da illustração e da competencia, não inferiores ás circumstancias que nos assoberbam. E' certo que nem todos os parlamentares teem *repuxo de sophisma*, nem dormem no parlamento; pois é pena que alguns dos mais espertos e acordados não sejam tolos e não durmam... Creio que me faço perceber.

XVIII

Hontem á noite, um sujeito que é par do reino e que, todavia, não se dispensa de *pensar*, disse-me, encontrando-me na Avenida:

— Porque é que o senhor não estuda a *questão dos vinhos*, para fallar d'ella? Naturalmente, diz-me que é litterato; e, sendo assim, porque é que não trata da Litteratura russa? Olhe que os mais sabios pensadores estão hoje a preoccupar-se no assumpto, e mesmo entre nós...

— Entre nós o que?

— Sabios professores tratam do *caso*...

— Dá-me licença?

Elle deu-me licença, e eu assim falei:

«— O meu amigo, que é velho frequentador de S. Carlos, lembra-se do Luigi Merly?

«— Se me lembro! Ha bons 30 annos!

«— E' isso mesmo. O Merly fazia os barytonos e os baixos, por exemplo: — o *Macbeth*, na opera d'este nome, e o *Nelusko* na «Africana» e o *Mephistopheles* no «Fausto». Ora, o Merly ia todas as manhãs comprar peixe á praça da Figueira e, com elle, regressava a casa, onde cosinhava caldeiradas estupendas. Comia-as, bebendo espantosamente. Um dia, o medico do theatro disse-lhe:

«— Olhe que o senhor perde a voz!

«— Por comer peixe de caldeirada?

«— Justo!

«— Meu amigo, se eu comesse canja e gallinha cosida, poderia cantar de soprano. Mas não vale a pena...»

—Venha a moralidade da historia! berrou-me o velho par.

— Quero eu dizer que, se me abstivesse de caldeiradas, poderia cantar a *questão dos vinhos* e a *litteratura russa*. Todavia, não me abstenho de dizer-lhe, sobre os dois assumptos...

— O que?

— O seguinte:

*

— A respeito dos vinhos sei perfeitamente que *a dentro de fronteiras* luctamos com a adulteração perpetua: basta o que se realisa na capital, para dar cabo de uma população. Não ignoro que ha uma repartição especial, etc., mas a falsificação é especialissima. Pelo que toca ao *exterior*, ha mais de dez annos que vivemos na doce illusão de que os francezes, só com o mercado de Bordeus, consumirão todo o vinho portuguez, até ao dia de juizo. Ora. em Bordeus não se consome vinho: *prepara-se*. Todos os vinhos convém ali, á preparação.

Uma vez levados á parede, ali nos outros mercados, como pelos vinhos hespanhoes, italianos, etc., graças á inercia de quem deve fazer tratados e á parlapatice de quem faz grozas de portarias hindustanicas e palurdias, ficamos perpetuamente inutilisados; mas ninguem quer saber d'isto, como *do resto* se não quer saber: fallo lhe das *escolas primarias agricolas*, para os quaes se nomeou um inspector — sem haver uma só escola!

...Quanto á litteratura russa, deixe-me dizer-lhe que bom seria estudarem os taes nossos professores o *portuguez*, antes de se metterem no russo. E não arregale os olhos, como quem vae protestar! Olhe que eu provo-lhe que ha essa lacuna, aliás rasteira, na alta orientação dos nossos sabios. Se protestar alto, fallarei...

*

— Diabo! O senhor entristece-me o espirito!

— Com menos trinta annos de vida, que o

senhor tivesse, eu dar-lhe-hia um conselho alegre e moderno.

— ?

— Que casasse com uma velha rica, afim de conquistar o *amor* das marafonas eternas.

A TAL GUERRA[1]

O que me tem custado essa guerra da Africa do Sul, nunca o poderá imaginar o espirito inglez! E de tal impossibilidade resulta esta deploravel coisa: — não receber eu um bom subsidio da Grã Bretanha. Mais uma vez trabalhei e fui por isso injuriado — sem receber coisa alguma. Já é enguiço!

Muito a sério, julgo dever justificar, mais uma vez, os meus dizeres inalteraveis: *os boers serão esmagados*. Vejam os cavalheiros: Ludovic Naudeau consulta Gustavo Le Bon e obtem a seguinte resposta, que faz desapparecer

---

[1] 1900.

o natural inimigo da Inglaterra, para dar logar ao pensador de solido criterio e de vastos horisontes do espirito, — tanto peior para os admiradores do *tio Kruger*, aquelle *que*, *no seguro e no quente*, vae gosando os rendimentos e recitando a Biblia...

*

«O homem, governado outr'ora pelos seus deuses, os seus codigos e os seus reis, é hoje guiado por necessidades economicas independentes da acção dos governos e sobre as quaes, consequentemente, a vontade dos chefes de estado não tem acção. Póde verberar-se essas necessidades, mas é preciso que a humanidade as acolha e se adapte a ellas. A lucta economica actual do oriente e do occidente — lucta entre raças com aspirações muito resumidas e povos com ancias infinitas — terminará indubitavelmente pela derrota do occidente, isto é, — o occidente continuará a importar merca-

dorias, mas não exportará os seus productos. Tal situação não poderá durar muito tempo, porque o commercio consiste unicamente na troca. A moeda não é mais do que um symbolo de contracto, um signal representativo. Um paiz que só importasse durante varios annos, sem fazer as suas exportações, arruinar-se-hia immediatamente. A Europa, no entanto, exceptuando a França, graças ao desenvolvimento da sua agricultura, não póde viver sem o commercio exterior, pois que não produz o sufficiente para alimentar os seus habitantes, por um praso de tempo superior a seis mezes. Ora, se o oriente se lhe fechar, aonde ha de ir depois?

«Resta a Africa, immenso continente apenas explorado, mas que antes d'um seculo será, certamente, uma das mais ricas regiões do globo. Os homens de estado inglezes foram muito previdentes, apoderando-se d'esse continente, a pouco e pouco. O seu imperio estende-se ou vaees tender-se, do Cabo ao Cairo. Conservar essa linha, não a deixar interrom-

per por soluções de continuidade por qualquer preço é, para a Inglaterra, uma questão de vida ou de morte. D'ahi, as suas violencias a proposito de Fashoda e as suas despezas enormes psra a destruição dos boers. Nunca os inglezes, depois de Napoleão, fizeram tamanho esforço; mas, em boa verdade, é hoje tão importante para elles aniquilar os boers, como outr'ora o foi vencer para Bonaparte. O Transvaal é uma nação de heroes que está dando ao mundo um admiravel exemplo de energia. Os historiadores do futnro repetirão de edade em edade as suas façanhas, como repetem as dos guerreiros das Thermopylas. Mas elles luctam contra uma das mais formidaveis potencias do Universo, — e essa potencia tem um interesse economico de primeira ordem em fazel-os desapparecer até ao ultimo. Parece, pois, fatal o seu aniquilamento. Nas realidades da vida moderna, seria infantil repetir que a força prepondera sobre o direito. O direito e a força tornaram-se identicos. O direito d'um povo avalia-se precisamente pela força de que elle

dispõe para a sua defeza. Isto exposto, pede-me o senhor, em primeiro logar, que lhe diga o que será a Africa d'aqui a cicoenta annos. Segundo iodas as probalidades, tornar-se-ha n'um immenso imperio inglez, coberto, como a India, de caminhos de ferro e de linhas telegraphicas, habitado especialmente por negros reduzidos á escravatura e governados por alguns brancos. A segunda pergunta que o senhor me faz é a seguinte:

«Se o seu ideal pudesse realisar-se, qual seria o estado social da Africa do Sul em 1950?»

«A resposta não póde offerecer grande interesse. Quando monto um cavallo que toma o freio nos dentes, o meu desejo é que o animal se detenha, para que a minha cabeça não corra o risco de esmigalhar-se; mas o cavallo nunca dá fé d'este meu ideal. As leis economicas que regem hoje o mundo conduzem-no com a rigidez d'uma engrenagem, e nós não temos remedio senão toleral-as. Não é com simples aspirações que se póde mudar a face do mundo.»

*

. . . Depois, que querem que eu lhes diga ?!

UNS MAIS NOVOS

Hoje, recebi da provincia uma carta, precedida de dezenas de outras assim, de varias procedencias, nos seguintes termos:

— «Os meus principios tornaram-me incompativel com a tyrannia paterna; resolvi sahir da casa; tenho força e tenho independencia.

Peço-lhe que arranje um logar, onde eu possa manter essa independencia.

Sinto em mim algum talento.

Emfim, v. sabe o que isto é.»

Etc.

*

Pondero aos meus irmãos mais novos que a *independencia* e o *talento* assim affirmados o

mesmo é que se n'um bilhete de visita fizesse um d'elles imprimir:

Fagundes,
independente e talentoso,

o que seria burlesco...

Accresce o seguinte:

Teem esses meus irmãos mais novos a certeza de que possuem talento?

Teem a certeza de que possuem independencia?

Parece-me que são licitas as duvidas, pelo menos no tocante á segunda parte.

Abandonar o filho a casa paterna, porque o pae não pensa como elle, será talvez uma *independencia absoluta*, mas corrige-a logo o facto de se dirigirem a um desconhecido, pedindo-lhe que lh'a mantenham.

Ser *independente* é dispensar-se de intervenção alheia no proprio destino.

E aqui se estabelece o dilemma:

— Se pede aos outros que lhe acudam, é

melhor ficar em casa e transigir humanamente com os seus; se tem força para repellir intervenção alheia, conte com a *miseria* a certo prazo. Olhe que eu sei d'isto.

*

Ora, não me diga que é uma coisa miseravel — a mizeria. E' uma coisa atroz. Sabe lá?! E' a fome, são os sapatos rôtos, é a mocidade privando-se de apparecer, é o desdem das mulheres, é a ostentada compaixão dos patifes, é o commentario do amigo da familia: — «Aquillo é um desgraçado!» E são as lagrimas que na familia chora alguem — talvez todos, occultando-se uns aos outros, sobre as amarguras do *independente*.

Digo-lhe que é atroz, mancebo de hontem!

*

— E porque foi que eu?... Foi outra coisa. Eu não abandonei a familia. Aos 20 annos,

sem ser interrogado, fui posto na rua por meu pae, sem pão para o dia seguinte, — porque elle tinha mais consideração pelos seus principios politicos e religiosos do que pelos seus deveres paternaes.

Sahi de casa, sem me queixar, sem alardear *independencia*, e deitei-me ao trabalho, sem pedir que me garantissem a existencia. E como assim fosse, soffri a *mizeria* — completa, e quasi acertou João Chagas, quando ha dias escreveu a meu respeito:

— «Parece que traz nos olhos a visão da sinistra jangada da *Medusa*...»

Se eu lhe digo que se perde — para sempre — na medonha travessia — a vontade de rir!...

OS DOIS PEQUENITOS

Falo do *Marius* e do *Raul*. [1] O primeiro, assaz conhecido do meu publico, tem hoje os seus 17 annos, está *muito desenvolvido*, — direi mesmo que deixa embasbacado quem o conheceu ha 4 annos, e que desde então deixou de o vêr até que hoje o encontra novamente. E' muito bondoso, pacifico e retrahido, com uma solida vocação musical, — auxiliada pelo curso do Conservatorio, e muito inclinado á mechanica e mesmo ás complicações de machinas, de que eu não percebo coisa alguma. Para litteraturas não o chamou, felizmente para elle, a Providencia amiga dos bons rapazes.

---

[1] Em 1902.

Quanto ao Raul — de 5 para 6 annos — promette ser outra *especie* de cavalheiro. Tem na physionomia uma tal expressão de malicia e de grande troça que, um dia d'estes, mostrando eu o retrato d'elle a varias pessoas, todas desataram a rir — e eu tambem. Todas as manhãs, emquanto o Marius ainda dorme, o Raul almoça commigo — o que é para mim o mais encantador dos supplicios. Elle entorna o seu prato e mette os dedos no meu, atira-me pedaços de pão, quer assucar e manteiga no bacalhau e deita-me batatas no café. Se eu reajo, grita, enfurecido, ameaça-me, e ante hontem, abanando a cabeça d'alto a baixo, disse-me com voz grave:

— «O' Jéjé! olha o cú!»

*

Tinha o Marius a mania de puxar com gana pelo rabo de um gato — que já morreu — e que, muito causticado pelo pequeno, lhe retribuia com unhas e dentes as causticações. Um

dia eu disse-lhe que não devia *fazer mal* ao gato: que lhe fizesse *festinhas*. E dias depois, como eu visse o Marius a contas com um fatacaz de queijo, ponderei-lhe que tanto queijo lhe faria mal; e elle:

— «Não faz mal; faz festinhas!»

*

E' preciso conviver com as creanças, para nos convencermos de que é impossivel, *depois*, passar sem ellas. Claro está que me refiro ás creanças que nós amamos. Um dia, no Porto, haverá uns 30 annos, um auctor dramatico chamado Antonio Correia, que foi muito meu amigo, convidou-me a assistir em sua casa á eitura de um drama seu. Fui; elle tomou logar, para a leitura, no seu gabinete de trabalho, e principiava a ler, quando tres ou quatro creanças entraram *a galope* no recinto consagrado, e desataram n'uma berraria infernal e em cambalhotas de circo. Eu deixei de prestar attenção á leitura da peça, e por tal modo manifes-

tei o meu despeito que o leitor, interrompendo-se, disse-me:

— «Renuncio a ler, meu caro amigo. Vejo que você não é pae, e não póde, portanto, apreciar as delicias d'esta *inferneira*. Deus lhe dê meia duzia de brejeirotes d'estes, pela vida fóra; depois não poderá passsar sem elles.»

*

Mnitos annos volvidos, não me deu o Eterno meia duzia de bréjeirotes — nem um só; mas agora comprehendo eu bem as delicias do meu saudoso amigo — ao aturar as *symphonias* do Marius e ao partir-me a loiça o Raul, meu companheiro do almoço.

MISERIAS!

Aconteceu-me ha dias chegar eu a casa para jantar, e logo me apresentarem uma carta, na qual se me pedia soccorro para uma familia em dolorosas circumstancias. O signatario da carta afflicta e afflictiva era o chefe da familia, e o que elle, resumindo, me pedia, era a minha intervenção nos jornaes em favor de oito infelizes.

Minutos depois de receber a carta, enviava eu ao *Seculo* o meu grito de soccorro, e logo na manhã immediata principiaram a affluir esmolas destinadas á tal familia. Mas então se produziu este *episodio:*

Escreveu-me a redacção do *Seculo*, a ponderar-me que o chefe de familia não merecia protecção, — que eu fôra illudido (*mais uma vêz!*) — e que me pedia instrucções ácerca das quantias que recebera para o tal cidadão.

Respondi — que fizessem os collegas o que entendessem, e desinteressei-me do assumpto. E por tal modo me senti ferido, devendo já estar insensibilisado, que resolvi introduzir reforma nos meus processos philantropicos. *E' isso: pagam os justos pelos peccadores;* mas eu não tenho tempo nem aptidões para distinguir as classes.

*

Dizem-me que o tal homem não faz nada... a não ser explorar o *sentimento* dos outros. [1] Não se imagina, onde se trabalha, como esta especie é vulgar nos grandes centros da Civi-

---

[1] *A' ultima hora, ha protestos. Fallaremos, talvez.*

lisação, e d'ahi o dizer-me Tiberio — que eu não deveria ter-me exaltado. Mas é que uma gotta de abuso faz trasbordar a taça, — como diria o Encravadissimo.

*

Fallei-lhes de *fajardices*, que constituem o modo de vida de milhares de individuos na capital, sendo certo que os taes milhares vão augmentando, por modo atarantador. Não ha duvida que as difficuldades da vida não bastam para lançar em expedientes inconfessaveis um nosso irmão em Christo, dado que elle tenha o amor do trabalho, o respeito proprio, ou, pelo menos, certo espirito de resistencia, pela Honra, contra as tentações da vida facil; — mas, sob pena de alardearmos severidades em demasia pesadas para a fragil condição humana, devemos concordar em que a vida — a conquista do pão nosso — se tornon entre nós um perfeito inferno.

*

Estive eu agora a passar *em revista* algumas dezenas de nomes. São os de empregados publicos em logares de responsabilidade e de trabalho. Não encontro um só, entre esses homens, que não tenha, para sustentar-se e á familia, de accumular, com o serviço do Estado, trabalhos particulares. Um tem a seu cargo escripturações de lojistas; outro correspondencias de jornaes; aquelle perde as noites a revêr provas typographicas, — e conheço um segundo official (vencimento 500 mil reis annuaes) que faz a cobrança de dois Monte-Pios. Não ha duvida que estão longe do Heroismo esses nossos patricios, mas não soffre duvida que tem direito a consideração o homem que, durante um dia, renova duas e tres vezes a sua labúta, em diversos terrenos de actividade, para que não falte o pão, nem o vestuario, nem o abrigo, nem a educação, a seus filhos. Pois que já não figura na Terra o Martyrologio com direitos á canonisação, confessemos

que é ainda um sympathico martyrio o do suado trabalho, pela Familia, nos severos dominios da Honra.

*

Não haverá, pois, *meio termo* entre tal martyrio e as *fajardices*? Tenho a preoccupação de que, a avolumarem-se diariamente, como estamos vendo e sentindo, as difficuldades de existencia, deixará de haver *meio termo*. Ficarão os dois grupus, — mais o dos padeiros que amontôam fortunas emquanto aos freguezes falta no pão o respectivo peso.

COISAS PRATICAS

Corre como certo que o sr. Anselmo d'Andrade vae *metter na ordem* a famosa Companhia dos Phosphoros, aquella que pôz a tolerancia dos consumidores á prova de... Se eu fallasse da tolerancia dos consumidores de phosphoros, a Companhia chamar-me-hia aos tribunaes, e o conselheiro Malandrão accusar-mehia de excitar os *outros*...

*

E se eu fallei de tal poder no Estado (refiro-me á dos Phosphoros) foi a proposito de

outros dois — a Companhia do Gaz e a dos Americanos; e tudo isto para lhes dizer, aos meus amigos de Cerva e de Mondim, o seguinte:

*

A empreza do Theatro da Trindade ha mezes que *requer* o serviço da Electricidade para aquella casa de espectaculos.

Como quer que mais ganhe no gaz a famosissima Companhia, que explora, sem concorrencia, o Gaz e a Electricidade, aconteceu que a empreza da Trindade viu-se grega, até agora, para que lhe deferissem o requerimento, — allegando a Companhia que não dispunha de coisas e tal — e tudo isto sem appellação.

*

A Companhia dos Americanos requereu e obteve a concessão de um ascensor que seria o mais util da cidade — do Caes do Sodré á Patriarchal. Sabem para quê? Para não o

Patriarchal. Sabem para quê? Para não o construir, pois que essa obra prejudicaria os *Americanos*. E ha uma *Camara Municipal de Lisboa* para este pagode, e ha uma cidade que reelege essa camara... Sabem qual é a palavra urgente?... Isso! Isso! [1]

---

[1] Em 1900.

VARIA

I

Uma folha diz, referindo-se a factos escandalosos e impunes:

— «Se os poderes publicos os não castigarem (aos criminosos), o *paiz* saberá castigal-os.»

*

Não faltam razões para duvidar da intervenção do *paiz*, a não ser que tal collectividade saia dos dominios da abstracção para uma definição positiva. Se o *paiz* é Tiberio, pitadeia-se, encolhe os hombros e murmura palavras incorrectas; — se é o *commendador Francisco*,

cóça-se na careca, de olhos esbogalhados, a pensar no *escandalo* da Soledade arrependida; — se é o Abobora, não entende, nem quer entender, pois que as amostrinhas de mioleira estão hypothecadas ás lindas ancas da citada Soledade; — dado, porém, que se trate dos meus visinhos *João da Égua* e *Manél das Moças*, lembro-me de que este ultimo passa as horas de descanço a desenhar obscenidades nas paredes das casas visinhas, e de que o outro affirma sentimentos *contrarios* — destruindo com um prego as figuras dos Judeus nos azulejos das egrejas. E' typico.

*

Está bem de vêr que o paiz não póde ser representado, em absoluto, por alguns d'estes cidadãos, ou por todos elles; mas não ha duvida em que elles são á imagem e similhança intellectual e moral de um numero tão consideravel de patricios nossos, que eu tenho medo de pensar em quantos ficam a pé firme para se

interessarem, *sentindo*, *pensando e querendo*. E então concluo:

Se lançarmos em conta os *80 a 90 por cento* que nós sabemos, e bem assim a enorme somma de parvoeirões, de egoistas e de patifes, que se apura entre os 10 a 20 por cento restantes, ser-nos-ha licito suspeitar que, *se os poderes publicos não castigarem os criminosos, o paiz não se dará, sequer, ao trabalho de condemnal-os.*

II

Alguns jornaes furta-côres, para dizerem alguma coisa, têem, estes dias, fallado em crise ministerial. E' pêta. Não ha crise, a não ser de mioleira e de vergonha, o que é proprio da Natureza humana.

Ao domingo, vae meia-Lisboa para fôra: e á noite não faltarão bebedeiras, o que tambem está dentro da Natureza supra. Dia a dia, me vae fugindo a *surpreza* e tambem me foge a *curiosidade*. Ora, vejam se não ha motivos

para insensibilisar um homem: olhem para isto:

*

Esta manhã encontrei n'um carro elevador, um typo que eu conheço ha 30 annos. E' um grande negociante e grande accionista das principaes companhias em Lisboa, — muito rico, e badalando em tom de oraculo, em logares publicos, escutado com o respeito devido a uma fortuna de mil contos. Pois, senhores, entra o homem no ascensor, senta-se á minha beira e diz-me:

— *Antão* como tem passado?

Olhei para *elle*, a pensar n'outra coisa, e sorri, por delicadeza.

Elle proseguiu:

— Ha bons trinta annos que nos conhecemos.

— E' certo.

— N'aquelle tempo (oiçam isto!) tinha o senhor a mania de escrever!

— N'aquelle tempo!?

— Bem me lembra e parece que o estou a vêr: o senhor era um magrizella, bonitote, de cabellos grandes, e diziam que sempre a magicar lá com livros e coisas. Felizmente, mudou e deixou-se de rabiscar, hein?

*

Eu, ha 30 annos a magicar e a rabiscar n'um paiz do tamanho de um quintal chinez, e aquelle riquissimo estupôr a imaginar que eu *me deixei d'isso* ha trinta annos e que, naturalmente, vivo de negociar em artefactos de chavelho! Diz Tiberio que não devo considerar-me affrontado, pois que o riquissimo pobre homem só entende lá das suas intrujices: mas eu pergunto se devemes tomar *tudo isto* muito a sério, a ponto de perdermos o somno e o appetite, quando vemos que é similhante matúla a que diz dominar... e que domina realmente!

III

Se a Mocidade soubesse e se a velhice pudesse!... Depois de haver produzido este commentario, a intelligencia humana póde fechar a porta; não é crivel que deite a barra adiante de tal esforço de critica.

Vem isto a proposito de eu haver hontem supportado uma tensão de nervos resultante do seguinte dialogo — realisado na cervejaria da Trindade, ás 9 horas e tanto da noite, com um joven litterato que assim se me dirigiu:

*

— V. dá-me licença? São duas palavras...

— Diga!

— Peço a v. indulgencia para esta minha pergunta: — «Tenciona intervir na questão de... (é um assumpto irritante).

— Não, senhor!

— Não?!

— Não.

— E porque?

— Sempre com indulgencia, eu lhe direi *porque*.

Elle escutou isto que eu lhe disse:

*

—Tenho idéa de que foi V., ou pessoa muito parecida, quem ha muito tempo me foi pedir que deixasse eu em paz um malvado, em vespera de as justiças, excitadas pelos jornaes, se apoderarem d'elle...

Córando muito, respondeu-me o rapaz:

— Effectivamente, mas...

Mas... está desculpado. Aos 50 annos, um tal pedido é affrontoso; aos 25 annos é uma affirmação de candura. O meu amigo, ao pedir-me que poupasse um tratante, não previa a hypothese de vir a pedir-me que fustigasse patifes do calibre do outro. Verduras da Mocidade, conflictos ds sentimento com a justiça!

— Mas...

— Ainda ?

— Dá licença ?

— Diga !

— E' que o outro estava em perigo de esmagamento, e *estes* estão de cima.

— E eu direi á sua Moeidade que os criminosos estão *de cima* quando dispõem, entre nós, de 50 votos, ou quando se lhes vincúla o prestigio de um partido. Não vê, alli, aquelle assassino — impune porque tem influencia eleitoral, e parente no parlamento ?

...E não vê acolá, aquelle ladrão aspirando a voltar a ministro ? E não vê, ahi perto, outro bandalho que ha de ser *governo* ?...

— Mas, porque não protesta v. ?

— Eu ?! porque já não posso. Eu já não mostrarei garras, a não ser que...

— ?

— Que se dê ares de tel-as aquelle pulha !

IV

Tiberio procurou-me hontem, para o fim de me dizer:

— Tenho pensado n'um assumpto grave!

— E' difficil n'este periodo patusco.

— E' patusquissimo o periodo, não soffre duvida; mas tal coisa não deixa de ser gravissima.

— Ora venha de lá essa gravidade!

E foi á porta da livraria Bertrand, no Chiado, emquanto lá dentro discutiam a sério coisas d'este mundo o Trindade Coelho, o Fernandes Costa e o Zacharias d'Aça,—que o philosopho assim se explicou:

*

— Porque é que vocês não atacam o *Celibato clerical* — a valêr?

— Vocês... quem?

— Você e os outros da imprensa.

— Eu não sei porque se absteem os outros, mas sei porque é que eu me abstenho.

— ?

— E' porque o assumpto é por emquanto indiscutivel.

— *Por emquanto?!*

— Eu disse — por emquanto.

— ?!

*

—Meu caro Tiberio, já não ha novidades a favor do *homem e das suas condições physiologicas* em frente de uma *decisão de concilios* : mas que diabo quer você? Quer uma lei? Ora já disse o Littré : — «Não se modifica com uma lei o cerebro d'um povo». Serve isto para lhe pedir que pense no estado de *instrucção*, de *educação* e de *criterio* dos povos — principalmente os catholicos, — e no estado a que ficaria reduzido o padre — se constituisse familia. Está você vendo o cura d'almas exauctorado perante as suas ovelhas, porque a Francisca, mulher do cura, jogou a unhada com a Jacin-

tha, mulher do mestre escola, e porque os filhos do cura foram apanhar figos ao quintal do ferrador: *Adeus prestigio sacerdotal!*

*

— Ha no fundo de tudo isto alguma coisa séria...

— E' tudo sério—quanto possivel! Não está você imaginando revoluções e guerras religiosas á conta de *modificações* nos alicerces da religião catholica?

— E o que quer você dizer com o *por emquanto*?

— Quero dizer que *emquanto* o estado mental dos povos for o que se vê...

— E que diz você á observancia dos *votos*?

— Fallo só do voto de castidade. Vá lá uma anecdota:

*

— O celebrado Antonio Alves Martins, bis-

po de Vizeu, — que Deus haja, — dizia assim a respeito dos votos que fizera:

— Pobreza voluntaria... vá! Obediencia inteira... veremos! Castidade perpetua... *nom possumus!*»

V

A noite passada, ao regressar do Porto — foi meu companheiro unico, de comboio, até Lisboa, um sujeito que eu nunca vira, — um typo excentrico, que, pelas alturas de Espinho ou de Esmoriz, quando eu me arranjava para dormir, assim me disse, preparando elle tambem o travesseiro e mantas de viagem e acommodando á situação os caloriferos:

— Quero-lhe dar motivos para relativa satisfação durante a nossa *viagem;* eu sou um admirador da Inglaterra, e não peço nada por isso. Mais de uma vez v. se tem referido á *Philosophia na Pintura*, que o Taime explora com delicias nas *Notas sobre a Inglaterra*, e não me

esquece o famoso quadro inglez *A Caridade*: — aquillo d'ma caixa pregada no tronco d'uma arvore, n'um caminho rural, com o distico *Esmola para pobres!* e uma teia d'aranha na bocca do mealheiro. E' completo!»

— E', mas não se esqueça de...

— «?»

— Não se esqueça de observar que a caixa para esmolas está n'um caminho rural.

— «?»

— E' que se ella estivesse bem visivel, n'uma praça publica da cidade, não haveria teia d'aranha.

— «D'esta vez é v. quem completa!

*

Cada um de nós se accommodou em seu leito improvisado, e *elle* continuou:

— «Ora, sabe v. porque não me irrita, nem me provoca nauseas, esta *philosophia sceptica*?

— ?

— «E' porque a comparo com uma *philoso-*

phia franceza, que nos offerece outro quadro muito reproduzido em oleographias.»

— Já sei: como dizem os outros!

— ?

— E' *La revanche de la cigale.*

— «Justo! E aquillo define o espirito d'um povo. E' uma ratona que, *tendo cantado noite e dia, a toda a hora*, deu em *cocotte*, arranjou dinheiro e foi levar soccorros á rapariga honrada — *a formiga* — que, no seu antro, géme a sua miseria e a de seu filho, e talvez o abandono. Os ares da *Cigarra* em frente da amargura da trabalhadora vencida, são d'uma eloquencia... Quer v. dormir?

— E' o melhor, para que nos não irritem as cigarras, nem a *Philosophia Franceza.*

*

Só em Lisboa accordei. O *outro* saira do comboio — sem despedir-se.

VI

Diz o *Temps:*

«Os inglezes não tratariam os cães como tratam as mulheres e as creanças boers; o que será feito dos rapazitos, de 9 a 14 annos, que os inglezes arrancam ás suas familias, para os enviar ao acampamento inglez da Basutolandia? Só Deus o sabe...

«Alguns cafres, ás ordens do capitão Laweline, estrangularam 17 mulheres boers. Rapariguinhas de tenra edade foram violadas por cafres e soldados inglezes. Ainda que estes factos estejam absolutamente conhecidos, nunca se ouviu fallar de qualquer castigo infligido aos culpados...

«N'um districto, perto da fronteira do Cabo, um boer, ao voltar para a sua herdade, encontrou uma creança, sua filha, sentada no limiar da porta. Alguns passos mais além, o cadaver do seu filho e os corpos, tambem inanimados, de sua mulher e d'uma outra sua filha, todos horrivelmente mutilados.

«O boer foi queixar-se ás auctoridades inglezas, que lhe responderam:

— «Não podemos conter a ferocidade dos cafres!»

... Em seguida, o *Temps* considera atroz o procedimento dos inglezes, *apezar das atrozes necessidades da guerra*.

*

O Conselheiro Encravadissimo da imprensa republicana de Paris estabelece uma restricção que é uma infamia banal: entrou na lei que rege as consciencias lorpas, mas não deixa de ser asquerosa á luz da moral e da dignidade humana. *As atrozes necessidades da guerra* impõem esta pergunta formulada pelos que ainda são homens: — «A quem é necessaria a guerra?» E a resposta impõe-se: A'quelles a quem é *util*. Perguntae a quem era necessaria e a quem foi util a carnificina franco-prussiana. Foi á dynastia prussiana. A quem foi util e necessaria a carnificina na Africa do Sul? Aos

imperialistas e aos syndicateiros inglezes. A quem foram funestas essas guerras? Aos povos francez e allemão, aos povos inglez e boer. Mas os povos são inateravelmente... povos.

*

O *Temps* e os seus collegas, menos *encravadissimos* e por egual desalmados, é que se não cançam em demonstrar a relaxada covardia das potencias em frente das atrocidades da Inglaterra. Muitos protestos contra o inglez, muitas injurias contra nós... e *apoio moral* ás victimas da malvadez britannica. Consolemo-nos *nós* — vendo quanto descem os *outros!*

VII

D'uma carta de Angelina Vidal destaco a declaração da illustre escriptora — «que é falso terem-lhe enviado do Brazil seiscentos mil réis»; e accrescenta a minha illustre collega, reagindo contra a noticia:

*

«A mentira seria inoffensiva, a não ser a intenção que encobre.

«Dá-se, porém, o caso de ser propalado pelo *inventor* da *gracinha* haver visto documentos, e é necessario que o «tal coisa» os publique, declarando egualmente de que ponto do Brazil veio a somma, quem a remetteu, e onde foi recebida, e por qual via, visto não estar ainda estabelecida a viação aérea entre Portugal e os Estados Unidos do Brazil.

«E, aproveitando o ensejo, declaro ser egualmente destituida de fundamento a historia da minha nomeação de inspectora das escolas da *Voz do Operario*, ou de qualquer outra, porquanto os favores que me teem sido generosamente feitos são de pura iniciativa individual, sem chancella de qualquer dos partidos democraticos.

«Comquanto viuva d'um medico da armada portugueza, sem haver herdado bens, nem Monte Pio, nenhum auxilio do Estado recebo,

e o mesmo com respeito á camara. Em 1894 tive durante 6 mezes o subsidio de 3$000 réis mensaes. Depois. como abundassem os infortunados chefes de familia cuja situação burocratica rastejava na penuria de 30$000 réis mensaes, foi-me retirada a grossa maquia, para ir completar os 12$000 réis com que a compassiva edilidade entendeu dever subscrever, todos os trinta dias, para a educação dos filhos de tão famintos proletarios...

«Desculpe-me, sr. redactor, a semsaboria do assumpto; porém, é necessario restabelecer a verdade dos factos, e evitar o trabalho a varias pessoas, que, teimando em que estou de posse do segredo de Midas, não se fatigam em pedir-me donativos, que infelizmente não acreditam ser-me impossivel dispensar-lhes.»

*

Resumindo: — Temos a parte dolorosa e a parte nauseabunda:

A primeira é a pertinacia do infortunio a

contas com a generosa mulher, de accordo com a pertinacia dos ingratos e dos parlapatões — em abandonal-a.

A parte repugnantissima é aquillo da malandragem a fazer *contas e saltos sobre os provaveis soccorros que a desditosa senhora teria recebido*. Estou entrevendo os bebedos...

E ponto, — que tudo isto nauseia!

VIII

Ainda, ha bocado, vindo eu de Cascaes para Lisboa, encontrei no Estoril o philosopho Tiberio — muito aborrecido pelos invertidos e pelos burros. E o philosopho encafuando-se na *minha carruagem*, disse-me:

— E o que me conta você da novissima *invencivel armada*?

— ?!

— Fallo-lhe das esquadras hespanholas. Você não as viu, ha dias, em exercicios pacificos, e depois de haverem bombardeado New-York?

Foi nas festas realengas, em que se perderam dois torpedeiros e encalharam dois cruzadores: você não soube?

—Eu já esqueci essas evoluções de banaboias. Mas conte-me lá as suas hypotheses e conjecturas. Por onde passam molham!

*

— Aquella França (proseguiu Tiberio, pitadeando-se) está o que você tem dito.

— ?!

— Está nas ultimas: nem alma, nem coisa parecida. Vae apanhar!

— Tem de apanhar! E só se perderão as que no chão cahirem...

— A Republica Franceza...

— «Não pronuncieis o nome irritavel» — diz um personagem do Hugo.

— E' no *Homem que ri*.

—Justamente. E o nome irritavel é *Deus*. No caso de hoje é *Republica*.

— Percebo.

— Ainda bem, que eu não gósto de estupidos. A Republica não póde ser um conjuncto de agrupamentos syndicateiros, muito parecidos, em pouca vergonha, com os do velho mundo conservador, mas com mais descaramento.

*

— Entende, pois, você, como eu, que ella vae apanhar!

— Para o seu tabaco!

— E de quem?

— Isso é da historia dos *pretextos*. Por exemplo: a França, imprudente como uma mulher perdida, dá-se ares contra o Sultão da Turquia, sem pensar em que o Turco póde ser o *visco* destinado a apanhal-a ignominiosamente (*são feitios rhetoricos de Tiberio*).

— Vá dizendo!

— Você não assiste á petulancia do Turco? Não vê a Inglaterra por detraz d'elle? E com a Inglaterra não vê a Allemanha? Oh! que valente coça! e os russos não acodem, porque

estão no periodo historico das velhacarias incubadas, e quem acudirá á França será a Hespanha — com a sua *invencivel armada*. Oh! que duas coças valentes!

*

... Os meus amigos de Cerva e de Mondim, malquistos pelos burros e pelos invertidos, que me dizem a estas prophecias? (1)

IX

Ha pouco revelaram as gazetas que o sultão Abdul-Hamid faltára a sua palavra para com o honrado Constans, ministro da França em Constantinopla, — a proposito de uma companhia franceza exploradora dos caes da capital turca. E as circunspectas gazetas verbe-

---

(1) Falharam.

ram a má fé e a velhacaria do turco, occultando ou desconhecendo o seguinte:

— «O padre mestre explorador, que assanhou o sultão, chama-se *Bartissol.*»

Se o respeitavel publico portuguez ignora ou esquece o que similhante nome significa, então proteste contra o Abdul-Hamid, que poz um apito á bocca, a defender-se do que nós acolhemos e enriquecemos...

Cada Malandro!

Todas as tardes, ao anoitecer, eu me encontro na cervejaria da Trindade, com o admiravel poeta Fausto Guedes Teixeira, e, uma vez por outra, somos tres: — elle, eu e o Columbano. Hoje, ainda agora, estava só o poeta, a quem eu contei:

*

—«Esta manhã, por volta do meio dia, fui almoçar a um *Café Commercial*, da rua de S. Julião, — um almoço barato e acceitavel. Na

mesa immediata á minha estavam dois homens novos, talvez estudantes em férias, que, com um accento de enthusiasmo improprio da capital, diziam, um ao outro, coisas assim:

— E *A doida do Candal*?!

— E *O retrato de Ricardina*?!

— E *A Lucta de Gigantes*?!

— E *As Scenas da Foz*?!

— E *A Brazileira de Prazins*?!

E commmentavam, com um enthutiasmo *que já se não usa.*

*

«Subito ficaram calados, até que um d'elles disse:

— Ha ahi um rapaz.

— Não é rapaz...

— E' verdade. Ha ahi um sujeito que...

(E disseram bem de mim, até que eu, desacostumado, me levantei, e, ao sahir, disse, descobrindo-me, aos dois:)

— «O tal sujeito que... sou eu. Peço a vossas excellencias que me permittam agradecer-

lhes o que disseram de *Camillo Castello Branco*. A maior consolação da minha vida é verificar que o grande homem deixou na terra quem d'elle se lembre com veneração e saudade.»

*

... Uma hora depois de eu contar isto ao Guedes Teixeira, principiava a contal-o (como grande linguareiro) a um *rato de bibliotheca*, quando este me disse:

— «E' verdade, e o Ennes ?!»

*

A gente sempre atura cada besta!...

O *Vasques da Gama* entra no arsenal portuguez, para *descascar*; depois irá a reboque para arsenal estrangeiro, a soffrer concerto — com *100 contos* para os olheiros.

Chiça!

*

Vamos lá fóra:

Diz o general André, ministro da guerra em França e que tem ganho tantas batalhas como os nossos generaes d'hoje:

— «Se a França fôr atacada, só haverá *uma bandeira!*»

O que não quer dizer que vença o inimigo. Ainda ha dias, eu li um bom estudo sobre a Austria e n'elle estas observações:

— A Austria, não é uma nação, mas uma bandeira.»

E os austriacos *apanham* sempre, — salvo quando se batem com italianos.

*

Fecho com esta do sabio e circumspecto Letourneau:

«A embriaguez é a poesia da digestão.»

Tiberio lê e pondera:

— «Assim se explica o meu amor pela pinga, depois de velho. E' que vou dando em poeta!»

X

Diz o *Tempo* — orgão do sr. Dias Ferreira — que, em vista dos resultados obtidos pela actual gerencia financeira, decerto vão ser reduzidas as contribuições e supprimido o imposto sobre as inscripções e mais titulos de divida publica.

E insiste, mazorralmente:

«Não ha razão alguma que justifique a continuação dos enormes sacrificios que esmagam o contribuinte e lhe tolhem toda a iniciativa para novos emprehendimentos, desde que o thesouro salda as suas conta com uma melhoria repentina de tres a quatro mil contos, desapparecendo o *deficit* e ransformando-o n'um consideravel saldo positivo.»

*

... Como se não devessemos saber, todos, que *Zé Dias* só poude governichar com os partidos que *carrilham* os orçamentos!

Como se não devessemos sabel-o *todos*; mas não sabem coisa alguma os 80 a 90 o/o, o que lhes fica a matar — consoante aquelle *amigo do povo* e da velhacaria.

*

Nas gazetas:

«O sr. ministro da marinha propôz a commenda de S. Thiago para o sr. Annibal de Bettencourt, chefe da missão encarregada de estudar a doença do somno em Angola, e o officialato para os restantes medicos que fazem parte da mesma missão.»

Deve ficar bem a um homem aquillo de S. Thiago, proposto pelo sr. Teixeira de Sousa! Por mim, só uma vez na vida, acceitei a ideia de me propôrem... para a *Legião d'Honra*. Quem se me offerecia era d'uma esphera intellectual *differente* da do sr. *Soisa*: pois, meus amigos, não quero já a *Legião d'Honra*, ultimo capricho de velho! Não a quero desde que...

Por onde ella anda!

*

No *Imparcial:*

«Viram ahi nas ruas de Lisboa o Gungunhana, bruto, com vista de cerdo? Viram-no depois no forte de Monsanto, parado e triste por só lhe consentirem sete mulheres? Pois aquelle pretalhão estupido que em Gaza foi regulo e que em Lisboa nunca chegou a perceber o rev. Pratas, que o queria catechisar, está agora um figurão e parece que até já usa monoculo.»

... Pois sim, mas não me obriguem a felicitar o *preto* Gungunhana — porque não se entendeu com o rev. Pratas, com quem aliás se entendem muitos *brancos*... sujos!

*

Vem ahi o litterato francez *Claretie*, prégar no theatro D. Amélia.

Diz o Antonio Manuel — que o *Claretie* é o primeiro escriptor d'este mundo. O Zola é de opinião *differente*.

Sem me dirigir aos nossos patricios tão *litteratos* como *invertidos*, direi aos litteratos novos e honestos — que não deixem de perguntar a Zola — quem é *o grande escriptor Claretie.*

E se os rapazes querem um velho, para defender, ao menos, *a barreira-intellectual*, digam de sua pretenção. Nem tudo é *invertido*, n'este mundo.

XI

Esteve ahi no Tejo uma esquadra. E' franceza, e, para o meu caso, tanto monta que seja de tal nacionalidade como se fôsse ingleza, ou turca, ou suissa — commandada pelo almirante Doutor Leyds. O que eu lhes digo é que a toda a hora a minha Lisboa frue as delicias do *Pum! Pum!* — porque uma immensidade de sujeitos graúdos vão a bordo da esquadra, e eu sinto-me de mau humor, porque me recordo de um capitulo dos *Miseraveis*, no qual o

avôsinho de nós todos, como lhe chamava Cesario Verde, diz o seguinte:

— «Ha quem tenha calculado que em salvas, por cumprimentos reaes e militares, troca de estrondosas cortezias, signaes de etiqueta, formalidades de fortes, de cidadellas, nascimentos e occasos do sol, cumprimentados todos os dias, por todas as fortalezas e navios de guerra, ao abrir e fechar dos portos, etc., etc., atira o mundo civilisado, todas as vinte e quatro horas, *cento e cincoenta mil tiros de polvora sêcca*, *inuteis*. A seis francos cada tiro, somma novecentos mil francos por dia, ou trezentos milhões de francos por anno, que se consomem em fumo *(uns 80 mil contos de réis)*. E durante este tempo morrem de fome innumeraveis pobres.»

*

Disse muito bem Victor Hugo. Faltou-lhe accrescentar que ha coisa peior para os povos: — é quando os tiros não são de polvora sêcca, — quando não são *tiros inuteis*. Então,

sobre a fome dos pobres ha os *tiros uteis:* a *chair á canon.*

Decididamente, *tudo isto* é triste coisa!

*

Esta é do estafado *Journal des Débats:*

— «A insistencia com que fallam em Berlim, em Vienna e em Roma, das tendencias pacificas da Triplice renovada, traz a impressão que os alliados teem de que não são já senhores da situação na Europa. Queremos admittir que as tendencias bellicosas que prevaleciam no tempo de Bismark e de Crispi, se attenuaram depois que esses dois homens desappareceram, mesmo que, do lado da Italia, ellas não existam mais do que entre inimigos irreconciliaveis.

«Parece-nos, porém, fóra de duvida que, se a Triplice Alliança renovada se apresenta ao mundo como tão pacifica e tão exclusivamente defensiva, é porque ella vê na alliança franco-

russa uma combinação mais forte do que ella propria e que ella deve poupar.»

... Ora, ainda ninguem affirmou *ideias pacificas* tão *sinceras* como o prestamista Loubet, mais o amigo Nicolau,—naturalmente porque a Triplice se lhes afigura mais forte. Sem contar com o Inglez e com o Turco...

Mas, os diabos levem a Triplice, mais a Dupla — com os seus tiros *uteis!*

XII

Recordo me de haver manuseado, ha muitos annos, uma revista intitulada *Glorirs Maritimas da França.* Com os feitos d'armas de Jean Bart e de Suffren, lá figurava a *entrada do almirante Roussin no Tejo* — no reinado de Luiz Filippe em França e no de D. Miguel em Portugal. O homem da revista chamava áquillo *Gloria maritima da França.* Não chegou a tratar do caso de *Charles et George,*— o que o privou de outra *gloria maritima,* nem

do bombardeamento de Alexaedria pela esquadra ingleza, depois de *se afastar* a dos francezes, — mais da manifestação de ha mezes contra uma alfandega turca, com licença das Potencias e para apanhar dois patacos aa Sultão. Que de *glorias maritimas* n'esse caso !

Mas a da entrada no Tejo nunca me esquecerá de todo.

*

E revive agora tal recordação á conta de um jornal de Lisboa haver produzido, ha dias, as seguintes linhas — a proposito da visita d'uma esquadra franceza :

«O almirantissimo Gervais é um official de marinha notabilissimo em toda a accepção da da palavra ; foi este illustrado official que teve a honra de commandar a esquadra franceza que em Cronstadt firmou o pacto amistoso da Dupla Alliança.

«E' em virtude de uma ordem emanada de Gervais que a esquadra franceza do Norte tocará em Lisboa, onde se abastecerá de carvão

e aguardará as instrucções que lhe serão enviadas pelo cruzador de 3.ª classe *Gironde*.

«Com as proximas manobras no Mediterraneo, o almirantissimo Gervais fecha brilhantemente a sua carreira, attingido pelo limitte de idade.»

*

... Ora aqui temos nós um limite de idade assaz incorrecto e obnoxio! Se tal não surgisse, ainda nós veriamos o almirantissimo Gervasio a almirantissar gloriosamente nos *campos* de manobras e de pactos! Elle não foi um Jean Bart, nem um Suffren, nem um Ruyter, nem um Nelson; mas foi um almirantissimo Gervasio, que principiou como se sabe e vae acabar como se vê!

Se o homem da Revista, tem tempo de lá o metter, não chegavam duas cadernetas para *glorias maritimas da França*...

Ai de ti, Inglaterra!

XIII

Vamos como é sabido, pagar mais uma expedição: isto é, os *80 a ncventa p. c.* hão de concorrer, *quasi sem dar por isso*, para as expansões do Heroismo. D'esta vez será castigado o gentio do Bailundo, porque lhe pareceu em demasia pesada a carga de extorsões do europeu civilisador. Está direito — se pretendemos fazer de turcos, estabelecendo *pendant* com o enfermo do Oriente. Os meus amigos em geral percebem, mas está alli um que pede esclarecimentos. Eu lh'os dou:

*

E' notorio, embora não seja official, que os pachás governadores das provincias turcas não recebem para despezas officiaes, incluindo os vencimentos, dinheiro do governo de Constantinopla. Mas recebem auctorisação para fazer as *cobranças necessarias*. Necessarias a que? A's despezas das respectivas provincias, incluindo os vencimentos dos pachás, e ás de Constan-

tinopla, incluindo... o que Deus é servido, e mais o seu Propheta.

Em taes condições, imagine-se a cobrança dirigida e feita por taes cobradores!...

*

De quando em quando, revoltam-se os vassallos do Sultão; mas, em taes casss, se a *carta brauca* concedida ao pachá não é bastante para chamar á ordem os pagadores remissos, o governo central mobilisa oitenta, cem, duzentos batalhões. e destaca-os para o theatro da rebellião. Subitamente faz-se o silencio — e a cobrança silenciosa. A antiga Bulgaria, hoje livre dos turcos, e a Armenia chorada pelas potencias, — como o Transvaal, — conhecem os processos dos soldados de Abdul-Hamid...

*

Hão de ver que não faltará quem venha a comparar e aproximar os processos do Turco

e os do Portuguez. E' isso que se pretende? Ou isso não importa á nossa gloria? E' certo que a instrucção na Turquia está á altura da nossa e que o heroismo do soldado turco é geralmente reconhecido; mas será, pelo visto, indispensavel completar as semelhanças?

XIV

Acabo de ler n'uma gazeta:

— «Que triste coisa é ser só no dia de Natal!»

E' triste, mas ha outras *situações* tão deploraveis como essa, ou mais ainda. Por exemplo:

— Em vez de só, mal acompanhado.

— E bem acompanhado por boa familia, e sem pão para lhe dar.

*

Notei este anno [1] como nos annos passados,

---

[1] 1901.

que o *dia de Natal* era, em regra, annotado por pessoas que pareciam *satisfeitas*. Antes isso — para não desmanchar prazeres, nem estorvar digestões de perú. Talvez, porém, fosse mais christão insistir em referencias áquelles antros, onde, como dizia o Thomaz Ribeiro:

O armario é sem pão, o lar sem lume.

*

Em minha casa, graças a Deus e ao Trabalho, não faltou pão, e houve mesmo quem enviasse muitoa acepipes — em attenção aos dois pequenos. O que não sobejou foi saude. Menores e adultos foram atacados por influenza, constipação, effeitos de inverno rigoroso. Valeu-nos isso para pensarmos nos miseraveis que, áquella hora da nossa ceia do Natal, soffreriam os rigores do frio, os da fome e os do abandono.

E a gente a poucos póde valer: e *elles* são tantos!

E o Raul, retirando a mão que avançava para os doces:

— «Coitadinhos dos meninos pobresinhos!»

Emfim...

*

Os filhitos da Maria alli do pateo, uma mulher trabalhadora, abandonada pelo marido borrachão, passam o dia a chorar. A mãe vae esfregar casas, fazer recados, e deixa alli os pequenitos. Visinhos condoídos levam-lhes pão; elles comem e choram. Teem frio nos pés descalços.

Um dia d'estes, deu-se-lhes sapatos. Horas depois o calçado estava no *prégo* — para pagar á mercearia.

Por mais que se queira amparar, aquillo esboróa-se. E são tantos! E' certo que *ha muita caridade* — como se diz, — mas ainda mais egoismo e impostura.

Emfim...

XV

Haverá uns 30 annos, disse-me Eduardo Coelho, — o fundador do *Diario de Noticias*:

—«Se você se apanhasse com a propriedade do meu jornal, ó Silva Pinto, o que faria você d'elle?»

Riu-se o Eduardo Coelho, com o que eu fiquei fulo.

Muitos annos volvidos, ahi por 1888, disse-me, em Lisboa, Gaspar Ferreira Baltar, proprietario do *Primeiro de Janeiro*:

— «Se o senhor se apanhasse com o meu jornal, dava cabo d'elle em 15 dias!»

Não me recordo do que então experimentei; mas lembro-me dos dois *casos* agora mesmo...

*

Agora mesmo, quer dizer 5 horas da tarde de 16 de morco de 1901. Eu escrevo isto na cervejaria da Trindade, e acabo de encontrar e de cortejar, na alameda de S. Pedro d'Alcan-

tara, o ex-ministro da fazenda e eminente escriptor Anselmo d'Andrade. Como de costume entre dois homens de poucas fallas, apenas nos cortejámos — mas eu tive tempo de, n'um re lance d'olhos, notar a alteração d'aquella phisionomia do ex-ministro... liquidado.

Está abatido, o que é natural. Lembro-me do ter visto coisa assim em dois outros ministros da fazenda... liquidados: — um d'elles um escriptor illustre: Oliveira Martins; o outro um escriptor de occasião, mas litterariamente acceitavel: Augusto Fuschini. E eu fiqnoi-me a pensar que a Politica é para os *politicos* e a Pratica é para os *praticos* — e que a elevação do espírito e do sentimento são tristes dotes para competir com os especialistas em terrenos sujos.

XVI

Tem o *officio de jornalista* (não confundir com o de outras responsabilidades e iguaes

pretensões!) um singular inconveniente. Não falta quem tenha visto infamar um d'esses individuos — só porque elle é de opinião differente da dos infamadores. Disse, a proposito, o Alphonse Karr: — «F. é, na opinião de G., um *souteneur* e um *escroc*: quer dizer que pensa d'outro modo.»

*

O melhor, por tal motivo e por outros, é não fazer caso, entre mil pessoas, de novecentas e noventa e nove — de *pareceres* diversos, e ir o sujeito emittindo o seu. Mas, diz-me Tiberio que ha melhor processo: — *ladear*, por modos que não se perceba á justa *o que o sujeito pensa*. E' assim que se desenvolve a Hypocrisia, com a Covardia — sua irmã, — mas não ha duvida que Tiberio tem por si muitos auctores de truz!

*

Ora, a proposito do chamado *decreto-burla*, — é, ou não é, burla esse decreto? Eu digo

sinceramente, aos meus tres leitores effectivos: — se se tratasse apenas de embargar as manisfestações liberaes, o decreto poderia dar em burla; mas, como se trate, porventura, de inutilisar trabalho republicano, o decreto irá até ao fim: ás ultimas consequencias.

*

... Não me importam, entre 1:000 curiosos que eu vejo com os tres leitores effectivos, as 999 opiniões diversas e suspeitosas de sinceridade; mas não me levado pela tangente de philosopho: não vale a pena mentir nem retrahir-se a gente — quando se sente velho... ou quando é rapaz.

*

A' meia volta de existencia, ou depois, não sabe a gente se ha de rir, ou chorar, ou desprender-se do sentimento A mim me accusava, ainda ha pouco, um observador scientifico, a quem me referi n'este logar, de que o meu

«pensamento é absolutamente dominado pelo sentimento.» Ora digam-me os meus amigos de Cerva e de Mondim — se ha pensamento que não se acolha ás deliberações do sentimento, e, depois, se o proprio sentimento não deve sentir (*pardon!*) ganas de escapulir-se, em vista de espectaculos como este:

*

E' o caso de o sr. Marianno de Carvalho,— caíndo a fundo sobre o auctor dos *Lazaristas* e dos agradecimentos á Virgem, n'um prefacio-dedicatoria á sr.ª D. Amelia, — deplorar que a politica de odios e despeitos obscureça os espiritos. Se completa o seu artigo com os effeitos da politica de interesses, teriamos um capitulo digno de Taleyrand. Mas é justa a boa tareia no outro, — justa e facil, pois que o ex-generalissimo em Africa, auctor dos *Lazaristas*, etc., se collocou á mercê dos grandes e dos pequenos fundibularios. Do artigo supra destacarei apenas o seguinte trecho :

«...Primeiramente, o *Dia* pretende manifestamente lisongear o rei, afim de vêr se póde captar-lhe o favor. Portanto, insinua e proclama por todos os modos que foi el-rei quem obrigou os seus ministros a publicarem o decreto recente, cuja execução já começou. N'esse proposito, descreve miudamente como se estivesse presente, o soberano — a instar e o sr. Hintze Ribeiro — a resistir. Mas logo, esquecido d'essa ideia primeira, por effeito do desejo de morder nos ministros, declama que não, que não foi el-rei o inspirador dos decretos, mas que os ministros andavam mortos por cobrirem as suas responsabilieades com a: da corôa. Embsra se contradiga lastimosamente, sem que o odio lh'o deixe vêr, julga de uma grande habilidade intrigar sempre, ora inventando que o rei quiz e os ministros se oppozeram, ora exclamando que os ministros é que quizeram, mas trataram de apresentar o rei como responsavel. A invenção d'estas lastimosas espertezas parece-lhe acto proprio d'um grande Machievel, afinal tão de fancaria, que ora escrevia

dramas contra os Lazaristas, ora attribuia a milagres celestes as victorias dos nossos soldados na Africa. Machiaveis de papelão ou de *papier maché.*

*

O que ahi vae! Mas leiam agora a *Tarde :*

... «O *Dia* falla d'umas fidalgas beatas que nunca perdoarão ao sr. Hintze, se os seus confessores forem expulsos.

«Devem ser parentas estas fidalgas beatas d'um beatas fidalgas, que choraram de ternura quando leram a dedicatoria do livro do sr. Antonio Ennes a sua magestade a rainha, sobre as campanhas de Africa, e em que as victorias das nossas tropas são attribuidas ás differentes invocações da Virgem Maria.

«E a ternura nasceu-lhes não só da devoção pelo culto de Maria Santissima, mas por aquellas piedosas paginas serem escriptas pelo auctor dos *Lazaristas.*

«Está certo?»

... Deve estar certo; mas que me dizem os

cidadãos de Lisboa agarrados a êsmo e mettidos a bordo dos navios de guerra? Que de *lérias perdidas!*

XVII

... Eu pergunto aos mais atilados entre os meus leitores — se já perceberam alguma das explicações do sr. Hintze, ácerca da lei, não applicada, sobre as ordens religiosas; e, ao mesmo tempo, lhes pergunto se não repararam nas restricções dos que interpellam aquelle varão.

Não fallo do sr. dr. Fernandes — que tem sido explicito a valer. Fallo dos *politicos*.

*

E que me dizem á evasiva, digna do noivo da minha creada — um moço de padeiro natural de Tuy, — explorada (a evasiva) pelo sr. Hintze, a proposito da tal lei que se não applica? Refiro-me á tangente de *esperar acalma-*

ção — para resolver. Fiam-se n'isso? A pergunta seria um insulto, se eu não tivesse visto tantissimas affirmações de *bondade* e correspondentes abusos.

Serenamente, como é proprio dos meus cabellos grisalhos, direi aos meus amigos — *que não se fiem!*

*

— *E ella a medrar!* dizia o «Jornal do Commercio» de Lisboa, diariamente, ha uns 30 annos, uos tempos de José Ribeiro Guimarães e Balthazar Radich. E os burguezes liberaes rium-se, e encolhendo os hombros, exclamavam:—«Telha! Não ha reacção que medre!... E ha uns 25 annos, no Porto, escrevia-nos um burguez, a Urbano Loureiro, a Borges de Avellar e a mim: — «Já não ha jesuitas, senão na sua imaginação!»

Volvidos annos, ha o que ahi vêmos, e em Lisboa, ha do que alli dizem as «Novidades.»

«No convento das *Dorotheas*, rua do Quelhas, n.º 6, está em noviciado para professar»

uma menina: Rodrigues. Designando a só por este appellido, que é vulgar, não somos indiscretos para com o publico, e somos sufficientemente precisos para a intervenção, que pedimos. Essa menina abandonou ha pouco a casa de seus paes, captada para mestra de extranhos, podendo sel-o de seus irmãos. E' maior, e segundo a lei portugueza pode dispor de si. Mas, segundo a lei, não póde fazer votos. Quem n'isso superintende que a faça restituir á famimilia, como agora se tem feito em Madrid, em todos os casos ssmelhantes, e ella, que siga depois, como quizer, a independencia da sua maioridade, sabendo só que não pode professar no convento, porque essa independencia não basta para dobrar a prohibição da lei.»

*

. . . Agora vos dizem, ó *Novos*, os meus cabellos grisalhos — que não ha occasião para adormecer. *Tudo a pé e a postos, ou a Liber-*

dade está perdida, com eterno ridiculo para os martyres!

XVIII

Accuza o *Popular* recepção de uma carta que lhe foi enviada pelo snr. E. P. Field, secretario geral do *Evangelical Alliance*, de Londres, ácerca de uma entrevista que com o sr. D. Carlos teve em Londres uma deputação da *Alliance*. Eis o extracto da carta, feito pelo *Popular*:

«A deputação expôz ser a Alliança uma deputação de christãos representantes de todas as seitas ou crenças, que durante os ultimos 54 annos tem trabalhado pela liberdade religiosa, em todo o mundo. Disse mais que ultimamente o juiz criminal de Lisboa intimou os representantes de varias congregações protestantes da cidade para cessarem as suas reuniões religiosas sob pena de perseguição: que depois duas reuniões foram prohibidas pela policia, mas, que o governador civil lhes deu

alguma segurança de que a policia não persistiria no intento. A associação declarava ficar muito grata a el-rei, se sua magestade fizesse a mesma promessa para o futuro e em todo o reino, sendo os protestantes aqui tratados com a mesma tolerancia que os catholicos romanos na Grã-Bretanha.

«Accrescenta o papel que sua magestade recebeu amavelmente a deputação, lhe declarou que só conhecera o assumpto por carta da Associação e logo ordenára que as auctoridades não continuassem intervindo devidamente. Folgava de affirmar á associação que desejava nitidamente que fôsse concedida a liberdade religiosa em todos os seus dominios aos christãos protestantes, e que estava resolvido a reforçar *inforce* esta regra. Affirmou que já para isso déra as ordens necessarias».

... Accrescenta o *Popular:* «E' claro que d'esta narração deixamos toda responsabilidade aos narradores».

*

E' claro que o *Popular* não admitte a hypothese de el-rei ter *dispensado* a Carta Constitucional, declarando ter ordenado e promettendo ordenar — directa e pessoalmente. Mas o importante jornal londrino *Daily Mail* confirma a narração, nos seguintes termos:

«Sua magestade foi muito amavel para com a deputação, mostrando-se muito satisfeito em receber o conselho da Alliança; dizendo-lhe que, logo que teve conhecimento do assumpto, ordenou ás auctoridades que terminassem com as suas perseguições, e tinha a satisfação de communicar á Alliança que era seu desejo conceder a todos os christãos protestantes a maior liberdade em todos os seus dominios, para cujo fim já tinha dado as suas ordens, afim de se cumprirem».

*

Para o caso de extranheza, tocam-se d'esta vez os extremos; e é assim que o *Correio Na-*

cional e *O Mundo* duvidam, como *O Popular*, da fidelidade da narrativa. Entende-se que um d'elles dnvida por amor das suas opiniões religiosas — ameaçadas — e o outro em homenagem aos principios liberaes — que não seriam menos ameaçados. Mas, é interessante a situação, pois não é? Não ha meio de salvaguardar, contra a Reacção, a liberdade de pensamento, senão pela violação da Carta. E assim liquida a *alforria!*

XIX

Não conheço, entre os milhares de paginas de que me recordo, alguma que se avantaje em eloquencia á pagina final da Carta de Gustave Flaubert ao Conselho Municipal de Rouen. E' aquella Carta a proposito de Louis Bouillet e do monumento que ao illustre poeta recusou o tal Conselho. Quem não a leu e deseje conhecel-a poderá encontral-a no livro *Par les champs et par les grèves*, do immortal

romancista. Dos meus tres leitores effectivos sei bem que a conhecem desde que a viram largamente citada no Prefacio aos meus *Santos Portuguezes.*

*

Lembrei-me agora da tal pagiua final, ao lêr na *Voz do Operario* o seguinte:

SOCIEDADE DE INSTRUCÇÃO E BENIFICENCIA
«A VOZ DO OPERARIO»

Conta do mez de julho de 1903

Recebido durante o mez........	4:077$250
Pago idem, idem...............	3:191$460
Saldo n'este mez	885$790
Saldo que passou do mez de julho de 1902...................	19:206$110
Idem que passa ao mez de agosto	20:091$900

Lisboa, 21 de julho de 1902.

O secretario,
Lourenço Antunes de Faria.

... Quer isto dizer que, emquanto a sociedade burgueza pouco mais faz do que individualmente tratar de encher-se, *elles* — os proletarios — estabelecem, mal dispondo de recursos para alimentar-se, associações de classe, de beneficencia e de instrucção, — que, pela prosperidade, reveladora da tenacidade e da orientação, reconciliam os amargurados com a especie humana.

Sabem unir-se para a defeza e para o reciproco amparo. Faz-me bem vêl-os prosperar.

A proposito dos generos alimenticios falsificados, principia a accentuar-se uma impressão extranha, — não porque se produzisse a patifaria, mas pela impunidade dos patifes. Cresce o espanto, á medida que vem novas noticias de *descobertas*. — «Pois que! E não são *engaiolados*, sem fiança, todos esses miseraveis ?! Teremos estabelecida para elles a im-

punidade de que se jactam os padeiros aladroados — em vesperas de eleições ?!...

Eu pondéro aos que assim bradam — que nada existe de extranhavel na *falta de consequencias*, e que se deve registrar muita harmonia e muita coherencia entre os criminosos e os consentidores. E volto a pensar nos proletarios, mais na pagina de Flaubert.

XX

Poucas palavras a proposito *de um mau homem* que morreu hontem:

*

— Consoante o velho Montaigne, no francez do seculo XVI, *toutes disputes sont grammairiennes*. Conclusão: *relatividade* — para todas as questões. Ora, o assumpto a que se refere o meu leitor effectivo é dos dominios da relatividade, — é-o em absoluto.

Vejamos isto:

Se o homem *exaltado* hoje, depois da sua morte, mereceu que o deprimissem em vida e soffreu taes *depressões* do apologista de hoje, temos caso de sentimentalismo lôrpa, ou de relaxação de criterio. Como quer que seja, é deploravel o effeito moral, pois que as bases da Moral são atacadas — com mais ou menos consciencia. E, quanto a pretender atenuar erros graves — pela indicação de qualidades independentes, é, nada menos, do que acentuar os erros.

— Mas as *relatividades*?

— Eu lhe digo: os louvores de hoje pódem ser uma retraetação do injusto censor de hontem, e, n'esse caso, serão tanto mais honrosas, *para os dois*, quanto mais calorosas as demonstrações de arrependimento.

— Vamos á terceira hypothese:

— A terceira é a entrada do Relativo nos dominios do Absoluto. E' claro que todos os erros, todas as censuras, todos os louvores — tudo isso e o resto — *nada é* em face da Eter-

nidade; e é por isso, talvez, que a morte embarga recriminações. Aqui tem ainda uma *relatividade!*

(Está alli um que não entende. Não se envergonhe, que eu sei de outro.)

XXI

A proposito do homicidio praticado na pessoa do rei Humberto, deixem-me fazer-lhes observar — que tão deploravel e tragico acontecimento não vinga furtar-se á nota comica. que certos diabos imprimem — Deus lhes perdôe! em tudo a que consagram referencias• Dizia-me em taes condições esta manhã, um *collega...* dos seus collegas:

— Tem-me impressionado muito a morte do desditoso monarcha! (*E' do grupo do conselheiro Encravadissimo*).

E eu assim lhe respondi:

— Poisi meu caro senhor, a não ser o sentimento de compaixão que me inspiram todos

os soffrimentos e dissabores de que tenho noticia, a morte do rei Humberto não me distrahe das minhas causticações. Aqui tem outro facto, que não deu brado no mundo e que eu presenciei um dia d'estes, com verdadeira magua.

— ?

— Foi isto: junto á minha habitação, na travessa da Palmeira, existe *um pateo*. Móra alli gente pobrissima, miseravel mesmo. Ha dias ouvi eu uma das moradoras dizer a um filhito de dois mezes, que chorava ao collo d'ella:

— «Meu pobre menino, que veio a este mundo para passar fóminha!»

*

O *collega*... dos outros collegas concedeume um sorriso compungido, como de quem visse um cão levar dois pontapés. Pois eu, dias volvidos sobre o *caso*, com muitos episodios que me entenebrecem a existencia, digo-lhes

aos meus tres leitores effectivos — que me recordo da mãe e do pequenito, algumas vezes durante o dia, e que os julgo mais *desditosos* do que o *desditoso monarcha*...

*

Ainda a morte do rei Humberto.

Diz um jornal:

«Junto do cadaver do rei Humberto estão n'este momento, reunidas e irmanadas na mesma profundissima dôr, cinco viuvas da casa de Saboya. A primeira é a rainha Margarida, a virtuosa e inconsolavel companheira do monarcha assassinado. As outras quatro são: a rainha D. Maria Pia, de Portugal, viuva d'el-rei D. Luiz; a princeza Clotilde, viuva do principe Bonaparte, que vive, ha annos, retirada da côrte, no seu castello de Moncalieri; a duqueza de Genova, viuva de Fernando de Saboya e sogra de Humberto I, e a princeza Laeticia, viuva do duque Amadeu de Aosta. Quantos véus negros em volta do feretro do pobre rei!»

... E' verdade: quantos veus negros e caros! Os milhares de viuvas de soldados inglezes — por exemplo — mortos na Africa do Sul, é que não teem dinheiro para véus, nem para o pão dos filhos. E' verdade que a rainha Victoria mandou chocolate aos moribundos ou prestes a sêl-o.

Este mundo sempre é muito pandego !

XXII

Approvado o convenio; mas é certo que nada perceberam, nem perceberão, os 80 a 90 p. c. Nem, pelos modos, é preciso. O caso está em que a pinga se venda ao alcance de todos; e, vamos lá com Deus, — está baratinha.

Ora, muito a proposito diz alli *O Seculo*, em seu principal artigo:

«Da alta envergadura politica do Marquez de Pombal, da sua excepcional lição historica, do seu exemplo, da sua alma soberana e patriotica; da inconcussa limpidez de Mousinho

da Silveira; dos rebates nacionalistas e bronzeos de Herculano, que vibraram pelos nossos valles e pelos nossos montes, pelas nossas aldeias e pelas nossas cidades, durante a vida de toda uma geração, como a quererem accordal-a e galvanisal-a, — que resta hoje d'essa grandeza moral, que resta hoje d'esse conjuncto extraordinario e superior de faculdades que, tamanhas foram, não couberam dentro do nosso paiz, irradiando para fóra d'elle e para muito longe?

«Que resta? Uma somnolencia nos nervos e nas energias, uma semi-escuridão nos espiritos e o convencimento inactivo de que nada fazendo, nada querendo, nada desejando, nada ambicionando, melhor e mais socegadamente gosamos as bellezas d'este commovedor céo azul e os confortos d'este caricioso sol doirado!

«Céo e sol, zarzuellas, touros, parola, theorias, anecdotas. Mais nada. O resto corre á matróca, *á vela*, como diria Sebastião José de Carvalho, se viesse agora ao mundo.»

... E eu recordo-me de uns livros contra os

vicios que depauperam a infancia: livros que eu vi quando creança, no collegio, e tão bem escriptos que se tornavam suggestivos. E Tiberio, a quem cito a *extravagancia*, diz-me:

— Tem você razão. O *nosso bom povo*, se lhe lêem aquellas admoestações, é capaz de se refinar na santa mandria!»

Moralidade da comedia: — Já se não põe a direito.

Noticia dos tribunaes:

«Foi hontem declarado vadio e posto á disposição do governo afim de arranjar-lhe trabalho ou dar-lhe algum destino, o surdo-mudo Antonio Pinto dos Santos Netto, que ainda ha pouco tempo andava pelas arcadas do Terreiro do Paço, pedindo que o empregassem em qualquer coisa, para não morrer de fome».

Quer dizer: — Foi apodrecer para o Limoeiro...

Má cousa ter nascido!

XXIII

D'um jornal de Lourenço Marques transcreve outro — de Lisboa — a desenvolvida noticia dos festejos que alli tem recebido o official de marinha João d'Azevedo Coutinho, um bravo militar e um digno patriota. Nada mais justo que taes festejos; mas eu permitto-me dizer ao festejado:

«Tambem mereciam tudo em ovações honradas o Serpa Pinto e o Mousinho — e afinal...»

Isto está para se rir — o *chinez!*

E adiante...

Do *Jornal do Commercio:*

«Os imperadores da Allemanha e da Russia encontraram-se no passado dia 6 em Revel. Guilherme II pagou assim a Nicolau II, por occasião das manobras navaes russas, a visita que o Tzar lhe fez, no anno passado, em Dantzig, em circunstancias analogas. A opinião

que convém ter sobre a importancia d'estas entrevistas, que tão banaes se tornaram, exprime-a com grande franqueza um jornal allemão. «Está-se de tal modo habituado, — diz a *Gazêta de Francfort,* — a essas visitas reciprocas dos imperadores da Allemanha e da Russia, que já nenhum espirito que observe a sangue frio lhes attribue uma significação politica particular. Notar-se-hia, ao contrario, que essas visitas deixassem de ter logar, como já succedeu por exemplo, quando, depois do congresso de Berlim, Alexandre II deixou de vir á Allemanha. Se n'essa época a abstenção do imperador da Russia podia ser considerada como um signal de descontentamento, póde-se hoje vêr nas entrevistas de Dantzig e Revel um symptoma de que as relações entre os dois imperadores visinhos são amigaveis, ou pelo menos, correctas.» Dados os naturaes desejos da imprensa allemã de exaggerar a importancia da entrevista de Revel, as palavras da *Gazêta de Francfort* são significativas...»

.... São. E ainda ha mais coisas significati-

vas: por exemplo, a fraternal visita que o rei Guilherme da Prussia, em companhia de Bismark, fez a Napoleão III, quatro annos antes da guerra franco-allemã.

A fraternidade dos reis é tão... respeitavel como a fraternidade dos povos. Nem mais, nem menos.

... Dizia-me ha annos um pobre diabo:

— Eu sou uma besta (*era-o*); mas tenho um refugio contra as causticações da vida: costumo dizer: — «Mas se o Mundo é assim!»

... Nunca me esqueceu.

XXIV

O *Diario de Noticias* dá um artigo de fundo, sobre *Decomposição social*. Cita os velhos porquês da derrocada moral portugueza: — o amor do luxo, etc., etc. Quer-me parecer que

não está certo em absoluto. Será talvez outra a causa primordial, e eu digo:

*

Conheço um cidadão lisboeta que, ha annos deixa constantemente relaxar as decimas, o que o obriga a pagar quasi o duplo da divida primitiva. Perguntei-lhe, um dia, que demonio de *calculo* vinha aquillo a ser, e elle respondeu-me:

— «Não é calculo.

— ?

— «E' uma esperança.

— ?!

— «Ou antes — uma hypothese.»

E explicou-me:

*

— «V. não desconhece, decerto, que atravessamos um periodo de *incerteza*, de *indecisão*, de *hypotheses* que são, consoante o nosso feitio moral e intellectual, pavorosas ou riso-

nhas. Ora, eu não pago as decimas, e vou-as deixando relaxar — na hypothese de um cataclysmo social que, de um momento para outro, nos dispense de pagamentos... Entende?»

— Perfeitamente.

(Aquillo não é um typo individual : é um documento social, e emenda o artigo do *Diario de Noticias* sobre Decomposição).

A noite passada, tendo acordado ás 4 horas e sentindo que não voltaria a dormir, abri um livro: *Ensaio sobre a Historia do Direito Romano*, por Levy Maria Jordão, 1851.

Foi a pagina 225, e quiz o Destino que eu lêsse:

«No tempo dos Cesares, por occasião de ser nomeado um funccionario, prestava elle juramento de não ter comprado attestações favoraveis ou recommendações poderosas, mas a este juramento ligava-se pouca importancia.»

... Já os Romanos do tempo dos Cesares ligavam pouca importancia a tal juramento. E' que previam, a vinte seculos de distancia, as façanhas dos Jeronymos de Vasconcellos. Eram da pelle do diabo — aquelles Romanos!

XXV

Grande noticia foi a da recente morte do rei de Italia. Diga-se a verdade: *toda a gente* lamentou que a victima do crime fosse aquelle sympathico homem, — illustrado, valente e generoso. E a proposito me dizia, referindo-se ao caso, um nosso qualquer conhecido:

— Você já notou que as victimas são sempre creaturas sympathicas?

— E' certo.

— Explica-se: matando Carnot, a imperatriz Isabel d'Austria, o rei Humberto, etc., a impressão de terror é completa — sem attenuantes. Não será isto?

— Deve ser isso.

*

Outra nota sobre o triste assumpto. Dizia-me hontem o philosopho Tiberio:

— Você já reparou no adverbio *cynicamente* applicado, nos jornaes, ao tal assassino do rei Humberto: — «Respondeu *cynicamente* aos interrogatorios?» Se perguntarem a um ex-ministro qualquer engordado em insignes ladroeiras, como foi que se arranjou, elle responderá *altivamente.* Só n'um orgão conservador — o *Popular* — vejo o *cynicamente* do tal italiano substituido por outro adverbio; e veja isto, (e mostrou-me:) «O assassino foi um siciliano de nome Angelo Bresci, que, entregando-se logo á prisão, em seguida a consumar aquella negra obra, serenamente confessou o seu crime, sem ensaiar sequer a mais insignificante negativa.» Que diz você a isto?

... Eu, *mouche de la cloche* na chinfrinada da vida, acho que *só Deus é grande*, como dizem os meus amigos Turcos.

O suffragio universal em Africa... Diz o *Futuro*, de Lourenço Marques:

«Os negros votaram á uma em Moçambique; — grande immoralidade. E' com grande desgosto que fui informado de ter o governador de Moçambique interpretado a nova lei eleitoral de fórma a fazer votar os indigenas em Angoche e Mossuril, podendo assim provar ao governo de S. M. que tem uma grande influencia entre as consciencias pretas. Foi realmente devido a esta grande immoralidade que o deputado governamental teve maioria. Nunca me occupei de politica, mas julgo indispensavel que todos que se interessam pelo desenvolvimento d'esta colonia influam para que se não façam eleições em Africa, e, no caso de serem indispensaveis, para que se não permitta que os negros sirvam de jogo n'estas occasiões, o que muito prejudicial póde ser para a boa ordem e nossa auctoridade. Devo, no entanto dizer que apezar das eleições terem corrido tu-

multuosas na Zambezia, os colonos indigenas não votaram, o que tambem não fizeram em Lourenço Marques e Imhambane...»

*

Tambem me parece ignobil comprar os pretos: bem basta comprar os brancos.

XXVI

Diz o *Jornal do Commercio*, de Lisboa:

«O Papa Leão XIII não perdeu ainda com o decorrer dos seus longos annos o desejo de parecer bem.

«Prova-o a seguinte anedocta recente:

«E' do uso no Vaticano o cunhar-se todos os annos uma medalha commemorativa do Pontificado, em que se se vem gravados, de um lado a effigie de S. Pedro, e de outro o retrato do soberano Pontifice reinante.

«O distincto gravador em cobre, Bianchi, foi

d'esta vez o encarregado d'esse trabalho artistico. Muito consciencioso, o gravador, ao traçar o retrato de Leão XIII, preoccupou-se com os vestigios que o irreparavel ultraje dos annos tem deixado na veneranda physionomia do chefe da Egreja catholica. Quando a medalha foi apresentada ao Papa, Leão XIII carregou o sobrecenho e disse muito mal humorado:

— «Eu não sou nem tão velho, nem tão feio, e quero que me representem com a tiara na cabeça.»

*

Eu creio, a sério, na consideração de Leão XIII (1) pelo seu physico, e a proposito vem contar-lhes o seguinte caso:

Uma noite, quando eu fazia parte da redacção do *Diario Popular*, ouvi ao sr. Marianno de Carvalho a seguinte historieta, narrada com uma graça excepcional:

— «Estava eu na opposição, quando o escri-

---

(1) 1902.

vão de fazenda em... (n'uma terra da Extremadura) me chamou, n'uma correspondencia de jornal, *cara de macaco*. Ora eu, tudo perdôo, menos referencias desagradaveis ao palminho de cara que Deus me deu. Jurei pela pelle ao insolente, e elle soube-o, por modo, que ao ser eu, d'ahi a tempos, encarregado da pasta da fazenda, o sujeito perdeu os sentidos. Quando voltou a si estava nos Açores.

Do nosso *Jornal do Commercio*:

«Recebemos e agradecemos o 1.º numero do *Arco Iris*, um novo jornal de annuncios, gratuito, que vem muito bem collaborado, tanto na parte litteraria como na noticiosa.

«Desejamos-lhe largo futuro e prosperidades.»

Fez-me isto lembrar do que ha vinte e cinco annos me contou um redactor do *Jornal do Porto*, de Cruz Coutinho. Foi nos seguintes termos:

— «Um dia d'estes saiu o 1.° numero de uma folha jornalistica. Recebi-a; dei noticia do facto, e accrescentei: — «Desejamos longa vida ao collega.»

No dia seguinte, o sr. Cruz Coutinho entra na redacção e pergunta — quem foi o auctor da local. Informado de que fôra eu, diz-me:

— «Nós não desejamos coisa alguma. Quem deseja é o leitor. Eu lhe dou a razão *administrativa* da minha recusa em *desejar longa vida* — como v. disse. Imagine que algum dos nossos assignantes embirra com a tal gazeta recem-nascida, e exclama: — Ah! *O Jornal do Porto* vae feito com o outro? Suspendo a assignatura do *Jornal do Porto!...*»

*

Cada ratão!

XXVII

Muito a proposito dou protestos de imprensa russa contra as crueldades dos inglezés em Africa (onde se foi metter a compaixão !) e não menos a proposito dos sentimentos humanitarios, muito apregoados, do *grande amigo da França*, conta a imprensa ingleza extraordinarias bellezas da civilisação russa de hoje.

Por exemplo, diz o *Standard* que chegou a Odessa, a bordo do *Iasoslavl*, vapor da esquadra voluntaria russa, um grupo de presos politicos que vão cumprir a pena de deportação na ilha Saghalien, na Costa Orieutal da Siberia.

«Entre elles (accrescenta) figurava o ex-coronel Grimm, a quem ha pouco o conselho de guerra de Varsovia condemnou em 10 annos de trabalhos forçados, pelo crime de alta traição,

«O coronel Grimm como se sabe, vendêra á Austria documentos militares secretós.

«Como todos os seus companheiros de de-

portação, o coronel Grimm veste o uniforme pardo dos forçados, leva a cabeça rapada obliquamente, desde a fronte até á nuca e vae algemado.

«Os 600 condemnados fazem a sua triste viagem á Siberia em grandes jaulas de ferro, sobre as quaes algumas sentinellas vigiam constantemente. O menor acto de rebellião equivaleria para aquelles infelizes á morte, a uma morte verdadeiramente horrivel.

«Effectivamente, um tubo de ferro em communicação com as caldeiras do navio, acha-se disposto para inundar de agua a ferver as jaulas n'um momento dado e fazer morrer no meio dos maiores soffrimentos os desgraçados prisioneiros.»

... E pensar em que um tal regimen scelerado faz alarde de extremoso affecto pela Democracia — para lhe pedir dinheiro emprestado!...

Da provincia a um jornal de Lisboa:

«Lavra profunda indignação contra alguns fiscaes do sello, pelos excessos a que teem procedido, multando os vendedores e possuidores das licenças.»

... Que de excessos não terão praticado contra os consumidores os indignadissimos cavalheiros?! Mas, em geral, o publico tóma a defeza de semelhantes indignados, contra os fiscaes, quer estes abusem, quer não.

Bom publico!

XXVIII

Pareceu a um meu concidadão que eu não teria hoje assumpto—porque é domingo e porque tenho andado *arrazado*. E, em tal conjunctura, diz-me o seguinte:

«Sempre lhe quero observar (ou *fazer observar?*) que as nações extenuadas por uma guerra civil, como a Hespanha em Cuba, sem fallar

do accrescimo de uma tremenda guerra estrangeira que a mesma Hespanha soffreu, não se mettem em aventuras, e que, portanto, os sobresaltos e as referencias amargas aos projectos dos nossos visinhos contra nós representam, pelo menos, absurdos. . »

Eu não me envergonho de produzir absurdos, quando vou por um caminho (de absurdos, como classifica) aberto e trilhado por quem sabe mais do que eu e do que o meu concidadão. Ora, faça um esforço de memoria, para se lembrar da *Grandeza e Decadencia dos Romanos*, de Montesquieu, e por alli concordará em que *nunca uma nação se tornou perigosa como ao terminar, armada, uma guerra civil.* Não reproduzo hoje uma pagina de exemplificações, porque estou escrevendo a custo e porque não disponho de secretario.

A proposito, logo que me sinta restabelecido, hei de explicar-lhe detidamente os meus pontos de vista patrioticos — com absurdos e tudo.

Vê-se no *Diario de Noticias:*

«Foram concedidos 60 dias de licença ao sr. conselheiro Jeronymo de Vasconcellos, inspector geral dos impostos.

«Vae exercer este importante cargo, em commissão, o coronel de instrucção militar sr. Avellar Telles, funccionario distincto e deveras considerado.

«Parece que ao sr. Jeronymo de Vasconcellos, finda a licença, que tenciona gosar em Verride, onde possue uma propriedade, será talvez conferida uma outra commissão de serviço.

«Sua excellencia só retira de Lisboa depois de entregar a inspecção ao sr. Avellar Telles.»

... Se o supra-citado Jeronymo não é um menino virtuoso, já eu perdi a noção das fórmulas justas no jornalismo. Pelo que eu sei, não seria tal linguagem — a do *Diario de Noticias* — que eu empregaria ao tractar do severo causticador dos cervejeiros. Mas bastaria

que o collega noticioso nos explicasse a historia da licença. Faça isto á Moral!

XXIX

Suspeitoso e permittindo-se tom ironico, convida-me *Fr. Serapião* (tambem este me escreve de Amarante) a citar-lhe na obra de Montesquieu *Grandeza e decadencia dos Romanos* um trecho que se refira ás nações em guerra civil, perigosas para as outras nações.

Eu lhe cito:

«Não existe estado que mais ameaçador se torne, para os outros, no sentido da conquista, do que o Estado entregue aos horrores de uma guerra civil. Como todos alli se armem —burguezes, artistas e lavradores, etc.,—acontece que, ao realisar-se a paz, estão reunidas todas as forças, e as vantagens sobre os outros Estados são consideraveis .. E, para dos romanos e dos exemplos que elles nos offerecem passarmos a outros exemplos, nota-se que

nunca os Francezes foram tão temiveis como em seguida ás contendas entre Borgonha e Orleans, e depois da Liga e das guerras que assignalaram a menoridade de Luiz XIII e a de Luiz XIV. Nunca a Inglaterra foi tão respeitada como no tempo de Cromwell, depois das guerras do Parlamento. A superioridade dos Allemães sobre os Turcos só póde affirmar-se depois das guerras civis da Allemanha. E os Hespanhoes, após as guerras da successão, sob Filippe V, desenvolveram na Sicilia uma força que assombrou a Europa...»

Está-se lembrando do que está confrontando — o meu correspondente; mas eu julgo-o capaz, por extremos de ironia, de exigir citação de pagina da obra de Montesquieu. Ahi vae, na edição que tenho presente: é a paginas 67, edição Bryset, Lyon, 1817.

E andando!

Vejo agora n'um jornal que Virchow «foi o primeiro que defendeu o *desarmamento en-*

ropeu. Se quer antepôr um sabio a um... Nicolau II, faz muito bem, mas Virchow foi o primeiro — na Allemanha. . Antes d'elle, em França, publicou Émile de Girardin o seu notabilissimo trabalho *Le désarmement européen,* que parece, ainda hoje, volvidos quarenta annos, a ultima palavra eloquente sobre o assumpto.

E' edição de 1859, de M. Lévy, Paris.

E ponho hoje ponto — eruditamente.

XXX

Ha uns trinta concorrentes a duas cadeiras do Curso Superior de Lettras, o que me faz demorar o espirito na recordação de coisas de ha trinta annos. Lembro-me do concurso de Teophilo Braga, Manuel Pinheiro Chagas e Luciano Cordeiro a uma cadeira de Litteratura, da estrondosa victoria do primeiro dos

tres concorrentes — *e da justiça que foi feita.* Hoje, pelo visto, ha muitos mais habilitados. Oxalá que se habilite a justiça !

Oxalá !

*

Não tenho dados para suspeitar que ella venha, em tal caso, a ser desprezada ou violada; mas como diz o vulgo: — «Está-se vendo tanta coisa !» E' certo que se pode contar com *examinadores*, mas *(outro mas !)* as decisões finaes cahem de muito alto — tão alto que, muitas vezes, se confundem, de lá, a justiça e o direito com a mixordia. Oxalá que a um torneio do Saber — como diria o outro — não succedam triumphantes cabriolas da Nullidade de compadrio !

Oxalá !

Uma noticia que eu tenho, bem visivel em cima da minha meza de trabalho, é a seguinte, que merece muita attenção, e que justifica

alvoroço. Reproduzo-a do *Diario de Noticias*:

«Teve hontem uma conferencia com todos os sub-delegados de saude, ácerca da execução do regulamento referente á fiscalisação dos generos alimenticios, o sr. dr. Ricardo Jorge, inspector geral de saude.

«Sua ex.ª, que, conforme dissémos, é o auctor do referido regulamento, explicou claramente não só algumas pequenas duvidas suscitadas ácerca da interpretação de diversos artigos, mas tambem quaes os serviços subsidiarios que a policia e auctoridades administrativas teem de prestar aos sub-delegados de saude na fiscalisação da pureza dos generos expostos á venda.

«Brevemente vão começar as visitas aos estabelecimentos de generos alimenticios.»

*

... Viram? Agora vou começar a vêr se aquelles intrujões que vão fazendo fortuna a olhos vistos continuam a fornecer vinho, azeite

e pão adulterados e chouriço e bacalhau pôdres aos seus pobres freguezes que não respingam porque vivem a *crédito*. Ha de se apurar quanto tempo dura a febre das providencias, e mesmo se chega a haver febre. Deus de meus paes! eu bem sei o que são medidas *decretadas*, em beneficio d'este feliz povo: conheço-as desde que me entendo; mas tambem é certo que o feliz beneficiado está na espinha — á força de receber protecção.

Ora, vamos a vêr!

XXXI

Esta manhã, ao vêr, da linha férrea de Cascaes, os preparativos para a inauguração da estatua de Affonso d'Albuquerque, em Belem, recordei-me de um homem que todo o Porto conheceu ha 20 annos. Refiro-me a Diogo Souto.

*

Foi a proposito de uns versos com que elle *festejou* o Centenario de Camões, — recordam-se? Annotando a geral demonstração de fanatismo pelo nosso épico, dizia o Diogo Souto — que se ao mundo voltasse o Camões, morreria de fome segunda vez.

Não agradou a collaboração do poeta portuense na celebração dos festejos. Era natural. Uma collectividade não se manifesta, pelo ordinario, consoante o sentir de cada individuo. O desagrado foi apregoado em toda a linha, mas em voz baixa deu cada um razão ao *desmancha-prazeres*.

*

Affonso d'Albuquerque *vive* tanto, — na memoria dos que o conhecem, — pela ingratidão que soffreu como pelos serviços que prestou. Volvidos tres seculos sobre o dia em que entrou no descanço, ahi o temos glorificado, não faltando execração sobre os que lhe amargu-

raram os derradeiros dias. E á luz com que a HIstoria illumina a vida de tantissimos Superiores, não haverá temeridade de juizo ao suppormos que o grande homem, se voltasse ao mundo, teria ensejo de novamente desejar a morte — como libertação de ingratidões.

Agora me diz um leitor — que é demonstração de azedume, ou, quando menos, de mau gosto, soltar uma nota discordante, de philosophia sceptica, em meio de um côro de saudações crentes. Mas, se a gente, com o andar dos tempos, se torna, involuntariamente, uma viva contradição — quer se manifeste protestando, quer se limite a abster-se, a retrair-se?...

Falo com aquelle meu estimavel amigo, que ainda hontem me dizia:— «Você está velho: nunca está d'accordo!» Julgava eu ter passado a mocidade e muitos annos depois a discordar quanto possível, e dizem-me, agora, que eu estou no pendor da caturrice! Não estou tal; se ha differença é que hoje falo menos do que outr'ora, mas continúa o desaccordo.

XXXII

Tem-se protestado ultimamente, em Lisboa, contra uns correspondentes de jornaes estrangeiros, residentes em Portugal e auctores de systematicas e parvas difamações contra o nosso paiz hospitaleiro. E' vulgar pensarem e dizerem mal de nós, depois de sahirem da nossa terra, estrangeiros que receberam aqui bizarro acolhimento e que nos affirmaram, emquanto aqui estiveram, admiração e sympathia. Mas difamar-nos e viver da difamação, permanecendo entre nós, é de acabado patife.

E, a proposito d'aquelles — que só nos jogam chufas depois de nos dizerem adeus, estou-me lembrando de Ernesto Rossi — um grande actor que eu vi applaudir ha mais de trinta annos em Lisboa, com um enthusiasmo levado ao delirio — de certo modo merecido. Contaram-me casos de gratidão do Rossi para comnosco, dignos de uma grande alma, ou de um grande farcista. Vão vêr como era um farcista.

*

Volvidos alguns annos sobre a partida de Rossi, de Lisboa, li n'uma folha estrangeira o seguinte:

N'uma exposição universal, na America do Sul, foi visto Ernesto Rossi em visita aos diversos pavilhões. Ao aproximar-se do de Portugal, voltou-se para uns companheiros e bradou-lhes:

— «Exposição portugueza!? Para diante! Que diabo pódem expôr aquelles sujeitos? Só se fôr palha!»

. . . . Esperei muitos annos tornar a vêl-o em Portugal, para então contar a historia nas gazetas. Nunca mais o vi.

Ha dias recebi do Porto um bello estudo de E. de Laveleye, traduzido pelo sr. dr. Miguel Vieira Ferreira. Hei de fallar detidamente d'essa obra — que estou relendo. Hoje limito-

me a reproduzir as seguintes palavras, alli citadas, de Napoleão I em Santa Helena:

«Francisco I estava verdadeiramente em uma posição de adoptar o protestantismo nascente, e declarar se seu chefe na Europa. Teria poupado á França terriveis convulsões religiosas. Infelizmente, Francisco I nada comprehendeu de tudo isso. Não poderia desculpar-se com seus escrupulos, pois que se alliou com os Turcos, e trouxe-os para entre nós. Simplesmente, é que não via mais longe. Asneira do tempo, intelligencia feudal! Francisco I, finalmente, não passava de um heróe de torneio, um galanteador de salão, um grande homem pygmeu!»

. . Via longe e fundo aquelle côrso!

XXXIII

E' nos *Miseraveis* que V. Hugo diz: — N'aquella época (1815) tinha a Inglaterra alguem superior a Wellington: — Byron; e a Allema-

nha a Blucher: — Goethe.» Isto é assim *relativamente*. E apresso-me em afirmal-o porque não succeda considerar-se o sr. Alfredo Gallis, por exemplo, encostado a Hugo, superior a Mousiuho d'Albuqueaque.

E é tambem por outra coisa.

*

Dizia Cromwell: — «Não ha idéas sublimes, nem idéas inferiores: ha apenas idéas que triumpham e idéas malogradas.» E' uma reproducção da phrase do gaulez: — «Ai dos vencidos!» Foi com immensa amargura que eu li agora a noticia de haver sido publicado em Inglaterrra, n'estes ultimos dias, um livro de Herbert Spencer, — um livro de despedida do gigantesco pensador; livro que é ao mesmo tempo um grito de maldição.

Conheço o livro, por emquanto, mercê d'uma noticia do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, da qual recortarei os seguintes periodos:

«Os homens, em vez de tirarem lição e pro-

veito das suas palavras experientes, do seu conselho, parecem-lhe estar retrogradando, ztravez da barbaria para a escravidão: «Trabalhámos em vão, gastámos a nossa energia para nada!» Tal é o grito de amargura que se exhala dos labios do velho pensador. E a miscellanea qne elle nos offereceu, como a flôr suprema e derradeira do seu genio, compõe-se dos soliloquios em que durante estes ultimos annos elle tem desabafado a sua decepção e a sua melancholia em presença dos attentados e das atrocidades em que as modernas gerações traduzem o seu retrocesso na cultura e na civilisação.»

*

E' certo que, *segundo V. Hugo*, a Inglaterra tem hoje, ainda, maior do que lord Kitchener de Kartum e da Africa do Sul e maior do que Chamberlain — Herbert Spencer. Mas, este morre desanimado e arrependido, e aquelles realisam a Africa Ingleza — desde o Cairo até ao Cabo. E importa ouvir o Cromwell:

— «Não ha idéas sublimes, nem idéas inferiores: ha apenas idéas que triumpham e idéas malogradas...»

Mas eu quero fechar com a reproducção das seguintes melancholicas palavras do sublime educador... de maos discipulos, no seu ultimo livro:

«Ha muitos annos a esta parte, quando chega a época de rebentarem os gomos nas arvores, me acode ao espirito este pensamento: Tornarei a vêr os renovos abrirem? Tornarei a ser despertado mais uma vez ao romper d'alva, pelo chilrear do tordo?—Parece realmente bem extranha e repugnante a conclusão de que, com a cessação da consciencia na morte, cesse todo o conhecimento de haver existido, e com o seu ultimo suspiro, tudo se torne para cada qual como se nunca houvesse vivido.. Que vem a ser da consciencia quando finda? Só podemos auferir que ella é uma fórma especialisada e individualisada d'aquella energia infinita e eterna, que transcende tanto o nosso conhecimento como a nossa imaginação: e que,

com a morte, os seus elementos se fundem na Infinita e Eterna Energia de onde derivaram.»

*

... Tenho para pensar toda á noite, meu desanimado sabio!

XXXIV

Não sei se mal parece considerar telhudo e patarata um soberano extrangeiro, e se o declaral-o em publico é caso para incommodar as chancellarias ou os tribunaes. Se eu soubesse que tal me permittiriam, decerto eu chamaria agora a attenção dos meus amigos de Cerva e de Mondim para aquelle patusco Imperador allemão — a commandar cargas de cavallaria em manobras do seu exercito.

A' mingua de *factos*, tem-se cantado — e ha annos que dura a cantiga — as prendas incubadas d'aquelle Cezar em cuécas, um bello

protogonista para a *Historia do qae não aconteceu*. Não faltaram na imprensa europeia exclamações de assombro perante os dotes do politico, do legislador e do guerreiro; a verdade é que, dados os recursos de que dispõe o chefe d'um povo como a Allemanha de hoje, o papel de Guilherme II tem sido o d'um insignificante completo, com abundante verniz de pataratice.

Da finura, da elevação e da firmeza da sua politica fallam as suas *attitudes* — perante Kruger aprisionando Jameson e perante a Inglaterra despedaçando o Transvaal. Quanto ao guerreiro...

*

Esta de commandar em manobras as massas de cavallaria em carga, com obrigatoria fuga dos infantes, fez rir muito o philosopho Tiberio, que conhece os seus auctores. Depois da carga de cavallaria ingleza em Balaklava, na guerra da Crimeia, depois da dos couraceiros francezes em Wissemburgo, depois da ba-

talha de Sédan, em que a infanteria prussiana pôz em fuga e perseguiu a cavallaria franceza, as cargas d'essa arma, em grandes massas, só se admittem em peças de grande espectaculo. Nem na historia da guerra franco-prussiana achou o Cezar em cuécas elementos que o livrassem da pataratice!

*

Lord Kitchener chega, na imprensa franceza, um verdadeiro calôr ao descendente do Grande Frederico. O homem do Egypto e do Transvaal tem estudado a tactica nas grandes guerras; e a sua critica, bem assim a dos seus camaradas, ás recentes manobras do exercito allemão firmam-se n'um *saber de experiencias feito*. Dóe me o temor de sahir d'este mundo antes de saciar a minha curiosidade — ácerca do que tem dentro o imperador *inedito*. Até agora só me dá a ideia do Conselheiro Encravadissimo.

XXXV

Um jornal africano dá-nos a noticia de haverem sido abolidos os monopolios pelo imperador da Abyssinia, em todos os dominios do imperio.

No deereto que supprime as poucas-vergonhas supra, diz Menelick:

«Tendo o meu povo chorado, quando se estabeleceram os monopolios, entendo dever supprimil-os.»

Aquelle *negro* é mais claro do que os brancos. E ainda elle não viu, além das lagrimas do seu povo, os phosphoros incombustiveis— como os da nossa Companhia¡

(Lá vae ladrar um malandrão do costume!)

Informa-nos o *Jornal do Commercio*:

«Certos animaes teem a propriedade de possuir dentes que crescem toda a vida.

«O rato e o esquilo pertencem a esta classe; os nossos dentes são desenvolvidos por meio de polpas, que são absorvidas e desapparecem depois que os dentes estão crescidos; porém no dente do rato a polpa é perpetua e está constantemente fabricando substancias que concorrem para o crescimento dos dentes. O animal é por isso obrigado a roer para desbastal-os e conserval-os no comprimento necessario.»

Commenta aquelle jornal;

«Já se vê por ahi que somos injustos, quando accusamos estes nocivos animaes de roerem tudo quanto encontram, só pelo gosto de praticar o mal.»

... Igual desculpa merecem os cavalheiros que se tornaram symbolos de Ladroeira e Gatunice: — é que tem de desbastar a unha na palma da mão.

Segundo *calculos* errados de varios fieis, admittida a hypothese de ser eleito Papa o car-

deal Oreglia seria elevado a Decano do Sacro Collegio o actual Patriarcha de Lisboa. Com o que se regalariam em accesso, varios prelados portuguezes.

Não houve novidade; mas teria graça que *Fr. José*, por morte de Oreglia, viesse tambem a ser Papa — e, como Sixto V atirou as muletas para o diabo, elle atirasse, ao vêr-se eleito, os *curações*!

Por outra: Se nos sahia um finorio!

Havia duvidas sobre as verdadeiras causas da fuga da princeza de Saxe-Weimar para a Suissa. Aqui temos telegramma que desvenda o novo caso obnoxio:

«Sabe-se já positivamente que a fuga do lar conjugal da formosa grã-duqueza de Saxe Weimar, que tem apenas dezenove annos e casou ha dois mezes, se deve attribuir a razões gravissimas: á existencia d'um drama passional, sendo um puro pretexto a versão official que diz ter ella querido apenas eximir-se ao

jugo d'uma côrte demasiadamente formalista.»

Outr'ora, para os *dramas passionaes* dos grandes da terra, lá apparecia um Juvenal, ou um Tacito, ou um Suetonio, como sentinella perdida; hoje fervilham os moralistas, e as catitas cada vez mais immoraes!

Nãs se endireita o *retorcido!*

Aqui temos nós uma do nosso bom «Diario de Noticias», — das de levar coiro e não cabello, pois que se trata d'um careca. Diz o «Diario», ingenuamente:

*

«Quem percorre á noite as principaes ruas da baixa, observa, com desgosto, que a policia não procura evitar as scenas escandalosas e os abusos que as mulheres de mé nota, aos magotes, praticam a cada momento nos sitios mais frequentados da cidade.

«Chegam taes abusos até ao ponto d'ellas provocarem homens sérios que acompanham

suas familias. E, se porventura elles, ou algumas das pessoas que os acompanham censuram as provocadoras, é contar com descompostura grossa, que a todos deixa véxados.

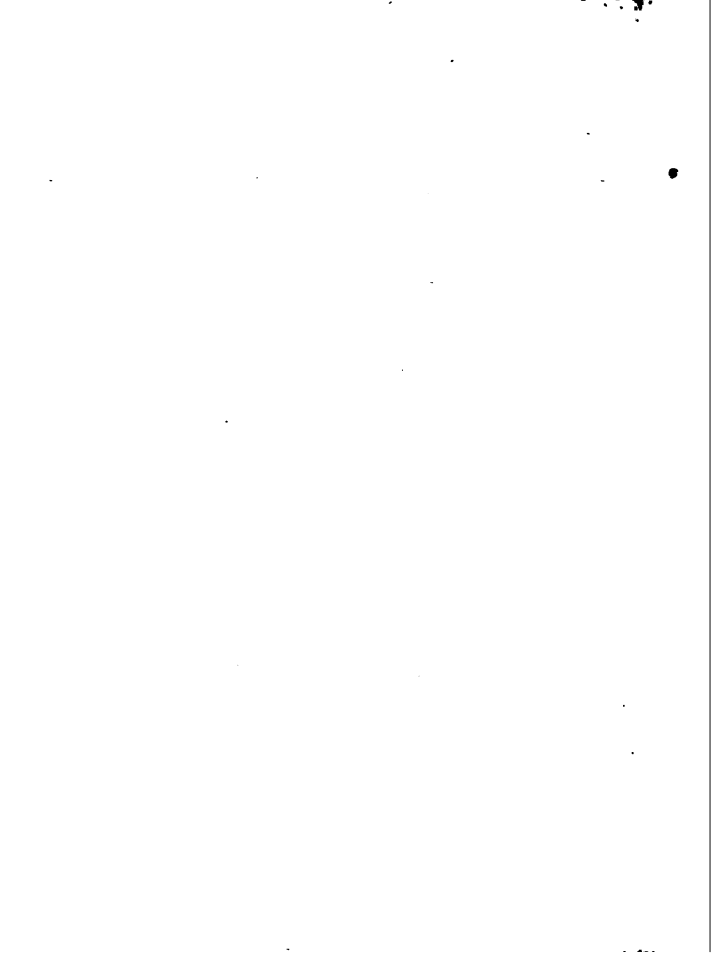
«E' certo que a policia de vez em quando faz rusgas, levando as «borboletas» para as esquadras: mas, como ellas já sabem que pagando uns tantos mil réis vem para a rua, não se corrigem e continuam na mesma.

«Ora, o sr. governador civil, que tem louvavelmente procurado melhorar alguns serviços policiaes, bem andaria estudando a fórma de, sem meios violentos, limpar as ruas da baixa d'essas mulheres desgraçadas, impondo-lhes preceitos a que não possam eximir-se.

*

Ora, eu posso affirmar, como velho lisboeta que as *mulheres infelizes* são muitas vezes bodes expiatorios de alheias culpas: — da hypocrisia dos *homens sérios* e da rivalidade de *felizes competidoras*. Mas, outro é o caso.

O *Diario* lembra a *D. Anna* que mande limpar as ruas da baixa. Não vêem alli biscata ao *cuspo*, com que os gatos limpam o focinho? Nos meus tempos de rapaz pobre era com *cuspo* que eu limpava as botas...

O diabo é o *Diario de Noticias!*

EGO

De um livro intitulado *Esboços de Pathologia Social*, devido ao sr. dr. José de Lacerda, medico pela Escola de Lisboa, destaco a seguinte pagina, que, na opinião de muitos, se refere ao mais intimo dos meus amigos, — ao meu carissimo *Ego*:

«O *mal de viver* é maximo nos poetas, nos romancistas, nos criticos, nos humanistas. Um d'elles (?) disse-me (palavras textuaes): — «Não me mato, porque sou um cobarde, porque não sei querer sufficientemente a morte, o socego.»

E' um litterato. Espirito interessante. Sof-

fre, desde muito e muito, autophobia. O suicidio e outras coisas tragicas e tétricas são assumptos que em conversações intimas cultiva com esmero. Exteriorisa-se, em publico, como humorista. Nos seus livros, notaveis por mais de uma razão, oscilla entre a critica e a satyra. Muito ledôr, as noções em grande parte antinomicas, que deve aos livros (quasi exclusivamente litterarios) e á propria observação (desvirtuada pelo litteratismo), tamisadas pelo seu psychismo de incuravel romantico, produzem-lhe curiosos phenomenos mentaes: entraves nas associações conscientes; a indecisão, a debilidade, a miseria de volição cortical, á mercê sempre, portanto, de qualquer suggestão boa ou má, hygida ou morbida, que decida o caracter bom ou mau, hygido ou morbido, do reflexo psychico. A' mercê, tambem, e em largas proporções, do proprio sentimento, que se torna assim, n'este critico, o director, o polarisador do pensamento. Exemplo: passageiramente apaixonado por uma dama ingleza, este escriptor passou a considerar a Inglaterra,

por este singelo facto, a primeira, mais forte, mais sabia, mais nobre, melhor nação d'ete mundo. Mas a paixão gastou-se. E como os boers foram heroicos, sympathicos e batidos, e o critico é, no seu fundo dominador, um romantico, um sentimental, um compassivo, a Inglaterra transfigurou-se, para elle, n'um paiz feroz, ladrão e homicida.

«E tudo isto, no seu momento, com ardente boa fé, com sentida sinceridade.»

*

Tal diz *scientificamente*, — salvo a *caricatura*... Ora, em observação e conclusão scientifica, a caricatura é peior coisa do que a oscillação entre a critica e a satyra: é coisa pessima — até prejudicar a Sciencia. E não é outra coisa a nota, *exemplificativa* e, portanto, concludente, relativa a uma paixão que determinou admiração excepcional por um paiz, — admiração convertida em odiento menospreço, porque a paixão se gastou... e porque outro

paiz, adversario d'aquelle se tornou digno de sympathia (?).

A verdade é—que o meu amigo *Ego* affirmara sempre, muito antes do *facto sentimental*, a sua excepcional admiração pela Inglaterra, que *não passou paixão alguma*, — e que a bravura dos Boers, inevitavelmente derrotados, não alterou, nem por sombras, o sentimento, firmado em critica, do meu intimo amigo, pela nação ingleza, — que, para elle, é sempre a maior nação do mundo, — e elle não tem culpa d'isso.

*

A consideração que me merece o auctor do livro impede que eu me encerre n'um desdenhoso silencio, ao ler n'aquelle trabalho uma *deixa* para annotações. Quando resisto a tentação de *denuncia*, como a de agora, é porque o auctor de *deixa* é um ridiculo, ou um indigno, ou tudo junto; e o dr. José de Lacerda é um estudioso e um homem de bem. Elle dispensa

attestados, mas eu não me dispenso de explicações.

Ora, a pag. 61 do seu livro, diz o doutor:

*

«Excepcional nos homens de sciencia positiva; vulgar nos profissionaes das artes mais artisticas, menos *intellectuaes*, o mal de viver é maximo nos poetas, nos romancistas, nos criticos, nos humanistas...»

*

E' pelos creditos do auctor do livro que eu digo a uns leitores *sobresaltados*: — Não se referiu elle aos poetas, nem aos romancistas quando fallou das artes *mais artistieas e menos intellectuaes*. E' isso com os artifices e não com os trabalhadores do Espirito. O sr. José de Lacerda não se enfileira com os medicos que fazem más Lettras e que se dão, perante a Litteratura, ares de superiores; — e. affas-

tado de tal terreno, já elle escrevera, a pag. 19 do seu interessante trabalho: — «Lessing, Hume, Macaulay, Michelet, Guizot, Goethe, Shakspeare, Dickens, Tackeray, Hugo, Balzac, Flaubert, Camillo, Tolstoi e a revoada enorme d'outros pujantes descriptores ou representadores do labutar humano...» Eu supprimi, para abreviar, alguns nomes que o sr. José de Lacerda julga criticaveis pela psychologia moderna.

E, ainda abreviando, direi — que são maiores *criticos* nos dominios da Psychologia do que aquelles — os da *Região dos Iguaes*, como diria o *Igual* Victor Hugo. E não me abstenho de citar estes dois factos: — Sousa Martins, homem illustre entre os das Sciencias positivas, escreveu detidamente ácerca de Anthero de Quental; nada accrescentou á critica sobre o grande pensador da Poesia e não fixou a propria posição entre os *litteratos* superiores; — vejam agora Charles Dickens *descripto* por Taine, na *Historia da Litteratura Inglesa*: apenas transcreverei umas vinte linhas, e

já lhes digo porque as escolhi, pensadamente, no estudo do grande critico da França sobre o primacial romancista inglez.

... «No fundo, os romances de Dickens reduzem-se todos a uma phrase: — Sêde bons e amae... Deixae aos sabios a sciencia, aos nobres o orgulho, o luxo aos ricos; compadecei-vos das miserias humildes; o sêr mais pequenino e desprezivel pode valer tanto, por si só, como milhares de sêres poderosos e soberbos... Acreditae que a humanidade, a compaixão e o perdão, sào o que de mais bello existe no homem; crêde que a intimidade, as expansões, o enternecimento e as lagrimas são o que de mais dôce existe na terra. Nada é o viver, pouco vale ser poderoso, sabio, illustre; não basta ser util. Só tem vivido e é um homem aquelle que chorou ao lembrar-se de um beneficio que fez, ou de um beneficio que recebeu.»

*

... Descendo do auctor do *David Copperfield* ao meu intimo amigo *Ego*, direi que tam-

bem este vérme da terra tem chorado aquellas lagrimas — das duas origens, — o que o dispensa de aguardar as decisões da critica não profissional, para se julgar um homem ; e, capaz de fazer a critica de si proprio, não se considera exemplar para contemplação do burguez, por mais que intervenha a *caricatura.*

HA 30 ANNOS

Appareceram, ha tempos, no *Diario de Noticias*, umas historias ácerca do projectado duello de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos e Antonio Ennes, — coisa de ha 30 annos.

Eu contarei outra historia — emendando.

*

Antonio Ennes, ha tempo fallecido, achava-se inesperadamente, a braços com um duello tendo por adversario o *Antonio Augusto*, que era um veterano. Se alguem pôz em duvida, um dia, a coragem do Ennes, enganou-se ou

mentiu. Mas, na occasião, elle tinha o pae — o chefe de familia — muito doente, e a noticia do duello do filho bastaria para matar o velho.

Ora, aconteceu que, na vespera do duello, ahi pelas 6 horas da tarde, nos encontrámos no velho Passeio Publico, onde hoje se ostenta a «Avenida da Liberdade», Antonio Ennes, Luciano Cordeiro, mais uns dois amigos — e eu. Fallámos de coisas várias, menos do duello ; e do Passeio Publico subimos ao Chiado e fomos jantar ao *Matta*, um restaurante que na rua do Outeiro occupava um primeiro *pizo*.

*

E, ao final da ceia, um dos convivas, sem dizer coisa alguma, e pensando no velho enfermo e no moço jornalista em perigo, foi-se ao Governo Civil, onde encontrou o velho Antunes, ao qual disse :

— Os senhores da Policia perderam de vista os duellistas d'amanhã. Pois eu venho *denunciar* a presença d'um d'elles.

— ?!

— Está alli no *Matta*; vamos sahir para S. Carlos. O senhor vá á platéa, onde eu lhe indicarei o homem. .

*

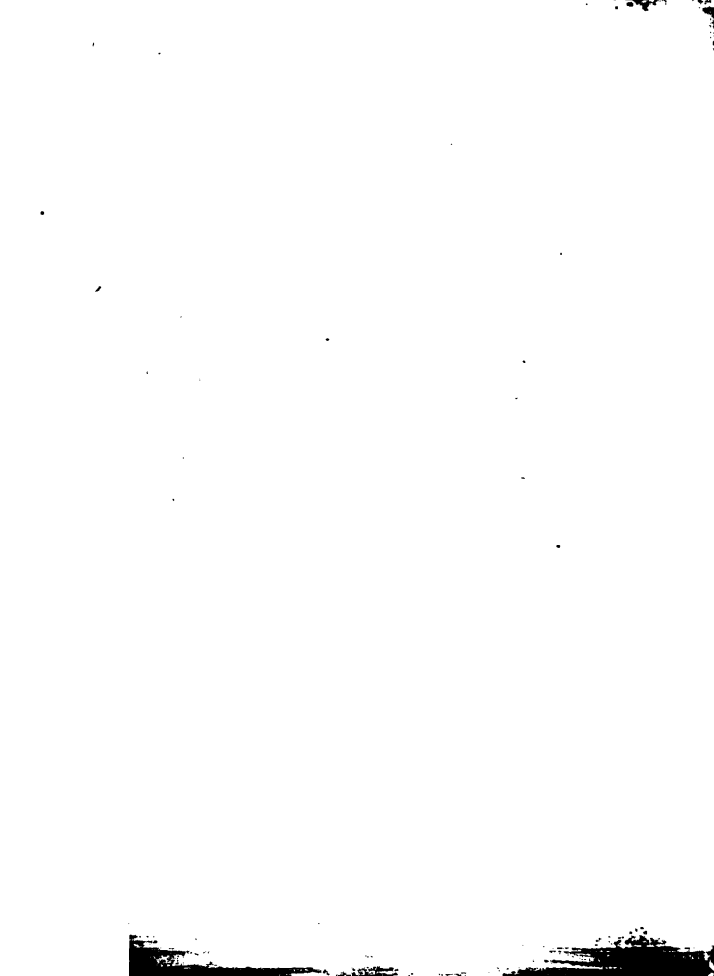
Voltei ao restaurante, d'alli fomos para S. Carlos, onde se cantou a *Traviata*. O Antunes entrou; eu vi-o, indiquei-lhe Antonio Ennes, e o policia partiu. Eu tambem sahi, socegado.

*

Na madrugada seguinte a policia acudiu, a tempo. Uma testemunha viva, de quem eu me lembro, é Ramalho Ortigão, que não deixará tropeçar a minha memoria. O duello não se realisou, e, uns mezes depois, dizia-me Antonio Ennes:

— «Muito obrigado pela sua intervenção, de que só hoje tive conhecimento!»

.. E eu narro o *caso*, porque elle não desdoura Antonio Ennes, nem deixa desdourar o *Antonio Augusto*.

Foi assim.

EXPLICO-ME

Pergunta-me um *collega novo* — porque é que eu não escrevo para o theatro.

Respondo:

*

1.° — Porque, a meu ver, o theatro exige n'este momento *tanta coisa*... que não me julgo apto para concorrer. Mas não se perde grande coisa„ pois que abundam os audaciosos, sem falar dos competentes. Eu disse *audaciosos*, e, realmente faz-se precisa audacia a valer — já não digo pera *fazer theatro*, mas para o que já lhe digo.

2.º — E' que na producção litteraria *em livro* a acção da *critica* subordina-se, nm tanto á minha vontade: — Se o *critico* é um tolo, eu não lhe envio o men livro. *Se elle* falla sem haver recebido o livro, eu relaxo-o ao desdem das gentes cultas e não penso mais em semilhante besta. Mas se eu ponho em scena um trabalho, não me é dado regeitar o *critico*: os jornaes teem encarregados especiaes, e em determinados jornaes ha *cada um l*...

Accresce o seguinte: — eu regeitei umas botas ao meu sapateiro, porque eram de pessimo cabedal e porque me aleijavam, e declarei ao *mestre* — que não lhe daria mais trabalho. Vae d'ahi *o mestre*, desaggrava-se... indo ao theatro, com os aprendizes, e pateando-me a peça. *Comprou á porta o direito de patear* — diz elle, com applauso publico.

*

3.º — Tenho idéas (*Pardon!*) que não agradariam á maioria, ou que desagradariam á muitissima gente: — a uns porque lhes pareceriam muito livres, a outros pouco avançadas. Com os velhacos sem mistura me aguento eu— vigiando-os, mas com a velhacaria que sae da estupidez — a *velhacaria saloia* — que rebenta da falta de educação—não ha meio de equilibrar-se um homem, se não ha alli bons instinctos. *avis rara*, que substituam a educação ausente,

*

Tenho ideia de eu hrver feito *dois dramas*. Vinham a ser affirmações doutrınarias, recortadas em scenas para um publico amigo do genero — e do auctor. Agradaram as duas peças, no Porto, em 1875 e 1878; mas isso pertence á historia das convicções com demonstração vlolenta; a litteratura não tem que vêr em taes episodios, e, repito, experimento pelo thea-

tro, hoje, intolerancia tal, — e tão compartilhada a vejo,—que teria de ser estupenda obra prima o meu trabalho, para que eu me satisfizesse, — embora acceite pelos outros.

E' um brado de consciencia : — Não vale a severidade apenas para as obras *primas* dos outros. Nem para as tias !

SUPERIORES

Lendo a noticia de haver sido prohibida uma conferencia de Theophilo Braga (*) a proposito das coisas *religiosas*, lembrei-me das *Conferencias do Casino*, prohibidas ha trinta annos pelo Bolama — de grutesca memoria. E é certo que, trinta annos volvidos sobre aquella violencia, é possivel uma violencia maior. Temos caminhado — indiscutivelmente!

*

E, lembrando-me dos conferentes do Casino,

(1) Em 25 de maio de 1901.

naturalmente se destaca, a meus olhos, a luminosa figura de Anthero de Quental. Vem a pello: ha dois dias que eu penso n'elle, á proposito de certa *nota* que eu vejo imprimir-se em *tudo isto*.

E' á conta dos protestos patrioticos por occasião do *ultimatum* inglez — explorados e empalmados pelos *politicos*, tão descarada e sujamente, que o grande espirito, precipitado das *Odes modernas* á presidencia de uma *Liga Patriotica*, saiu d'essa embrulhada para o Suicidio, pelo caminho da enojada desesperação. Ha dois dias que eu penso n'elle—ao vêr como uns ignobeis politiqueiros ensaiam a exploração dos protestos liberaes. Deliciosa coisa — *não ser politico!*

*

Que diria Theophilo Braga, em sua Conferencia? Algumas coisas só perceptiveis para os estudiosos. O mais elevado espirito do Portugal de hoje, — o unico em quem *todos* pódem, sem hesitação, reconhecer o *chefe* (e re

firo-me a todos os homens limpos no cerebro e no coração) é, por sua provada orientação, incapaz de uma referencia a qualquer *traste* de qualquer partido. Não havia que temer em allusões; e quanto á *doutrina*, bastava como embargo aos *perigos* a assombrosa ignorancia da maioria,—ignorancia tão bem cultivada pelos *que conservam* e tão bem tolerada pelos que exploram *a conservação!*

*

Theophilo Braga amordaçado! Já é ter medo a valer, quando se tem medo da affirmação serena das ideias, n'um paiz que não sabe ler! Se houvesse de berrar ás multidões um javardo com ares de apopletico, e considerado demagogo pelos patetas que lhe não observam o bandulho, conceber-se-hia o temor, mais a repressão; mas, agora, quando só havia a lucrar em são criterio, para o fim de orientar o publico... já é preciso serem parvoeirões!

*

... E vejo desenhar-se e desfilar tudo: o enthusiasmo dos rapazes de ha 30 annos, n'aquella noite das conferencias prohibidas, e uma multidão a victoriar Anthero de Quental, até á redacção do *Jornal do Commercio*, onde Balthazar Radich recebia os *protestantes*; e, vinte annos volvidos, vejo Anthero a descer, n'um ultimo sonho, á tal presidencia — de que sahiu para aquella noite de horror. . Oh! a noite abominavel!...

*

E hoje — se não é de todo, bem parece, *tudo isto,* o feudo dos cynicos, dos malandrins, dos parlapatões, dos intrigantes, dos covardes e dos ridiculos!

LETTRAS

Deixem-me fallar de Lettras, — sempre é mais limpo do que a outra coisa...

*

Na camara dos pares encontrou resistencia — aliás cortez — o projecto de pensão á viuva e aos filhos de Eça de Queiroz. Natural! Quando foi d'aquillo de a Camillo Castello Branco se conceder dispensa de direitos por um titulo, não faltou *um parlamentar* — para a contestação do grandissimo favor. Quero ser severo, graduando aqui em redondo o nome do cavalheiro: foi o sr. *dr. Simões Ferreira*,

que é qualquer coisa dirigente no ministerio das Obras Publicas. Camillo — o maior prozador de Portugal, discutido pelo sr. *Simões Ferreira!*

*

Quem achou discutivel a pensão á viuva e aos filhos d'aquelle que escreveu *O Crime do Padre Amaro* foi o sr. Luiz da Camara Leme. Graças aos Deuses, o sr. Camara Leme invocou a memoria e a litteratura de Garrett — pois que a familia do auctor do *Fr. Luiz de Souza* não precisou (ainda bem!) de pensões. Mas o sr. Camara Leme, que se obstinou out'rora em pedir um monumento a Saldanha, esqueceu-se de tudo isto:

1.º — Que o marechal Saldanha foi talvez *o mais caro* (monetariamente) dos servidores da nação;

2.º — Que os seus actos *politicos de indisciplina* contrabalançaram, prejudicando-os, todos os seus serviços militares — tão valiosos quão fartamente remunerados;

3.º — Que *não está provado* que os trabalhos de um general sejam mais benemeritos de um povo que os de um escriptor; — claro que me refiro a general e a escriptor de altos merecimentos.

Que o Garrett foi tão grande que até um allemão disse bem d'elle. Ora, o diabo do allemão — em maré de generosidade! Pois, sem esperar o que allemães digam; póde a gente affirmar que Eça de Queiroz *sobrevive* — quasi originalmente em Portugal — porque *os seus livros principaes* não foram excedidos. Posso affirmar ao sr. Luiz da Camara Leme — que Camillo Castello Branco respeitava aquelle seu collega. — o que dispensa os admiradores de Eça de consultarem a Allemanha, dispensando o paiz, que elle honrou, de legislações em materia de pensão á familia do eminente escriptor. *Não é por ahi que a ruina vem!*

*

.... Mas o diacho é o Parlamento a hesitar perante as Lettras! Não tem somno o Diabo!

CIVILISAÇÃO

De quando em quando, na secção de telegrammas da Agencia, apparece registro d'um facto — desprezado pelos commentadores e pelos annotadores, e valendo todavia, a pena de notas e commentarios. Olhem por exemplo, para estas bellezas:

«*Paris*, 7. — Noticiam de Athenas que teem alli chegado numerosas familias turcas, fugindo á perseguição feroz do sultão. Dizem os emigrados que, a semana passada, foram presos 84 alumnos da Escola Militar e lançados ao rio como conspiradores.»

*

Aquelle ferocissimo canalha, com o cerebro e o coração *formados* na escola do serralho: covardissimo facinora, que por impulsos de terror mata uma filha menor, faz arremessar ao Bosphoro as mulheres do seu monstruoso coio e os homens suspeitos de já o não poderem soffrer,—aquelle vomito putrefacto d'uma civilisação tombada é ignonimia,—aquelle sordido Abdul Hamid é, sem duvida, um cumulo de monstruosidade: mas que dirão os homens, dentro d'um seculo, se a raça humana existir ainda... melhorada, a respeito da Civilisrção Christã, em plena força, — d'essa Civilisação que não só tolera n'um dos melhores pontos da Europa o antro imperial de similhante bandido, mas ainda depois de, covardissimamente, assistir ás carnificinas na Armenia, sollicita a amisade do algoz? Todos nós nos lembramos do larvado Guilherme da Allemanha, grande homem inedito, em digressão á Palestina, para

attrahir o malandrão de Constantinopla a uma especie de alliança com a Triplice!

*

Contava o Castellar que este seculo despontaria como cupula da civilisação... Despontou e não está má cupula! E' o sangue em jorros e é a devastação na Africa do Sul; é a matança de Chinezes, pelos que vão roubal-os, em sua propria casa: é o escarro petrificado — o da Turquia — em pleno delirio de malvadez, com apoio das christandades: — e é no meio da miseria de quasi iodos, o novo rei de Inglaterra, herdeiro de cento e vinto mil contos, a pedir e a obter augmento de lista civil, — e é o papa com uma fortuna de trezentos mil contos, assim avaliados pelo fisco da Italia..

Aquelle Castelar, mesmo assim, dava um bom cata-vento, para cupula!

DE AINDA AGORA

I

Esta nota que do Porto envia ao *Diario de Noticias* o correspondente d'aquella folha, vale um evangelho... conservador:

«Tem admirado toda a gente e até preoccupado muito os espiritos esta solidariedade entre as classes operarias, não faltando quem olhe o futuro sombriamente, visto que os operarios são o maior numero.»

... Principiam, agora, a olhar o futnro sombriamente. E' do mau tempo. Aquillo passa-lhes em vindo os dias de sol. Depois — somma e segue.

Nem homens, nem sociedades fojem aos seus destinos.

Aquillo da Servia está produzindo coisas ridiculas, como esta:

LONDRES. — Diz o «Standard» que a resposta do imperador Francisco José, d'Austria-Hungria, ao telegramma do rei Pedro da Servia, constitue um aviso ao novo rei de que tem de purificar a sua côrte e o seu governo, se não quer ser considerado cumplice de assassinos. — (*Havvs*).»

... Talvez lhe carreguem no da Servia, que apenas aproveita, como successor do rei morto, as vantagens da successão; mas ao Turco Abdul Medjid, assassino directo e permanente, ninguem toma contas.

Não se póde ser pequeno e fraco, — com os justiceiros da terra, assim no alto como em baixo.

Recolhamo-nos ao lar nacional. Vejamos isto, no *Diario de Noticias*:

«LONDRES, 16. — O sr. Branco Rodrigues telegraphou ao sr. presidente do conselho, pedindo-lhe que suspenda qualquer resolução sobre o regulamento do ensino dos cegos, até á sua chegada a Lisboa.»

... Aquelle nosso Branco Rodrigues tem coisas! Quem manda é o *Cain* que se chama *Abel*. O sr. Hintze é só para *tomar responsabilidades!*

II

Dizia-me ha pouco, alli a caminho de nossas casas, pois que somos visinhos, um ex-ministro de estado:

— Anda v. a fallar da velhice, como de coisa má; eu entendo que é uma felicidade na vida.

— ?!

— Estou dispensado de crêr, de amar os que me não pertencem, de irritar-me e de in-

dignar-me — por que nada tomo a serio, a não ser o bem estar dos meus.

— E' *nm assumpto* para o fim da vida. Mas quando o homem é só?

— Melhor! restringe-se a si proprio.

— E' uma felicidade pela abstenção. Triste coisa!

— E v. a dar-lhe com o *triste!* Decerto v, não me julga idiota, mas não é menos certo que me vê sempre risonho; não tenho filhos — para assumptos.

*

Algo existe de comprovado, em tudo aquillo do nosso irmão em Christo — como diz o santo prior Luiz José Dias. E assim me acontece, por exemplo, achar eu hoje coisa grutesca uma polemica — o pão de cada dia da minha mocidade. Esgrimir: com quem e para que?! com sujeitos e para os sujeitos abaixo do meu desdem?! Pelo que me toca eu tenho sido *aggravado* por malucos, bebados e malandrões de

muitas manchas e manhas; gastei força nervosa e gastei sangue, em tempos, a discutil-os, mais tarde a pensar n'elles, formando projectos e combinações. Mas, se eu me dou a passar pelos olhos as *luctas* do primeiro periodo, abstenho-me de demorar-me no segundo — e dou-me bem no *final*. Ora, o que é — periodo final? E' aquillo que dá ao estadista meu visinho um sorriso permanente.

Depois, basta que um homem se colloque á janella — *para vêr*... Tudo se paga n'este mundo.

III

Traz ali o *Diario de Noticias* um artigo editorial ácerca da miseria do proletariado litterario, incluindo o pequeno funccionalismo. São razoaveis estas considerações da folha lisbonense:

«A ambição de apanhar um emprego publico não é só monomania, é tambem uma terrivel necessidade social.

«As escolas superiores e secundarias, os institutos de toda a especie, produzem annualmente uma somma consideravel de candidatos, que não encontram, senão com muita difficuldade, uma carreira adequada á sua educação scientifica, litteraria e technica.

«Ha uma plethora de doutores, de bachareis, de diplomados de toda a casta. O proletariado das letras não é menos digno de dó que o proletariado das officinas.

«Lá fóra succede o mesmo, senão com mais gravidade ainda, como se prova por um caso recentemente succedido em Paris, e sobre o qual tanto moralisaram as folhas d'aquella cidade. Um medico foi julgado em audiencia correccional por ter commettido um furto, que não chegava a cem francos. Teria sido uma allucinação ou resultado da kleptomania,—essa doença do roubo, que ataca pessoas ricas? não. O desgraçado fôra levado ao crime por simples miseria.

«Apesar de ter cursado e concluido os seus estudos com distincção, não conseguiu alcan-

çar clientella, e, não querendo sujeitar-se a emprego menos decente, para não rebaixar os seus titulos, viu-se em lucta com a fome, e a fome fez d'elle um ladrão.»

*

* *

Supponho que a muitos infelizes consola o mal dos outros. A esses direi que o mal ainda é maior do que refere o *Diario dc Noticias*, quando diz:

«Um amanuense com vinte mil réis mensaes, obrigado a apresentar-se com decencia, é bem mais digno de lastima que um bom official de carpinteiro. O pequeno funccionalismo é um dos mais dolorosos parasitismos da dourada miseria lisbonense. E, todavia, a corrente da migração burocratica para a capital é cada vez mais impetuosa, na traiçoeira miragem das falsas grandezas. E' que na provincia tambem o pequeno funccionalismo não gosa vida mais desafogada.»

Conheço eu um excellente funccionario, com um curso da Polytechnica, amanuense do ministerio do reino. Com as reducções, tem no fim de cada mez *quatorze mil réis*. E' filho de *boa familia*, quer dizer — acostumado a commodidades na infancia: como hade elle atravessar commodamente a mocidade, com tal vencimento? E' um caracter digno, o que o não recommenda a auxilio dos que só protegem Gatunos e Bandalhos. E trabalha, sem desfallecimentos e com raras queixas. Cito este martyr, mas conheço outros.

E já notaram que no pequeno funccionalismo são muito menos vulgares os abusos e as indiguidades do que no *outro*?

IV

Ha gente que tudo paga com satisfação, menos á pharmacia, — o que eu acho injusto, se os remedios salvaram o enfermo; outra gente desespera-se largando o dinheiro ao senho-

rio, o que ainda menos approvo, pois que *o melhor* é quasi sempre o cantinho da nossa casa. E não falta quem experimente repugnancia invencivel, ao ter de pagar a decima. Eu pertenço a esse numero, e não por falta de sentimentos patrioticos: antes pelo contrario.

Toda a gente póde lêr hoje no *Diario de Noticias* esta coisa desagradavel:

«RENDAS DE CASA E SUMPTUARIA

«Não se esqueçam os contribuintes de que, desde hontem até 30 do corrente, está aberto o cofre para pagamento da contribuição de rendas de casa e sumptuaria.

Olhem o relaxe...»

Acode naturalmente a ideia de que *tudo isto* está relaxadissimo, e que bem póde, á frouxa luz da Carta Constitucional, relaxar-se o contribuinte; mas, uma vez demonstrados os perigos de tal resolução, certo é que a população dá voltas no inferno — *para pagar a tempo*. Vamos lá a pagar!

*

Se, ao menos, tivessem consentido no discurso do sr. João Arroyo! Porque, emfim, o contribuinte não deixaria de pagar, como *excellente povo*, que é, mas sempre gosaria a consolação de vér registrada a applicação dos seus dinheiros. Assim, com os conhecidos embargos á expansão d'aquelle justiceiro, ficaremos em hypotheses e em conjecturas obnoxias e deprimentes — e, com lingua de palmo, pagaremos.

A repugnancia em pagar taes despezas — que outros fizeram — sem que nos convidassem, — é sentimento justo e tanto mais que nenhum contribuinte póde ignorar que mal pagam os opulentos, emquanto os miseraveis perdem a cabeça — para cumprir *o mais sagrado dos deveres*. O mez passado foi, em Lisboa, o da renda das casas; este mez é o da decima — sob pena de relaxe. E a alimentação adulterada e encarecida — e o sr. Arroyo calado!

V

O caso da *desisteucia* do sr. João Arroyo — a pedido de varias familias — é um tremendo desastre, sob este ponto de vista: — imagine-se bem-como *tudo isto* está, pois que tudo treme ante a ameaça de um discurso... seja lá de quem fôr!

Vem ali a proposito uma gravura do *Diario de Noticias*, apresentando-nos um rapaz erguendo uma grande bola de ferro. Por debaixo da gravura lê-se: — «Uma prova de força do principe real, em Pompeia.»

O *Diario de Noticias* não previu decerto estas conclusões:

I

— Para que aquelle menino tenha tanta força, é que agonisam famintos e tysicos muitos filhos do povo.

II

— E' preferivel que o rapaz seja forte: o contrario do seu paiz, que não póde com uma gata pelo rabo!

Não é talvez muito conhecido o *Liberal* pelos meus amigos de Cerva e de Mondim: por isso reproduzo, com o commentario, para conhecimento d'aquelles patriotas, os seguintes dizeres da folha lisbonense;

«Quem defende as instituições? Os proprios actos dos que as representam?

«Não nos illudâmos.

«O sr. Arroyo fez constar, elle ou os seus amigos, que estava disposto a dizer as ultimas a El-rei.

«E que aconteceu?

«Quem veio á estacada tomar a defeza de El-rei?

«Os memb r o s

magestade não se importaram com as gravis-

simas referencias que a tal respeito correram.

«Pelo contrario, depois que o sr. Arroyo pronunciou o celebre discurso anti-dinastico, em que fallou de tudo, até do sr. Soveral, e em que prometteu voltar á carga, mais cerrado e mais aggressivo, depois d'isto, **os membros da casa de el-rei continuaram a apertar a mão, sorridentes e benevolos, ao sr. João Arroyo.**

«Toda a gente assistiu a isso nas ruas d'esta linda Lisboa.»

*

... E mais veria toda a gente, se o sr. Arroyo quizesse agora divertir-se e divertir-nos. Imagine-se que elle convidava para uma das suas reuniões a Lisboa elegante e opulenta e altamente collocada — e veriamos, pelas noticias dos jornaes, como as brilhantes salas d'aquelle felizardo mal chegariam para a concorrencia *selecta* — como dizem os lavrostes do norte, quando procuram no Porto *aquella coisa*...

*

O mundo é assim, todos concordam; mas taes *factos* causam sempre escandalo. E' que a Moral, por mais que a abafem, não abdica dos seus direitos. Quizesse o sr. Arroyo *divertir-se* e *divertir-nos* sobre o escandalo! Quizesse elle concorrer com mais umas notas, como excellente musico, que é, para a deliciosa partitura que está deleitande os pandegos!

Partitura *selecta*, como alli pedem os lavrostes!

VI

Eutre os projectos de lei approvados na camara dos deputados ha o seguinte:

N.º 51—E' concedida a pensão annual de réis 180$000, paga mensalmente, e livre de todo e qualquer encargo, a Augusta da Conceição Silva, filha do fallecido escriptor Innocencio da Silva.»

A maioria—quasi totalidade dos contri-

buintes está muito longe de saber o que representa esse *desperdicio de cinco tostões por dia*. A filha de Innocencio Francisco da Silva é uma infeliz senhora que ha annos atravessa a mais dolorosa miseria, com uma filhinha menor a seu lado. Innocencio da Silva, pae da infeliz senhora, foi o benemerito auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez*, obra que é sompre consultada com proveito por todos os escriptores e por todos os leitores intelligentes, em Litteratura patria. E' certo que a Innocencio faltava um criterio completamente seguro, por exclusivismos da sua educação litteraria e do seu caracter inclinado a resentimentos; mas não merece consideração quem consulta ás cegas, sem algum criterio proprio. Para os que tal possuem, é excellente o indicador.

Esse homem prestimoso, que trabalhou dezenas de annos, até morrer, sem defraudar o seu paiz, morreu pobrissimo, e a sua phrase final foi: — *Acabou-se o martyrio*. Acabára-se o d'elle; principiava o dos seus, pois que a morte

do escriptor *dispensava* de simples caridade os que deixavam de mendigar-lhe tolerancia. E' de crer que, no momento final da sua lucidez, Innocencio comprehendesse que ao morrer *desappareceria o afilhado por quem os outros eram compadres.* Acautellem-se os que deixam filhos pelo sangue, ou pelo affecto: *não se fiem nos futuros protectores!*

*

A pobre filha de Innocencio teve ainda quem a protegesse junto aos legisladores do seu paiz: foi o sr. Luiz da Camara Leme, que na sua camara (dos pares) fez, de ha muito, passar o projecto dos 500 réis por dia. Desesperava a triste senhora de vêr approvado o *escandalo* na camara dos deputados, quando subitamente *o escandalo passou.* Ora, ainda bem que ao menos o bocado de pão está garantido! As duas honestas descendentes do honrado e prestante Portuguez não podem sentir escrupulos, ao receberem a mensalidade; não se trata de explo-

rar o contribuinte, para sustentar familias que a *pandega* dos chefes, mortos, deixou em repugnante penuria.

VII

Em 21 de maio.

Hoje, *dia da espiga*, lá vão os populares de Lisboa, em digressão pelos campos e pelas hortas, tractar de esquecer a *espiga* da sua vida e crear animo para *continuarem*. Haverá, logo á tarde, orgias de peixe frito, de salada de alface, — com pessimo azeite a salada e o peixe — e tudo isso com horroroso vinho. A policia vigiará a canalha, pois que quem assim come e bebe é capaz de deploraveis excessos. Olhem para este almoço, de que dá noticia o *Figaro* de 19 do corrente, e que aos principes da Dinamarca foi no dia 28 offerecido no Elyseu:

OEufs brouillés aux truffes.
Filet de sole Normande.
Selle de pré-salé jardiniére.
Poulet sauté Marengo.

Timbale de ris de veau á la
Toulousaine.
Sorbets
Canard á l'orange.
Salade d'Argenteuil.
Petits pois á la Française.
Glace aux fruits.
Desserts.

... Faz gosto e appetite, e convence-nos de que nas altas regiões não se póde ser mau, — com o estomago assim *lisonjeado*. Mas ha outra ideia tranquilisadora: é que muitissimos dos nossos irmãos... bastardos nem sequer teem porcarias para comer: agonisam e morrem de fome. E' um allivio para as pessoas serias e que teem que perder.

*

Dou-me a pensar de quando em quando — agora, por exemplo, que a cidade se despovôa e me faz ver grandes ruas desertas, sem dis-

tracção alguma, — penso, dizia eu, n'este facto indiscutivel e inilludivel: que no decorrer das idades muito se tem alardeado em conquistas de liberdade e de egualdade, mas que, em regra, apenas tem havido alteração nos *processos* de oppressão. Não ha christãos arremessados ás feras pelos imperadores pagãos; mas ha peior: ha christãos massacrados pelos bachi-buzucks da Turquia, com a imperial annuencia dos potentados christãos. Temos cada vez maiores armamentos — entre léria de paz — para destruição da *chair à canon*; temos a exploração descarada dos povos pelos ignobeis do alto; vemos inalteravel a estupida resignação da besta humana calcada aos pés, a applaudir ora uns, ora outros, dos seus tyrannos...

E' uma lamentavel corrente de pensadores, de luctadores, de sonhadores, a desfilar e a trabalhar, e a crêr — pelos seculos em fôra!

*

... Que lindo dia o de hoje!

VIII

O rei inglez disse em Pariz, na sua viagem commercial:

«A hostilidade que existe ha mais d'um seculo entre os dois paizes desappareceu. A Inglaterra e a França serão de futuro os dois campeões da civilisação e do progresso pacifico.»

... Não deixa os seus creditos por mãos alheias o nosso fiel alliado! A Inglaterra e a França desatam á ultima hora, a ser os campeões da civilisação, e ahi temos o caso de a patria dos Coquelins intimar a Russia a que restitua as *massas* emprestadas! Mas isso restitue o outro, que é moscovita!

Ora, ahi teem os meus amigos de Cerva e de Mondim um telegramma que vale um poema! Vamos lêl-o nas gazetas de hoje:

«ROMA, 3 — No jantar de gala, o rei Victor Manuel, brindando á saude do Imperador da Allemanha, disse folgar immensamente de ter junto de si o seu fiel alliado, como o foram os avós e os paes d'ambos, e de vêr tambem presentes os filhos de S. M. imperial, que são a esperança da patria allemã,—bem como em espirito S. M. a imperatriz Augusta Victoria. Agradeceu o imperador todas estas presenças, que são um penhor dos laços de amisade que unem ha tres gerações as duas familias de Hohenzolern e Saboia; disse que esta entrevisita de hoje é uma nova affirmação da vontade da Allemanha e da Italia de dirigirem todos os seus esforços em proveito da paz, sob os auspicios da alliança e da reciprocidade, e concluiu bebendo á gloria do exercito e da nação italiana. Os dois brindes foram escutados de pé, seguidos dos hymnos nacionaes respectivos.»

*

Já viram? A ideia que os allemães for-

mam dos italianos não póde ser mais deprimente, nem mais justa: fallo da Italia militar e politica. Todos sabem que Bismark, ao ter noticia de que o *pandeiro da Austria* pretendia não me lembra que territorios, disse: — «Porquê? Acaso os italianos levaram mais alguma sóva? !» Alludia áquillo d'*elles* levaram bordoada e apanharem augmento de territorio — por conta dos alliados.

*

E os dois — o mystificador allemão — Cesar em cuécas — e o Victor Manuel de 3.ª classe a consolidarem a paz! Então quem é que consolida? E' o Cesar em cuécas, mais o general dos *lazzaroni*; ou é o Loubet, mais o caloteiro da Moscovia, ou o humorista da perfida Albion? E todos a trabalhar para a paz — e os povos a trabalhar para *elles* e para *ellas* e para os orçamentos militares!

*

E Cesar em cuécas bebe á prosperidade do povo italiano e o outro á do povo allemão. E' o caso do humorista inglez a beber á nossa felicidade...

Sabem que mais? (*Aqui ao ouvido*...)

E mais nada.

IX

A proposito da manifestação dos vinhateiros do Sul junto aos ministros em Lisboa, disse o *Popular*:

«Admittamos que eram realmente 2.000. Supponhámos agora que ámanhã os negociantes de vinhos no Porto, exasperados, com ou sem razão pouco importa, reunem 3 ou quatro mil operarios e commerciantes e os trazem a Lisboa, reclamando pão mais barato, azeite barato e vinho barato. Esses não querem saber da agricultura e só tratam de si proprios.

Ora, se o numero é a razão, os 3 ou 4 mil terão mais razão que os 2 mil. Aquelle numero será sempre maior do que este, porque, por muitos que sejam os agricultores, mais são os consumidores.

«Parece-nos, pois, melhor tratar de conciliar interesses, em vez de promover guerras de classes, que só podem conduzir á desordem e á ruina geral.

«Não pretendemos convencer ninguem, porque o egoismo sempre ha de prevalecer sobre a razão; limitamo-nos a mostrar o perigo e a não querer as responsabilidades das consequencias».

... Dirão os do Norte se está certo. No entanto, registrem os consumidores — os contribuintes — que não falta quem os defenda, raça de ingratos!

Na Associação de Agricultura declarou o sr. dr. Oliveira Feijão que não vinha inteiramente satisfeito porque só trazia promessas. E' certo que, de repente, era moral e materialmente

impossivel conseguir o objecto das reclamações dos viticultores. Mas era tambem certo que só traziam promessas e mais cousa nenhuma. Ora, promessas sabiam todos os presentes qual o seu valor. Quando se fala em promessas, em geral todos crêem que se fala em mentiras. O facto, porém, é que trazia uma promessa, não vaga e abstracta, mas terminante. Veremos, dizia o orador, se ha coragem d'esta vez para faltar a essa promessa.

Aconselhava que, na previsão de se faltar ao solemnemente promettido, todos os assistentes fôssem para suas casas, pensar no que deveriam fazer de pratico e de positivo, e na forma de transformar a manifestação de hoje, pacifica mas energica, n'uma outra manifestação que correspondesse a effeitos tambem praticos e positivos.

E, na camara dos pares, o sr. Hintze declara que as *palavras* (promessas) são proprias dos homens de bem, etc.

Muito bem fez o meu amigo *Ego* em fiar-se n'ellas!

*

Para consolar os famintos:

«PARIS, 19 de maio, ás 10 h. e 39, n. — A Rainha de Portugal passeou hoje nas galerias do Palais Royal, comprando joias; almoçou com sua mãe e sua irmã a princeza Luiza de França, em casa do duque e duqueza de Vendôme. Visitou o Salon dos artistas francezes; jantou no seu hotel e assistiu á representação no theatro Antoino.»

... Foi um dia bem passado. E se o *Zé* vae para as hortas, chamam-lhe bebedo!

Toda a gente do norte do paiz, que não conhece os *pateos* de Lisboa, poderá fazer uma ideia, quando eu lhe disser: são as *ilhas* do Porto. Ahi, como na capital, ha horrores com taes designações.

Ora, a proposito, vejam estes esclarecimentos do *Diario de Noticias*:

«Por um inquerito mandado fazer pelo con-

selho dos melhoramentos sanitarios, reconheceu-se que ha dentro da antiga circumvalação da cidade do Porto 1:048 *ilhas* com 11:129 casas, onde se abrigam cerca de 50:000 pessoas, e se a estas accrescentarmos o numero, ainda importante, das que habitam algumas velhas ruas, egualmente insalubres, sobretudo nas freguezias da Sé, Victoria e S. Nicolau, verifica-se que mais de metade da população portuense vive nas *ilhas* e em ruas onde a mortalidade attinge a assustadora proporção de 31,5 %—emquanto que nos locaes salubres não excede 26 %.

«Em Lisboa, onde o mesmo conselho procedeu a um inquerito minucioso aos *Pateos*, do qual já está publicada uma parte, por determinação do snr. conselheiro Vargas, quando ministro das obras publicas, por o considerar de grande interesse, para conhecimento do publico, encontraram-se verdadeiros horrores.

«Não está ainda completo este inquerito, mas já foram examinados 188 pateos, e os resultados mostra-os o quadro seguinte:

«Em bom estado: 52 pateos, 623 casas, 2:044 habitantes.

«Em mau estado: 79 pateos, 503 casas e 3:600 habitantes.

«Condemnaveis: 57 pateos, 716 casas e 2:790 habitantes.

«Total: 188 pateos, 1:842 casas e 8:434 habitantes.»

... Especialmente chamo a attenção dos leitores para estas palavras, que acima leram: — *«Está publicado... por o considerar o snr. conselheiro Vargas de grande interesse, para conhecimento do publico*

*

Não é que o governo pense em remediar aquelles horrores: é para que o publico os conheça. Qual publico? Ha um que está farto de os conhecer praticamente: alli teem agonisado paes e filhos; e ha outro que não quer saber de *porcarias*, que nausêam e perturbam as digestões.

O tal snr. Vargas não sabe o que diz, ou está caçoando.

(Deus me não leve, sem que eu veja algum *ajuste de contas!*)

Nas gazetas:

Aos deputados

«Os deputados da maioria receberam hontem á noite uma carta do snr. presidente do conselho, em que se lia o seguinte:

«Tendo-se hoje procedido á contagem dos deputados presentes, a fim de se poder proseguir nos trabalhos parlamentares, houve de se levantar a sessão, por falta de numero. A v. ex.ª peço a sua comparencia na camara, durante todas as proximas sessões, para os trabalhos continuarem regularmente.»

... Se os *deputados* o fossem do povo, cumpria ao povo intimal os; mas como são do governo, é o governo quem pede.

Está direito; mas pague-lhes! E' o que eu faço a quem me serve.

Incidente na ultima sessão da camara dos deputados. Estava na berlinda o comico senhor Teixeira de Souza:

«O snr. *Nogueira* mandou para a meza um requerimento, para que a camara fosse consultada sobre se permittia que o orador continuasse no uso da palavra.

« *Vozes da minoria:* Isto é uma questão muito grave, não póde ficar assim.

«O snr. *presidente*: Quer seja grave ou não, tem de se cumprir o regimento.

«O snr. *Machado*: Acima do regimento está a dignidade pessoal do ministro.

Consultada a camara, foi o requerimento rejeitado.

A minoria protestou com vehemencia, ouvindo-se vozes que exclamavam: «Isto é uma vergonha!»

«O snr. *Cayolla*: Fique registado que a camara não quiz que o snr. ministro defendesse a sua dignidade.»

... Então a coisa chama-se agora *Dignidade?* Eu julguei que era *Carmen* ou *Conceição.*

X

Como é notorio, *nuestros hermanos*, que ha trinta annos gosam as delicias da *Restauração*, parecem resolvidos a pôr termo ao seu deleite. Não se trata agora *do que nós gosamos*, e apenas do que vae por casa do visinho. Vae bem.

*

Tão bem que os *Restauradores* parecem atacados de maluqueira. Por hoje, peço attenção para os seguintes dizeres da *Epoca* madrilena:

I

«O triumpho dos republicanos em Barcelo-

na e Valencia já estava descontado, e só o de Madrid é que assignala o progresso da propaganda republicana.

«Não se esqueça, porém, que nas grandes capitaes os partidos extremos costumam apoderar-se facilmente das massas dos descontentes, que nunca faltam, e das pessoas tambem numerosas, a quem anima um espirito de opposição systematica a tudo o que manda, seja monarchico, republicano, liberal, ou reaccionario.»

II

«Metade dos eleitores deixou-se ficar em casa, sem tomar parte na contenda, e esses não são por certo republicanos, pois para honra d'estes se deve dizer que não houve um republicano que não votasse. São pessoas da massa neutra, no geral monarchicas, amigas do socego, inimigas de mudanças e de ruidos; mas que querem que se lhes dê a papinha feita, que evitam todo o incommodo, e carecem de espirito civico, embora fossem as primeiras a

alarmar-se e a bradar aos céos se vissem proximo o advento dos republieanos ao governo da nação ..»

... Tudo isto no mesmo artigo.

*

De modo que temos metade dos leitores de Madrid — composta de republicanos; *segunda metade*, de descontentes; *terceira*, de monarchicos votantes, e *quarta* de monarchicos que não se mexem e só querem a papinha feita. O portuguez das tres metades era pateta; o hespanhol das quatro está doido.

... Mas quem nos diria ha trinta annos?! O' José Sampaio! Vamos nós a Madrid, abraçar o nosso *Estevanez*?!

A marinha de guerra — portugueza.

O sr. Ferreira do Amaral, fallando na camara dos pares, referiu os seguintes casos do Arsenal de Marinha:

Que, por falta de vidrosn o lanternim d'uma officina, os operarios e as valiosas machinas trabalham ao sol e á chuva; por falta de zarcão, está seis mezes um navio com o fabrico parado; por falta de 850 francos para material que ha de vir de França, não segue o *D. Amelia* para o serviço de estação em que tão necessario é; etc., etc.

O *Popular*, que tem pratico de casa, accrescenta:

«São mais alguns para o rol do que já temos mencionado, mas sentimos não ficarem egualmente esclarecidos os seguintes:

«Porque foi que, sendo construido no Arsenal de Marinha o famoso cruzador *D. Amelia*, nunca foi possivel mettel-o na linha de agua, sendo necessario deitar-lhe tombas de robaletes;

«Porque é que não se move este desastrado chaveco, sem logo haver desarranjo grave;

«Porque está em Alcantara a illustre canhoneira-torpedeiro *Tejo*, á espera que a ferrugem a coma de todo;

«Porque sahiram a *Affonso d'Albuquerque* e a *Bengo*, depois de muito bem concertadinhas, a largarem pelo caminho ás chapas do fundo;

«Porque, etc., etc., etc.?

«Todos estes pontos deveriam ser esclarecidos. e estão ás escuras.»

... Em nome do Padre, do Filho e da Bandalheira!

XI

Medite lá o leitor capaz de meditações.

— Que será e que saberá melhor: fazer Mal, ou fazer Bem?

... Eu fico meditando.

Os meus leitores effectivos a valer (são tres) conhecem, decerto, historicamente, um rei de França, que foi o ultimo da dymnastia dos Valois: Henrique III. Pois com elle se deu o seguinte caso:

Conversava com esse rei certo cardeal francez, e ao termo de longa palestra, disse o prelado ao monarcha: — «Pois é verdade, *sire*, acabo de provar a vossa magestade que ha Deus; agora vou provar-lhe que Deus não existe.»

Henrique III, que era tão devoto como devasso, tão timido sujeito como valente soldado, tão supersticioso coms sagaz — complicado typo que o nosso actor Augusto Rosa estragou no palco, perante um publico mais ignorante que o proprio actor — (drama *Henrique III*, de Alexandre Dumas, pae, estropeado ha annos no theatro *Ennes, Posser & C.ª*): Henrique de Valois, disse eu, tão irritado e exaltado ficou, ao ouvir o cardeal, que o desterrou immediatamente, por toda a porca vida de ambos.

*

Anthero do Quental, esse colosso que não cabe no espaço livre dos Jeronymos e que não se presta a ser encarado por *festeiros*, chamou

a uma das suas composições *These e Antithese*; muito reli eu, em rapaz, aquelles versos e todos os que já então produzira o gigantesco poeta-pensador!

Agora, vou eu precipitar-me das altas regiões citadas aos bairros pobres de Lisboa, onde já se pede *para Santo Antonio*, e é para dizer-vos o seguinte:

*

Hontem á tarde, proximo á Patriarchal, pediu-me *para Santo Antonio* um pequenito, e eu:

THESE

«Safe-se d'aqui, seu malandrim! Já principiam a relaxar-se, pedindo! Mais tarde deitam a unha! Esta sociedade de bôrra!.. »

O pequeno affastou-se, contristado. Dei alguns passos, voltei atraz e...

« — Coitadinho! Tóma lá! Estás na edade de pedir, porque ainda não aprendeste a duvidar! Pobre creança! Mais tarde, ouvirás lições de moral; toma lá, para bolos e para o teu santo!»

... E lembrei-me do Cardeal e de Henrique III e do grandioso Anthero...

*

Diz-me pelo correio, um *leitor effectivo* (metta aqui o dedo na bocca!);

— «Não ha, pois, meio de saber quando v. fala sério?!»

... Ah! tomara eu sabel-o!

XII

Parece-me obra, por varios titulos humana — despontar na alma popular as arestas dos sentimentos obnoxios: entre elles, a ingrati-

dão. Aqui está, no *Diario de Noticias*, um telegramma que parece uma pagina da *Imitação de Christo*, pelo emolliente que applica ás a - mas inflammadas. Vejam isto :

NAPOLES 24. — A rainha de Portugal offereceu hoje, a bordo do «yacht» «Amelia», um almoço ao rei de Inglaterra. Assistiram, além de sua magestade, dos duques de Bragança, de Beja, Lord Rosebery, que anda em viagem de recreio pela Italia, conselheiro Mathias de Carvalho, ministro portuguez no Quirinal, e as pessoas das duas comitivas reaes. Eduardo VII bebeu á saude de sua magestade o rei D. Carlos e ás prosperidades de Portugal. O almoço terminou ás 3 horas e um quarto, seguindo o rei de Inglaterra para bordo do «Victoria and Albert» acompanhado até ao portaló do navio pelo principe herdeiro.»

*

*   *

Como que annotando a alegria e o regalo-

rio dos felizes da terra, diz o *Diario de Noticias*, ao apresentar a noticia telegraphica:

«Faz hoje dois mezes que largou do Tejo o «yact» «Amelia», conduzindo a seu bordo sua magestade a rainha a sr.ª D. Amelia e seus augustos filhos, para a viagem de recreio em que ainda andam.»

E' crivel que as almas ulceradas e dispostas ao mau humor, se desconhecem o *Diario* supra — vulgo, *a pomba sem fel*,—procurem nas entrelinhas uma censura á *viagem de recreio em que ainda andam*, emquanto a miseria se alastra em Portugal. Depois d'isto, o regalorio, constante do telegramma, deve contribuir, a valer, para irritar os animos. Mas, felizmente para todos, — os que se divertem e os que soffrem, — lá diz o telegramma:

— «Eduardo VII *bebeu* ás prosperidades de Portugal.»

... Vós outros, que em territorio portuguez agonisaes no trabalho exhaustivo, para mal sustentardes os filhos, sabei que os felizes da terra se não esquecem de vós! Podeis ir para

outro inferno, arrastados pela fadiga e pela miseria — que *elles* não deixarão de beber o Porto e o Champagne, á vossa properidade!

Sêde ingratos, mas não alegueis ignorancia!

Diz a *Correspondencia de España*, a proposito da victoria do partido republicano:

«Poderão ter votado nos seus candidatos todos os republicanos de Madrid. Mas não votaram nos seus todos os monarchicos. E a lição é esta: que sem enthusiasmo, sem união, sem fé, não se reunem os votos que são precisos, nem se sommam os que se teem, e que, quando tal succede, se governa cahindo e se cae breve.»

... Como as coisas mudam, a tão breve distancia! Entre nós, não se constitue maioria pela união, nem pela fé, etc., e, todavia, os

governos duram tanto que faz dó a desesperação dos que estão á vez!

Aquillo das *joias de D. Miguel* está hoje claro como agua do meu contador. Creio que todos ouviram o sr. Hintze:

«... Os bens que eram de corôa na corôa estão e ficam, continuando inteiros e precipuos na Casa Real, sem que algum tivesse sido distrahido.»

E agora me diz Tiberio — que devia responder nos tribunaes quem alarma o espirito publico, calumniando a innocencia.

Diz muito bem o philosopho. Fortes marotos!

XIII

Se o Assombro não estivesse de ha muito banido d'este paiz propicio aos ***triumphos*** dos gatunos, dos bandidos e dos malandrões de ***chantage***, o pobre diabo paiz teria agora oc-

casião de assombrar-se e de pôr as mãos na cabeçorra. Seria ao ler o folheto que um official do exercito, o snr. Freire d'Andrade, acaba de publicar ácerca de *Moçambique* e *do que lá fazem os Inglezes*.

O *Jornal do Commercio* de Lisboa está transcrevendo tudo e, com a auctoridade de quem viu, não sendo uma folha de batota, dá especial relevo ás affirmações do snr. Freire d'Andrade, — apoiando-as como *testemunha* do occorrido. (1)

Emquanto se não vulgarisa o folheto, leia se isto do jornal:

*

* *

«... Vimos como um governador dos territorios de Manica e Sofala, desrespeitando terminantes ordens do governo geral da Provincia, para só obedecer ás do consul e dos

(1) Agosto de 1903.

inspectores britannicos, deixou passar para a Rhodesia grande quantidade d'armas e munições de guerra, ao começar a lucta anglo-transvanliana, collocando a indefeza Lourenço Marques na imminencia d'uma incursão dos boers, que ao tempo estavam de cima, e que só deixaram de exercer contra nós represalias, por se fiarem na promessa de que o rebelde governador da Beira seria punido; — promessa que se cumpriu... dando-se um titulo honorifico ao sobredito governador!

«... ao desembarcarmos, de passagem, pela ultima vez na Beira, vimos soldados inglezes, sob a influencia do wisky, passearam a cavallo pelo betom dos passeios lateraes, vociferando contra os transeuntes portuguezes, e obrigando os a saltarem para a areia solta das ruas, sem que a policia da Companhia ousasse ao menos advertil-os.

«... envergonhados por este e outros semelhantes espectaculos offensivos do nosso brio patriotico, fugimos para bordo do paquete que nos conduzia á Europa, recusando o con-

vite para irmos vêr na estação do caminho de ferro a policia feita por tropas inglezas, e tapando os ouvidos para não ouvirmos repetir que cada comboio d'aquellas tropas, seguindo para Rodhesia, era precedido d'outro de exploração com forças portuguezas, destinadas a gosarem as delicias de qualquer descarrilamento, ou desabamento da ponte, que eventualmente houvessem preparado alguns agentes dos boers... Isto o ouvimos referir na Beira, que felizmente, o não presenceámos.»

*

* *

Ignoro se o snr. Freire d'Andrade, hostil aos nossos fieis alliados, é descendente do illustre Gomes Freire e se pretende, ao passo que pratica um acto patriotico, desaffrontar a memoria, implicitamente, d'aquelle martyr. Como quer que seja, excellente serviço presta quem tira a um povo o protexto de *desconhecimento* dos factos e obriga a *relaxação* a conservar-

se em fóco. Que eu não pretendo illudir-me, esforçando-me por crer na revolta dos espiristos. Já lá o disse Littré: — «Não se modifica com uma lei o cerebro de um povo.»

Nem com revelações. Este nosso poema não tem fim.

XIV

Dentro em pouco, mal chegará o tempo para necrologios. E vão *todos* aos cincoente e tantos annos, — o que é realmente animador para os meus 54. Um dia d'estes foi sepultado Custodio d'Almeida, e li a noticia da sua morte quando eu relia um officio que elle me expedira uns 4 dias antes de morrer. Custodio d'Almeida foi juiz do 1.º districto criminal de Lisboa.

*

Dizia-me, hontem á noite, na casa Bertrand, um seu collega na magistratura — que o fallecido fôra um sceptico, no bom sentido do termo; mal entrou na Politica afastou-se d'ella

para sempre ; e para *tudo isto* olhava.... como *tudo isto* merece.

Concluia o meu illustre informador.

— «Se fosse possivel abrir agora o caixão de Custodio d'Almeida e o morto dar signal de vida, o mais natural seria elle rir-se...»

Esclarecendo a hypothese de vir a ser discutido no parlamento portuguez o contracto Williams (caminho de ferro de Benguella) diz o *Jornal do Commercio*:

«O governo, nos termos do § 1.º do art. 15.ª do *Acto Addicional a Carta Constitucional*, de 5 de julho de 1852, adopta uma providencia legislativa, que se julga urgente.

«Nos termos do § 3.º do mesmo artigo, logo que se reunirem as côrtes, o governo tem de «submetter-lhes» as *providencias tomadas.*

«Como deve interpretar-se a expressão *submetter?*

«Póde significar apenas que as Côrtes tômam conhecimento do facto?

«Não: a palavra subentende direito de apreciação e julgamento.

«Limita-se o julgamento á approvação ou reprovação do procedimento do governo, ou póde tingir a providencia adoptada, invalidando-a?

«Se, por exemplo, se dá o caso de, por motivo de crise de fome, haver o governo mandado entrar determinada quantidade de generos (que entraram) com isenção de direitos, é claro que, bem ou mal, o que está feito, está feito, e só ha que louvar ou censurar o prscedimento do governo: a providencia não póde ser invalidada.

«Se, porém, a execução da providencia decretada se não consummou totalmenta, e claro que n'essa parte não consummada a providenpode ser completa ou parcialmente invalidada.

«Quem julga tudo: se ha ou não consummação intangivel, se o governo andou bem ou mal, se a providencia se mantem ou não?»

*

Este adverbio — *soberanamente* — está fazendo rir os meus amigos, e faria rir o paiz inteiro, se os *80 a 90 o/o* não achassem tudo certo — menos a agua no vinho!

XV

Deu-me especialmente nas vistas aquillo do sr. Hintze Ribeiro em pleno parlamento: — que o Estado nada tem com os conflictos entre o Capital e o Trabalho, a não ser para manter a ordem publica. E' claro que—tozando os trabalhadores.

Pondéra a proposito «O Mundo«:

«Na Inglaterra, os governos fazem dia a dia proposiçees regulrdoras das questões do salariado; na Allemanha, constantemente o chanceller imperial se vê a braços com os problemas do trabálho, na imposição e na necessidade de obviar os conflictos. Na França e nos Estados Unidos, vae-se mais longe. As relações

do operario e do industrial, sob todos os aspects são reguladas legislativamente, e, quando essas providencias não bastam, ou os conflictos assoberbam, são os primeiros magistrados d'esses paizes que se lançam, apaziguadores, a harmonisar os interesses.»

Diz bem. Mas voltando ás sabias hintzaceas coisas, que o parlamento ouviu n'uma placidez idiota, — com o respeito devido ás debilidades mentaes, — não me abstenho de fixar o seguinte:

Residi n'um estabelecimento fabril, até aos 15 anno d'idade, salvo as horas da escola ou do collegio. Conheço bem o modo de existir do trabalhadores, e lembro-me de que por aquelle tempo, — ha perto de 40 annos — se tratou muito vivamente da *protecção aos menores nas fabricas*. Foram nomeados inspectores — já se deixa vêr, — e certo é que nunca similhante *protecção* deu signal de vida, a mesmo não direi da inspecção, que decerto não deixou de inspeecionar o respectivo venci-

mento no fim de cada mez. E' que, pelos modos, já vigorava a sabedoria que tem ao sr. Hintze um Salomão: proteger os trabalhadores menores seria intervir em contendas entre o Capital e o Trabalho, e o Estado, só vive, n'este para tosar os miseraveis e esfolar os contribuintes.

Eu rebento, se não digo: *Arre!*

XVI

Hoje quero limitar-me a colhêr do jardim do *Figaro* um punhado de flôres mimosas da patria da *Charles et George*, para gozo do povo portuguez. Góza este povo e opulenta-se a Historia. Veja-se e cheire-se.

*

E' como lhes disse, do *Figaro* (de Paris). Refere-se á snr.ª D. Amelia, esposa do nosso chefe de estado:

I

«A rainha Amelia é o idolo do seu povo.»

II

«O povo portuguez chama-lhe *O anjo da Caridade.*» (Com vista á senhora D. Maria Pia).

III

«Quasi diariamente a vêem percorrer a pé os bairros pobres de Lisboa, levando soccorros, etc., aos enfermos e aos moribundos.»

IV

«A rainha deseja que fique ignorada a sua caridade.»

V

«Comparam-n'a á rainha Santa Izabel, etc.»

VI

«Para que lhe não escape miseria alguma, Sua Magestade tem uma policia especial que lhe indica todos os soffrimentos e necessidades do seu povo.»

VII

«Quando vae pela rua, é saudada e acclamada por toda a gente. E os pobres a gritar: — «Olha o Anjo!»

VIII

«O principe real, muito intelligente e muito instruido e apaixonado pela vida militar, fez em 1900 uma viagem pelo Norte de Portugal, encontrando por toda a parte um acolhimento enthusiastico» (Devem lembrar-se: foi a viagem com Mousinho d'Albuquerque!

IX

«O infante D. Manuel, de 14 annos d'edade, é tambem um perfeito principe, destinado a representar um dos mais gloriosos papeis mi-

litares na historia luzitana» (Como seu tio D. Affonso).

*

Nada mais diz o respeitavel jornal da rua Drouot, sobre o que nos diz respeito em taes assumptos. Eu não faço commentarios, porque mal me deixam trabalhar umas familias alli do pateo visinho — com muitas creanças esfarrapadas e famintas, em perpetuo berreiro. E' certo que a visinhança menos pobre lhes dá seu bocado de pão, mas não chega para fazer calar os importunos!

XVII

Conheço os meus auctores: sei bem, portanto, que, ha um horror de seculos, milhões de creaturas se teem refocilado nos gozos da *Fortuna* e da *Grandeza*, á custa do *pobre* e *humilde* Jesus Christo. Sem falarmos do maior numero de milhões de nossos similhantes —

esfolados, sugados e espatifados, em homenagem ao *amoravel* Nazareno. Mas isso tudo é da incorrigivel estupidez da raça humana, — coisa que já desanimou o Rozalino. O meu simples assumpto de hoje é isto que vos digo:

*

Não ha dia em que as gazetas não aprezentem á *admiração* publica os *menus* de almoços e jantares de luxo consumidos por nobreza, clero e burguezia. Todos nós sabemos como a Parvoice da especie *dá assim* — na phrase de Tiberio — *corda para se enforcar*. Ninguem desconhece o furor com que os donos da casa fazem transmittir ao noticiario a ostentosa lista das comezainas; — coisa assim só a minucia no descriptivo das *corbeilles* das noivas e das prendas que ornavam o camarim do beneficiado. A ridiculissima vaidade da creatura!

Diz Tiberio — que taes exposições o mesmo são que darem os auctores d'ellas — corda para se enforcarem. Quer elle dizer que a os-

tentação do petisqueiras, aos olhos dos esfaimados, pruduz exames comparativos e conclusões forteis em projectos de ruim sabor. Ha de ser, n'esse ponto, o que Deus quizer.

*

Mas, ha outro ponto — em publicação de comesainas — que mais *immediatamente* tére o sentimento dos tristes: é aquillo das *ceias de Natal*, dos *jantares de Paschoa*, — sujeitos e sujeitas abancados, e pratalhadas e garrafas, que é de se rebenzer um catholico! E o Zé Mathias, pedreiro sem trabalho ha quatro mezes, e com seis filhos famintos, a contemplar os lindos quadros na gazeta e a sentir o fervor religioso, abraçado com o amor do proximo, aos pinotes no intimo do seu ser! Estes demonios estão a deitar lenha no fogo, sem pensarem na explosão da caldeira; mas que tenho eu com isso, afinal de contas?

XVIII

Havia muitos mezes que eu não encontrava o meu velho Tiberio, quando hontem se me deparou o philosopho. Era ao anoitecer. Tiberio tomava *o fresco*, sentado n'um banco da Patriarchal, e mostrou-se jubiloso deveras quando eu me sentei á beira d'elle.

— Que temos para philosophar? perguntei-lhe.

— Temos aqui um tratado de philosophia, respondeu Tiberio. E sacou d'uma gazeta.

— Era a *Vida Nova*, de Vianna do Castello.

*

E' o caso de *um cadaver n'uma salgadeira* — o assumpto do jornal de Vianna. Mas o que deu para folias a Tiberio foi este trecho da noticia:

«Quando se tratava de fazer as necessarias

excavacações para a formação da caixa do ar, os pedreiros depararam um caixão de madeira, mas como no local se encontrassem n'esse momento pessoas da familia Painhas, e imaginando os trabalhadores ter surgido um thesouro valioso, talvez ali deposto pelo rico commendador, abandonaram com toda a cautella o logar, até que se desviasse aquelle dos proprietarios, quando este se retirou, n'um ancia de conquistar fortuna, os operarios tomaram a tarefa de desenterrar o thesouro.

«A operação não levou muitos minutos, e com o auxilio da picareta o caixão abriu-se, encontrando os trabalhadores uma quantidade enorme de sal. Quando tratavam porém de o revolver, surgiu-lhes o esqueleto completo e mais vestigios de roupagens, reconhecendo immediatamente pertencer a uma mulher, em face da comprida trança que o tempo e o sal não havia destruido.

«Perante este apparecimento sinistro, ali n'um logar que nunca serviu para jazigo, correram a participar do caso, comparecendo se-

gundo nos informam, e sr. Reitor Antonio Quezado, que intimou os trabalhadores a que de novo enterrassem mais fundo o alludido envolucro, com aquelles restos humanos.»

... E Tiberio:

— Olha a bella candura aldeã! Olhe a bella Innocencia minhota! como dizia o Camillo.

*

Coisas e tal. O cadaver é obra d'um ex-feitor do fundador da capella. E o *Mundo* accrescenta á noticia:

«Informações particulares d'um nosso amigo de Vianna leva-nos a prestar maior attenção aos graves factos revelados pela *Vida Nova*, porque se indica o protogonista do crime e teme-se que a sua influencia fique impune.

«Segundo me parece, andam no caso saias—de macho e de femea.

«Como se sabe, ha homens com saias».

... Ora! Ora! A impunidade será a de *assassino Moreira, de Alhos Vedros*, que tem primo na politica; pelo que toca aos machos de saias, estão em vóga: olhe-se alli para a Instrucção Publica!

Noticiam do Porto:

«Joaquim Leite Basto, merceeiro da rua de S. Julião precipitou-se ás 2,30 da madrugada d'um 3.º andar, succumbindo.

«Correm versões differentes acêrca da causa.

«Uma d'ellas é a de que procedera assim impressionado por uma doença na espinha; outra de que pela impossibilidade de cobrar um divida de 500.000 réis».

Antes matasse o caloteiro, se tinha de haver morte d'homem!

XIX

O conde de Ficalho, sepultado ha dias, fazia-me lembrar do marquez seu pae, — pela afi-

nidade de traços em intelligencia e dignidade. E a proposito do fallecimento do filho, produziu-se no parlamento uma referencia ao pae e uma phrase por elle proferida ha muitos annos em sessão da camara dos pares, — phrase que então fez bulha, por haver partido do marquez de Ficalho. — *Tenho medo!* exclamára o bravo soldado de D. Pedro IV, e o seu *medo* provinha do quadro da dissolução, esboçado e da expiação latente.

Vi-o nos ultimos dias da sua existencia. Eu trabalhava n'uma redacção na rua de Luz Soriano, installada u'um predio defronte da morada do marquez. Estava elle sentado junto d'uma janella e olhava, com interesse, para um agrupamento de populares que faziam manitestações em frente do jornal. Ao termo d'ellas dissipou-se o ajuntamento, e o velho marquez circumvagou o olhar, até que, eacarando-me, fixou-me grave e demoradamente — e benzeu-se... Nads mais eloquente: Era a continuação do *Tenho medo!*

*

Esta circumstancia de eu estar velho como a Sé, — faz-me por vezes passar em revista, para confrontações, homens d'hontem e... homens d'hoje. E, sem ideia de offender, nem de lisongear, parece a decadencia muito bicuda! E' nas Lettras no Parlamento e nas Academias e nos Partidos e no Exercito: são as grandes estaturas a desapparecer, são uns mariolões tolerados *porque teem talento*, segundo juram os aprendizes, e é mais esta coisa horrivelmente symptomatica: — aquelle mediocre considerado *um illustre*, porque é limpo de mãos! E são uns pataratas malucos e berradores a darem-se ares de typos pensantes. Muito se tem descido!

XX

Isso, que ahi vae e que é em telegramma publicado na imprensa de Lisboa, presta-se

a meditações amargas sobre o feitio moral do Homem. Leiam e... releiam:

Belgrado, 25 de junho.—Tem causado hontem e hoje o mais delirante enthusiasmo o desfilar dos regimentos 6 e 7 de infanteria e dos estudantes das escolas e associações academicas, formando grandes alas desde a estação dos caminhos de ferro á cathedral, emquanto o regimento fazia guarda de honra junto do templo.

«E' indizivel o calor da sympathia de todo o povo deante do desfile, que tem sido muito rapido, pronunciando-se muito esse jubilo á passagem dos offieiaes que tomaram parte na carnificencina do dia 10. O rei Pedro I, que ia n'uma carruagem com o sr. Avakumovitch, recebeu sempre as mais vivas acclamações, principalmente quando, terminada a solemnidade da cathedral — que durou meia hora — regressou ao seu palacio e ainda mais, de tarde, ao percorrer a cidade sem escolta, o que impressionou excellentemente a população».

*

Aquelle bom povo da Servia mudou de *senhor*. Tinha um com marca austriaca; tem outro de marca russa. E festeja enthusiasmado o Pedro, de uma raça de assassinos, como festejaria o... Eu explico o meu pensamento.

Dado que o Alexandre houvesse deixado um filho, poderiam as pessoas que isto lêem assistir ao seguinte espectaculo, dentro de alguns annos: — O Pedro assassinado e o filho do Alexandre chamado ao throno em meio das acclamações d'aquelle mesmissimo bom povo.

Releiam a Restauração dos Stuart em Inglaterra na pessoa de Carlos II, poucos annos depois do supplicio de Carlos I, e revejam o caso de Affonso XII, em Hespanha, chamado ao throno de Izabel II.

*

A gente, á medida que envelhece, vae per-

dendo a sensibilidade moral, como a physica, — á força de baldões, do espirito e do corpo. Não? Pois cá vireis, e não vos desejo isto por mal... E agora vos digo que o tempo está lindo — e eu outra vez doente.

XXI

E' a proposito da crise industrial do Porto que o *Diario de Noticias* de hoje produz, em seu principal artigo, sizudas considerações do theor seguinte:

«Por um lado temos a considerar a situação do operario, não só sob o ponto de vista do salario, mas tambem sob o ponto de vista de todas as suas relações sociaes. O official mechanico não pode ser tido em grau inferior ao da machina que elle dirige. Não é um sutomato. E' uma entidade consciente: um organismo dotado de intelligencia e sensibilidade. Se os machinismos se aperfeiçoam constantemente, o trabalhador deve seguir passo a passo, com

mais velocidade ainda, essa marcha ascensional. Aperfeiçoar e honrar o trabalhador é concorrer para o progresso da humanidade.

«Por outro lado é necessario attender á industria. impulsionando-a de modo a não ficar estacionaria e rotineira.»

*

Vão ouvindo:

«Ninguem ignora, infelizmente, que a industria portugueza não tem solidas condições de vida propria, que é mais uma planta de estufa que uma planta de ar livre, medrando apenas na tepida atmosphera de um exagerado proteccionismo. E que admira que assim succeda, se nos faltam os elementos essenciaes do industrialismo moderno? Não temos o ferro, que é osso e carne das machinas, nem temos carvão, que é o sangue, que circula fecundante n'esse organismo de metal. Faltam-nos ainda muitas das materias primas e a tradição secular do aprendizado technico.

Sem o espirito inventivo, estamos por conseguinte na dependencia do estrangeiro, que é qnem nos fornece os apparelhos, os modelos, os padrões, os mestres de fabrica e até os simples artifices. E' difficilimo, senão impossivel, competir com os productos identicos do estrangeiro, a não ser em alguns casos, em que possamos aproveitar vantajosamente circumstancias excepcional.»

*

Por tudo isto, appella o *Diario de Noticias* para os governos — como se usa,—sendo certo que *elles* tambem usam... não fazer caso de taes miserias. O jornal lisbonense pede nada mais que o seguinte:

«Leis que fomentem e organisem o trabalho, leis que concorrem para o bem estar de todas as classes trabalhadoras, leis de reconhecido alcance social e não de simples regabofe partidario, eis aqui as bases de um bom progromma politico e o partido que o adoptar como

divisa e norma do seu procedimento terá grangeado sem duvida as boas graças de todo o paiz, que não está tão pervertido que não reconheça os favores de quem o serve com zelo e probidade.»

*

Isto não é exacto, nem devia sel-o. O paiz reconhece que o não servem como devem; mas não agradeceria *favores* de quem cumprisse a sua obrigação, nem agradeceria tal cumprimento. Não está pervertido: está no pendôr do fatalismo mais cruel: — o que precede da espantosa ignorancia e dos desenganos sem indemnisação. Se o *Diario de Noticias* vê no horizonte um partido capaz de novidades como as que o jornal pede, diga ao povo qual é esse partido! Mas não diz, porque não crê, nem confia na crença publica.

*

Quanto á industria nacional, não faltará go-

verno que a auxilie — formando syndicatos, com os respectivos commissarios régios... e phosphoros incombustiveis *(cala-te lá, malandro!)* E é claro que em tal tratado de industrias e de commercio e com tantos medicos como enfermos e com mais advogados do que clientes e mais professores *(famintos)* do que alumnos, — a maioria quer emprego publico, visto que não se pode ser tuberculoso, com registo aberto na Assisrencia e sem o pão de cada dia. E tambem é certo que o dinheiro do contribuinte não chega para tudo — e a *pandega monumental* tem direitos historicos, ou já não ha Historia n'este mundo.

Faz chorar; mas ás vezes faz rir: é quando certos *pandegos* protestam. Ora, a pouca vergonha!

XXII

Trata-se d'uma *interview* do nosso collega *O Dia* com o Jayme Arthur da Costa Pinto. Fala o nosso collega:

«Mal nos approximamos da sua meza, logo

o sr. Costa Pinto, ao avistar-nos, exclama jovialmente:

«Prompto para todo o martyrio, como dizia o padre José Agostinho de Macedo! Venha de lá a tortura implacavel d'essa entrevista!»

Como um homem se faz! Cebo! Mas eu já vi coisa assim, e, se não me trae o memoria...

*

E' na *Brazileira de Prazins*, de Camillo Castello Branco. O falso D. Miguel de Bragança acha-se na residencia do abbade de S. Gens de Calvos e recebe em audiencia diversos legitimistas fieis. Chega-lhes uma carta do piteireiro Cerveire Lobo e o *rei* exclama:

— «Um grande amigo! dos raros; um dos nossos melhores esteios! Com homens assim dedicados, o triumpho é certo. Posso dizer como o grande vate Camões:

E dir-me-heis qual é mais excellente:
Se ser do mundo rei, sé de tal gente,

Um dos reitorss que estavam na penumbra, lá em baixo ao pé das caixas, olhou com espanto pàra o outro, que lhe disse á puridade, diseretamente:

— «Diz que elle tem estudado o diabo... até o latim!»

Ora o diadho dos homens estudiosos!

Temos a *Tarde* moralisando:

«Descobrir os infortunios, farejar a miseria do seu antro, surprehender a desgraça e a penuria que tem pejo de se declarar,— isso, sim, é que é conhecer o pobre.»

Parece o Rodolpho dos *Mysterios de Paris* a orientar a catitissima Clementina d'Harville.

Mas ha mais, da *Tarde*:

«E pensar a gente em que ha tantas fortuper esse, mundo, meemo n'esta Lisboa, das quaes uma pequenissima parte serviria para alegrar tantos corações e balsamisar tantas afflicções!

«E dizer ás vezes que se perde n'uma orgia n'uma carta, aquillo que se negou ou se roubou á mãe que soluça de angustia olhando no seu regaço o filho que chora de fome!»

... E então o que se estraga nas *viagens!*

XXIII

Tenho-me occupado, mais de uma vez, do assumpto a que vou referir-me. Serão inuteis os esforços de nós todos — os que nos preoccupamos com taes miserias? Creio que o serão, completamente, até que se produza transformação no *fundo e na fórma de tudo isto.* Atée ntão — só temos a fazer obra de registro.

*

No *Povo d'Aveiro* vem uma *Carta de Algures*, referindo-se ao luminoso relatorio que em setembro findo se apresentou ao 2.º Congresso da Liga Contra a Tuberculose, em Vianna

do Castello, o medico Augusto da Silva Carvalho. Bom seria transcrever aqui todo o relatorio ; mas limitto-me a reproduzir os seguintes commentarios do *Debate*, que trascreve aquelle documento. Vejam os que teem olhos para vêr :

*

«... O relatorio demonstra o encarecimento do peixe e do bacalhau, cujo consumo, por consequencia, diminue. Ao mesmo tempo regista o extraordinario augmento no consumo do vinho e aguardente.

«Tal é a situação pavorosa de Portugal. Em termos claros a descreve um homem por todos os titulos insuspeito, um homem que não é negociante, nem lavrador, nem industrial, que a calumnia não pode ferir com a insinuação de ser movido por interesses illicitos, um homem de sciencia cujo unico estimulo, áo traçar aquellas palavras, foi o amor da verdade e da humanidade.

«Aprendam ahi os que se dizem defensores

do povo, os quaes nem sempre, — vemo-nos na neeessida dura de o repetir — teem cumprido com independencia, com consciencia, com criterio, a sagrada missão que se impuzeram. Arrastados pelo vicio de declamar, dominados pela cabulice, pela mandrice indigena: portanto fallando muito e estudando pouco, em vez de norte e guia da opinião desvairada, tem sido um dos mais poderosos agentes do desvairamento geral.

«As classes pobres em Portugal cada vez comem menos carne, menos pão, menos peixe nacional, que tem encarecido immenso com a exportação, menos bacalhau, etc. E cada vez bebem mais vinho e aguardente. Isto é, ao mesmo tempo que se privam d'aquillo que dá força e saude, fartam-se d'aquillo que produz a doença, o crime, a morte,a degenerescencia da raça...»

*

Vem coincidindo a publicação d'essas pala-

vras com as seguintes (de João Chagas?) na *Parodia*:

«N'outro paiz, de costumes menos suaves, tentar-se-hia combater a Tuberculose.

Como?

Combatendo-a nas suas origens.

Na degeneração da especie.

Nas condições do trabalho.

Na alimentação.

Na amamentação.

No domicilio.

Na hygiene.

Entre nós não se combate a tuberculose.

Nada se faz do que seria preciso fazer para a combater, e faz-se tudo o que é necessario para auxiliar o seu desenvolvimento.

Methodicamente se promove a desordem no Estado. Methodicamente se promove a miseria domestica.

O povo quer pão. Dão-lhe tributos.

O povo quer carne. Dão-lhe ossos.

Portugal é o paiz da Europa que come menos. Em compensação é o que paga mais.

Não importa.

A tuberculose fez carreira. A tuberculose fundou a sua reputação.

Entrou na tradicção, entrou nos costumes.

Nada a removerá.

Era necessario destruil-a. Fez-se alguma coisa mais: installaram-na,

A tuberculose não tinha domicilio. Pozeram-lhe casa.

A tuberculose não tinha organisação social. Foi socialmente organisada, com uma séde, uma assemblêa geral, mobilia, uma campainha e um archivo. Assim se fez a Assistencia.»

*

Hão de perdoar os que não gostam de transcripções. Não ha remedio senão fazel-as, sob pena de ser um *cumplice dos outros.*

«A Assistencia era o que faltava á tuberculose para ella ser definitivamente admittida no meio da sociedade portugueza: a sancção official. Deu-se-lhe a sancção official.

A tuberculose tem estatutos.

Tentar combatel-a é tentar contra a sua integridade, ja agora sob a guarda do Estado e das corporações.

Assim, o que se faz?

Honral-a, dignifical-a, ennobrecel-a.

Em vão alguns espiritos refractarios reclamaram contra o preço da carne.

Em vão alguns outros se insurgiram contra as fraudes dos generos de alimentação.

Em vão alguns outros ainda procuraram attrahir as attenções dos poderes publicos para as condições miseraveis dos bairros e das habitações das classes pobres.

Em vão!

A tuberculose era um facto.

Foi então que a Assistencia lhe prestou a homenagem de um grande numero de escarradeiras, a que deu a forma de pyras sacras, e chamou alguum auxilio da policia, que regulamentou o direito de cuspir.»

*

... Vae longo, o que impossibilita de fixar outras responsabilidades: — as dos bebados que brindam á prosperidade dos falsificadores de generos — e que lh'os recommendam a troco da pinga...

Mas, ha tempo para tudo.

Menores — Casas de Correcção — Simples annotações [1]

I

Em fins de junho d'este anno do Senhor, evadiram-se do velho casarão das Monicas, onde estão uns restos da Casa de Correcção, dois reclusos — *a escoria do estabelecimento* — illudindo a vigilancia d'um pessoal deficiente e roubando uns dinheiros da secretaria — que para tal fim arrombaram. O caso produziu sensação — n'um paiz onde os roubos e os abusos de confiança parecem constituir corpo de doutrina. Deram-me *sinceros sentimentos* diversos cavalheiros, em extremo regosijados,

[1] *O Dia*, agosto de 1903.

porque me suppunham consternadissimo. Eu estava apenas maravilhado, pois que tinha de renunciar, ao termo de agitada vida, a encontrar os limites da estupidez e os da velhacaria humanas. Com effeito, julgar uma prisão constituida em exclusivo refugio da Virtude, quando na alcova de Leão XIII moribundo foram commettidos latrocinios, por um pessoal piedoso, parece-me demasia de obtuosidade, salvo ou incluindo patifaria concomitante. E devo, além d'isso, insistir no seguinte facto: Os dois delinquentes eram os peiores exemplares da incorrigibilidade criminosa que a Casa de Correcção áquella data possuia. Só o proposito da mentira, com irrisorios e vis intuitos de aggravo, póde contestar o que é do cadastro, notas diarias e geral conhecimento de todos os companheiros dos criminosos. Mas deixemos isso.

*

Ora, eu não desconheço que numerosos pataratas albergam na caixa craneana a convic-

ção de que um estabelecimento penal d'aquella ordem deve *corrigir* todos os menores que lá dão entrada: reclusão nas Monicas, ou em Caxias, viria a ser a suppressão da Degenerescencia e a purificação d'uma alma, até habilital-a a uma collocação no Empyreo. Não póde ser. Eu terei, no decurso d'estas considerações, de appellar para a Psychologia e para a Physiologia — para as duas sciencias — e não para as duas palavras, no proposito de algo demonstrar a uns leitores interessados, intelligentes e de boa fé. Antes d'isso, porém, deixem repetir-lhes o que a outrss leitores humanos eu disse ha pouco.

Em primeiro logar, que vem a ser uma casa de Correcção dos Menores? Se *quem dirige* tem apenas por objectivo o ordenado, em certo dia do mez, a *Casa* é um horror: pelo menos constitue preparatorios para um curso que vae dar á Penitenciaria. Se *quem dirige* é um trapolas com applicações de fumaças na pouca vergonha, não hesitará em fazer martyres — para se vingar da sua má fama. Eu já ouvi a funccio-

narios de cathegoria, embrulhados na direcção superiorissima de taes serviços, dizer, ha bons cinco ou seis annos: — «Aquillo deve-se levar com pau e pão!» *Aquillo* eram os reclusos — que o Estado e a Sociedade se propunham disputar e arrancar á Desventura.

*

Se *quem dirige* vê nos Menores reclusos os enfermos que realmente são, é claro que o estabelecimento penal e de caridade se converte n'*um hospital*. Até hoje, e de accordo com um homem de coração extraordinario e de fanatica dedicação a taes assumptos — o rev. Antonio d'Oliveira, sub-director da Correcção de Lisboa — ainda não vi nos Menores reclusos senão doentes, e tem-se procedido consequentemente.

Por exemplo: ha tempos,—na ausencia d'aquelle benemerito funccionario, que então fôra installar a Casa de Correcção do Porto — notei que um recluso (n.° 1:303), se manifestava

triste, com laivos de irritação. Consultei umas notas que havia mezes eu pedira ao seu mestre de officina, e li: — «Applicado, muita vontade de aprender. Bom comportamento.» Informei-me de que o rapaz pretendia *agora* largar a officina e sentar praça. Porquê?

Consoante a famosa theoria de *pau e pão*, o menor que deixara de ser *applicado*, para affirmar intenções de abandonar a casa e alistar-se no exercito — para não fazer nada, — apanharia uma tareia monumental, ate render-se á pratica dos bons principios. Mas, se elle é um doente e a sua *resolução* de ultima hora póde ser uma *quebra de resolução*, uma crise de enfermidade? Corre-me, ou não, o dever de estudar aquelle abatimento, na simplicidade, ou na complexidade das suas causas? Se eu faço tratar cautelosamente um recluso atacado pela tuberculose e espero que se salve — como hei-de eu fugir aos meus deveres de medico d'um especial estabelecimento hospitalar?

*

Apurado o caso, o rapaz fôra, havia tempos, privado, uma vez, de sahir a passeio com os seus companheiros, em castigo d'uma pequena diabrura. A sua alma ulcerou-se, e elle desabafou com espiritos irrequietos e insubordinados, que o aconselharam a reagir — pela insubordinação.

Era facil o remedio: persuadil-o de que fôra mal aconselhado e despertar-lhe a confiança em conselheiro novo: o mestre da officina, em quem lhe mostrei um seu amigo e de todos os reclusos. Foi desabafar com elle as suas maguas: *pegou o caustico*: supponho que está livre o doente.

*

Ha uma hypothese terrivel: a d'um empregado ser *um indifferente*, porque ali deu entrada, apenas, paaa collocar-se, ou porque — ainda peior — a indifferença é um septicismo resultante da má orientação. Esses elementos

são medonhos: o menor tudo perdôa, menos a *indifferença* e reconhece-a onde ella estiver.

E', pois, necessario formar *pessoal?* Perguntem a um director de enfermaria se não é indispensavel a educação dos enfermeiros!

II

Volvidos breves dias sobre a evasão dos dois jovens criminosos, foram estes capturados — facto que determinou *parabens* de excellentes almas, que a todos os demonios deram o Destino. Aconteceu então procurar-me Manuel Cardia, para o seguinte projecto de *interview*, pois que o desventurado era um fanatico da sua profissão

Que havendo sahido n'uma folha, limpa, de Lisboa,—*Jornal da Noite*—referencias e considerações ácerca dos serviços não prestados pelas Casas de Correcção, não deixaria de ser util que nós dois realisassemos uma palestra, para o fim de esclarecer o assumpto, — tornando

mais amenos, pelo dialogo, os esclarecimentos.

Concordei, muito para satisfazer aquelle raro amigo e um tanto para elucidar alguns compatriotas, que a sério se interessavam em taes assumptos. Combinámos o dia da *interview*; encontrámo'-nos; mas já um assumpto extranho parecia ter-se apoderado do criterio lucidissimo de Manuel Cardia; notei-lhe a preoccupação, propuz-lhe um adiamento... Tres dias depois, estava morto o meu queridissimo Manuel.

Coincidindo, aggravaram-se-me padecimentos nervosos, que me desinteressaram de quasi tudo: e, ainda hoje, se me refiro ao *assumpto* d'estes artigos é em attenção á memoria do malogrado espirito que m'o indicou, breves dias antes de partir.

*

* *

Devo reproduzir os trechos recortados por Manuel Cardia e recommendados á minha attenção:

«N'esses menores, que se recolhem nas casas de correcção, havia a exercer uma influencia differente da que se exerce. Elles precisam de carinhos e d'affagos, mas tambem de castigo; um castigo que possa influir n'elles, a regeneral-os. E educar-lhes os espiritos, não pelo terror, não pela ameaça d'um inferno, no qual já não se acredita: antes deviam, por um systemo pratico; arrancar-lhes pouco a pouco a acção a que estiveram sujeitos e de seguida mostrar-lhes o mundo, o caminho do bem e da justiça, mas d'uma justiça toda d'alma. O caso estava em não os abandonar a si proprios, após as rezas, as missas, as praticas, em não os deixar vir depois para o mundo, sem vigilancia.

«Quando elles alli chegam despem-lhes os farrapos, para lhes darem um uniforme, rapam-lhes as cabeças, mettem-nos n'um banho; depois, por um velho systema querem obrigal-os a trabalhar. Assim apenas soffrem a prisão, que pouco a pouco se torna um habito; elles ligam-se em affeições, começam a viver bem,

esquecendo a liberdade, olvidando um mundo que existe cá fóra.

«Porém, ás vezes, ha a fascinação d'um que veiu de fresco; exerce-se, manifesta-se e logo tudo aquillo lhes parece monotono; pensam no sol das ruas, na agitação, no bulicio, na aventura das noites.

«Se, ao mesmo tempo que os sujeitavam ás lavagens, aos uniformes, ás praxes da prisão, os sujeitassem a um forte regimen moral, elles começariam por pensar, começariam por se emancipar, por se tornarem typos definidos com acção propria, e assim viria a regeneração.

....

«Chegamos a uma época de transição, em que se vê mais a efficacia das sensações de espirito que a das torturas physicas; chegamos ao estado de egualitarmos (?) as creaturas deante da sociedade e de não culparmos sem investigar as causas, sem procurar os antecedentes dos criminosos.

«Os velhos processos inquisitoriaes faziam

aleijão dos réos, os novos processos penitenciarios aleijam os espiritos; antigamente os paes verdugos castigavam os filhos com brutalidades inauditas; hoje o systema correccional ou pecca pela exaggerada brandura, que não dá resultado, ou pela excessiva violencia, que desgosta e revolta.

«Principalmente para as creanças, devia existir uma differente maneira de castigo; devia-se arrancar o preconceito e exercitar um systema a actuar todo sobre a moral.

....

«E', pois, em vista d'isto que se deu o roubo na secretaria da casa de correcção.

«Ninguem exerceu uma influencia n'aquelles espiritos, nem buscou exercel-a. Vieram da rua como gatunos; na prisão ficaram gatunos do mesmo modo, talvez ainda peores, porque nas suas conversas, nas suas discussões, sem duvida, acharam novos processos, novas maneiras de exercer as suas faculdades, que pessoa alguma pensou em vergar, por meio da influencia moral.

«A psychologia e a pathologia, postas ao serviço dos criminalistas, apenas descobriram taras e bossas, quando essas duas sciencias podem servir, uma para analyse dos espiritos, para buscar modifical-os, a outra para procurar o modo de attenuar todos os impulsos que, existindo n'um enfermo, n'um degenerado, se podem curar, pouco a pouco, mercê d'um regimen differente do actual...»

*

*   *

Releio essas considerações que eu já conhecia por alto, sem que me parecesse indispensavel conhecel-as por baixo. Releio, para me convencer de que o espirito de animosidade, por mais acentuado, não deixa de ser pueril, quando desajudado de, pelo menos, triviaes conhecimentos da especialidade que alveja. Eu trato de esclarecer.

Ha annos, visitou a Casa de Correcção de Lisboa, como redactor da *Patria*, o sr. Mayer

Garção, um dos mais orientados espiritos e dos mais completos escriptores do nosso meio contemporaneo. Viu e relatou o que vira, como quem sentira excellentemente e por igual observara. Eu reproduzi do seu jornal, n'um livro meu, *Pela Vida fóra*, o magistral artigo do sr. Mayer ; e, a seguir, n'esse livro, não escasseiam reproducções de paginas minhas e de outras, escriptas desde a minha entrada para o serviço da Correcção. D'essas paginas, sanccionadas pela visita de estudo d'aquelle distincto jornalista, deprehende-se que nos ultimos annos, independente do Regulamento de 1901, se tratou de *elevar* os processos de regeneração dos Menores, — antepondo sempre o ensino profissional ao ensino litterario e o ensino moral ao ensino religioso, e *humanisando* este quanto o exige a degraça da Creatura. E digo independente do Regulamento, porque desgraçado o homem que não pensa e não proeede *interpretrando* e completando as Instrucções, em vez de apenas as reproduzir !

Tudo que se condemna nos serviços moder-

nos da Correcção estava desde muito condemnado dentro d'ella, e as condemnações estavam divulgadas. Bastava a quem pretendesse *fiscalisar* os factos, em nome do Publico, apresentar-se, como visitante, á porta d'aquella casa. Escancarou-se sempre tal porta, para que a curiosidade, senão um sentimento de interesse, pudesse satisfazer-se. Já está longe a epoca do mysterio...

*

*　　*

Submetter todo o problema de correcção dos Menores a *um forte systema de educação moral* é, sem duvida, uma imposição magestosa; mas que quer dizer na sua o inspirado auctor? Se aconselha a leitura de paginas eloquentes de Moral, em aula, pelo respectivo professor, eu imagino que se trata de brincadeira incompativel com o grave assumpto da regeneração dos Menores; se me diz que, a toda a hora, se deve extrahir dos factos, in-

cluindo os maus, toda a moral que ahi deve existir, digo-lhe que chega tarde o alvitre: ainda ha pouco nos serviram para *these*, e bem aproveitados pelos reclusos, os factos da evasão e roubo, pelos dois criminosos, e da collocação de tres outros menores em estabelecimentos do Estado — em premio do seu excellente comportamento. Os taes dois estão na cadeia do Limoeiro: não quiz a Providencia da Correcção que elles realizassem a fuga — triumphantes.

Acha e é, pelos modos, o segredo da abelha — que a Psychologia e a Pathologia ao serviço dos criminalistas apenas descobriram taras e bossas, e que uma *póde servir* para a analyse dos espiritos e a outra para procurar o modo de atenuar impulsos. Leia os grandes educadores, commentados por Gabriel Compayré, desde J. J. Rousseau e Condorcet, a Herbert Spencer e Rollin, e n'elles verá as bases do seguinte trecho do sabio annotador. Vem no livro *A Psychologia applicada á Educação*:

«Se tratamos da educação moral, é evidente

que se tornaria impossivel a disciplina, a correcção dos defeitos e o desenvolvimento das virtudes dos educandos, se a Psychologia nos não desse o meio de analysarmos os sentimentos e as paixões da creança, a origem e a marcha d'ellas. Como poderemos applicar com tacto as recompensas e os castigos, se não verificarmos as impressões que umas e outros produzem no coração do rapaz: o temor, a vergonha, o amor proprio e a emulação? Como poderemos favorecer efficazmente o desabrochar e o progredir das qualidades moraes, se não partirmos das relações do sentimento e das ideias e da formação dos costumes?»

E aqui temos nós quem entende que a Psychologia *não póde apenas servir*, mas *é indispensavel que sirva*. Mas, que me diz, se tal sciencia philosophica appella para a Pathologia, revelando-lhe observações feitas, e a Pathologia lhe responde: *Non possumus!*? E hade responder, n'um caso de Degenerados, por exemplo. Como hei de torcer para o bom caminho um individuo lançado *naturalmente* na Incorri-

gibilidade? Que quer então dizer *atenuar impulsos?* Como é que se atenúa o degenerado, o criminoso nato? Onde estão os annuncios da Pathologia milagreira que hade enviar aos abysmos as Pilulas Pink e aquillo do Dias Amado?!

*

* *

Mas, importa resumir. E' conveniente e urgente, antes de deprimir o trabalho dos outros, verificar *de visu* o que elles teem realisado; antes de alardear Psychologias e Pathologias, certificar-se do alcance das duas sciencias; antes de legislar sobre correcção de menores, lêr a Communicação de Mazzo ao Congresso Anthropologico de 96, em Genebra, sobre as Relações da Puberdade com o Crime e a Loucura; mais o Relatorio de Dallemagne, ácêrca da Degenerescencia e da Criminalidade; o Relatorio de De Baets, sobre a Educação dos Filhos dos Criminosos; o de Lombroso sobre o Tratamento dos criminosos de occasião e do

criminoso nato, segundo os sexos, as edades e os typos; a Communicação de Dalifol, sobre o Augmento da criminalidade dos menores e dos jovens adultos... Tudo isto é o *a b c* do Censor.

III

Devo a quero hoje intercalar n'esta serie de *mcditações orthodoxas* algo de observações realizadas na travessia d'este nobre e bello mundo. Algumas são já do conhecimento de certos leitores, mas teem de acudir á chamada, formando um corpo de doutrina. E assim iremos estudando n'este cantinho da terra,—e louvando, sem travo de inveja, os devotados patriotas que por essa Europa em fóra vão estudar—*á sua custa*,—sciencias, artes e industrias. Nós, que ficamos, teremos dado á Patria e aos Miseraveis a offerenda da pobreza:—poucochinho, mas de boa vontade. Nem todos são *Jaymes*, nem *Fragas*.

*

* *

Foi na ultima epocha do nosso parlamento que um deputado, occupando-se dos serviços correccionaes, disse:

— «Já vae longe o tempo em que se imaginava que abrir uma escola era fechar uma cadeia. O que precisamos é educar e instruir as creanças que revelam bons sentimentos, e ás outras dar-lhes o menos que se possa de educação litteraria, para lhes não facultar meios de mais facilmente serem prejudiciaes á Sociedade.»

Antes de tal dizer o sr. Santos, já o actual director da Casa de Correcção de Lisboa escrevera — que a instrucção facultada aos rapazes insusceptiveis de educação moral só póde prejudicar a Sociedade, fornecendo armas aos criminosos.

E já nos relidos *Miseraveis*, Victor Hugo emittira opinião igual, em melhor prosa do que a do orador a a do escriptor citados. Assim

o entende o modesto lusitano que escreveu aquellas banalidades — e que est'outras escreve.

*

* *

E a proposito dos embargos a demasias de caridade com os *maus* (?), vem o seguinte facto muito singelo para a critica dos simplorios, mas propicio a sérias reflexões que podem destruir aquelles embargos. Trata-se das raparigas menores, para as quaes se decretou ultimamente uma Correcção, e trata-se dos protestos contra o *esbanjamento*. Vejam, pensem e julguem...

Haverá uns dez annos, uma noite, subia eu, debaixo d'agua, a rua Formosa. Vem aqui a chuva, não como refresco, mas para completar o *tenebroso*. Chovia muito, em noite escura e frigidissima. A uma janella baixa de uma casinha que já não existe e que formava esquina da rua citada e da travessa do Conde de Sou-

re, dormitava uma mulher, ainda nova Loira e nada feia era a mulher. Eu ia subindo, e da Patriarchal desciam uns populares. Apanhou um d'elles um pedaço de lama e atirou-o — de passagem — á cara da infeliz.

Seguiram caminho, rindo muito, os cidadãos, e a mulher, limpando o rosto, disse me, cortando a minha apostrophe aos malandrins:

—«Não faça caso! Tudo isto é da *peça*. Eu vim parar de meus paes a estes meus irmãos. Todos nós representamos um papel... »

E com um sorriso dilacerante:

—«Se o seu papel é esse — de acudir-me,— muito obrigada!»

*

* *

Não são, em regra, assim dadas a serenos e lucidos raciocinios aquellas infelizes; mas não me fingirei envergonhado, ao dizer que na minha travessia bohemia pude ouvir numerosos exemplares de tal perdição,—e que de formida-

veis assumptos para a scena dramatica, se n'esta se permittisse a Verdade! Nunca se me revelou—nunca!—o justissimo rancor pelo abandono, nem sequer simples resentimento Pelo ordinario, o perdão, e, por vezes, um grande esforço de phantasia a inventar atenuantes. Chega-se a acceitar esta coisa paradoxal:—No excesso da desgraça está o excesso do perdão!

Nem Lombroso, nem Garofalo, nem algum outro especialista em cogitações criminaes depoz, que me conste, sobre o caso admiravel, mas a minha pratica de bohemio—sem offensa á bella Sociedade!—viu d'aquelles *maus entes* rebentarem fontes de misericordia. Os do egoismo só os vi sahir dos *bons afortunados*.

*

*　　*

Aquella formosa rapariga loira, enxovalhada de lama pelos troca-tintas, fôra innocente, como o leitor e como eu: foi talvez virgem-martyr, sem as honras da folhinha; amou e en-

tregou-se, talvez para se livrar das *alegrias do lar;* foi abandonada; resvalou á matricula policial; habilitou-se aos punhados de lama de seus irmãos em Christo. Mas entre a virgindade e o amor, teve talvez a apreudizagem sinistra que uma *Correcção para raparigas* poderia ter embargado, endireitando a infeliz para o Trabalho — a milagrosa vereda de salvação. Se eu dissesse que prodigios o vi fazer!

E' tempo de voltar aos factos intra-muros da Correcção. Quero suavisar amarguras dos que se interessam do coração pelos desgraçados — affirmando-lhes que é hoje absolutamente impossivel realizar alli o que vou narrar-lhes e que se deu ha poucos annos. Estorva a repetição *d'isso* o Regulamento de 10 de setembro de 1901, que *libertou* as Casas de Correcção. Vejam isto:

Haviam completado o seu tempo quatro re-

clusos. Chegados aos 18 annos, com o seu officio e as suas primeiras letras e com vontade de entrar na vida social,— tinham direito a esperar que a Sociedade lhes completasse o regimen correccional, dando-lhes trabalho, ém seguida a uma reclusão de alguns annos, durante a qual se lhes indicara o Trabalho como salvação. Infelizmente, ainda ao tempo não era licito á direcção d'aquelle estabelecimento interessar-se *directamente* e *ostensivamente* pela sorte do recluso, a partir do dia em que a reclusão terminasse. Participou a direcção, superiormente —abaixo e sem conhecimento do ministerio da justiça — o facto das quatro penas terminadas. Resposta (*vejam bem!*)

—«Mande-os já, todos quatro, para o Limoeiro.»

—Para onde?

—«Para a cadeia do Limoeiro. Parece que tem duvidas!

—As duvidas são estas: os rapazes mettidos na cadeia, para remate de protecção e inicio de carreira honesta...

—«Para o Limoeiro já, e que se arranjem. A Correcção não é hospedaria!»

...Tive de recorrer a uma auctoridade superior que, em nome do governo, ordenasse a conservação dos rapazes na Casa de Correcção, até se lhes arranjar trabalho. Assim se fez, e assim se livrou o ensino correccional da nódoa da desorientação burocratica; e assim se tirou aos quatro rapazes o *direito de se tornarem malfeitores — com sancção official.*

Era de ver o sorriso de tristeza e de reconhecimento que animava as physionomias d'aquelles desventurados, ao saberem que horror os ameaçára. Lembro-me de caso similhante: quando ha pouco se participou a outros dois reclusos — que se lhes havia arranjado collocação effectiva, profissional, em estabelecimento do Estado. Choraram elles e choraram, enternecidos, os seus pobres companheiros que ainda ficavam reclusos. Em taes casos manifesta-se a Consciencia —«a porção de sciencia inata que existe em nós» — como diz Victor Hugo. Limitadissima, ou enorme, a tal sciencia

inata só tarde póde ser absolutamente destruida, substituindo-a o sordido egoismo, com a respectiva perversidade...

IV

Fecha o artigo de hoje uma série de considerações provocadas por hostilidades inconscientes e ignorantissimas. E produz-se esta especie de *Post-scriptum*, embargando novas complicações. Evitemos novissimas *balburdias da Macedonia!*

*

* *

Quando, ha mezes, ia ser inaugurada a Casa de Correcção do Porto (em Villa do Conde), consultou-me um aspirante á direcção d'aquella casa (aspirante que se retrahiu) ácerca dos *livros* que me pareciam indispensaveis á conquista do disputado logar. Eu disse:—que

os livros indispensaveis seriam os Menores reclusos; — que cada um d'elles seria um volume da Grande Obra; — que, sem vontade e criterio para ler cada um d'elles, melhor seria a abstenção; — e que as leituras de coisas varias poderiam servir, um dia, de defeza contra investidas pedantes e insensatas, mas que não influiam poderosamente nas aptidões a conquistar para *direcção.*

Ora, isto me cumpre reproduzir e manter, quando, mezes volvidos e após a publicação de tres artigos n'um jornal, volta alguem a consultar-me sobre a opportunidade de ler coisas de *congressos anthropologicos*. E eu insisto:

Como simples amador, ou curioso, ou estudioso, para quem *o saber não occupa logar,* deve experimentar uma especial satisfação quem a sério consultar Lombroso e Dallemagne e Tarde e De Baets e Garofalo, bastando ao estudioso portuguez compulsar os *Bosquejos de Anthropologia Criminal* do doutor Francisco Ferraz de Macedo. Como profissional, não lhe serão inuteis as consultas, para o caso de in-

vestidas — repito — que haja de receber. Mas para o trabalho de cada dia, na *vinha do Senhor*, as leituras offerecem perigo de desnorteamento. Se n'um Congresso, onde figuram dezenas de sabíos, avultam dezenas de opiniões diversas sobre um assumpto, que poderoso criterio não terá de aguentar no *terreno pratico* os homens que em tal terreno buscarem soccorrer-se de leituras!

*

* *

Se eu renegasse, ou seqner discutisse, a importancia dos livros, eu mereceria, como estupido perversissimo, morte ignominiosa. Mas importa fixar-lhes a importancia — a influencia critica. Por exemplo, eu me confesso de haver escripto dois livros de Agiologia (*Santos Portuguezes* e *S. Frei Gil*). N'estes livros, especialmente no segundo, tive de accusar uns clerigos gordos e diplomados de ignorarem tanto os rudimentos d'aquelle assumpto como eu

ignoro as coisas da Vida Eterna. Pois, não tendo um dos luminares da Egreja Lusitana recebido com humildade evangelica as minhas referencias deprimentes, insinuando o esperto agente eleitoral que eu *nada mais sabia do que as vidas dos santos*, consultei-o ácerca d'este ponto: — Em que idioma foram escriptos os textos originaes da Sagrada Escriptura?

Respondeu-me que — em *chaldaico*. E, eu, apoiado em leituras, informei-o de que, em geral, foram escriptos em *hebraico*, e de que algumas excepções existem — em *chaldaico* e em *grego*. E desenvolvi o *caso*, citando o admiravel livro *Abrégé d'introduction aux livres de l'Ancien et du Nouveau Testament*, por J. B. Glaire, professor de Escriptura Sagrada na Faculdade de Theologia de Paris. A obra monumental estava na 5.ª edição, em 1870.

Novidade completa para os clerigos gordos e diplomados.

*
* *

E' claro que os assumptos de salvação publica não deixam a taes ornamentos da Egreja o tempo indispensavel áquelles conhecimentos obrigatorios; mas, aqui temos nós um dos casos em que não fazem damno as leituras aos amadores. Quer isto dizer — que eu me habilito a leccionar Theologia, apoiado em taes leituras? Nem frisar o absurdo!

NO THEATRO

---

5 de fevereiro, 1903.

Desde que a Sarah Bernhardt, ha tres annos, se retirou de Portugal, só voltei ao theatro para applaudir a minha amiga Mathilde Pretél. Ha tres dias, vingou alguem convencer-me de que eu *não devia perder* a peça de Sudermann *As fogueiras de S. João*, em scena no theatro D. Amelia.

— «E veja bem a Lucilia»—concluiu o tentador.

Eu nunca vira no palco a filha da extraordinaria actriz que se chama Lucinda Simões... mas não nos anticipemos aos acontecimentos — como preceitúa o outro.

*

* *

Independente da attenção que facilmente me conquistou o *detalhe* da peça e o do desempenho, dei-me a recordar-me, n'um estado de obsessão, de um volume de Historia, que me passou pelas mãos e que tinha uma gravura em aço, representando Carlos Magno, á beira-mar, olhando para uns navios distantes. Explicava a inscripção — que o grande homem meditava sobre os perigos que resultariam para a sua Civilisação dos progressos d'aquelles Barbaros — os que tripulavam os taes navios.

E dei-me e pensar nas justissimas preoccupações que não deixariam de invadir a alma de um Carlos Magno da Litteratura em decadencia, dado que elle olhasse para os Sudermann... perdão! para os Barbaros á vista da terra.

*

*   *

Litteratnra em decadeucia... falo da que resvalou dos grandes romanticos aos psychologos — que cortam um cabello em quatro, e aos eternos exploradores do Adulterio, no palco, e da vacuidade em verso — uns typos que me fazem pensar nos magnificos e radiantes carões de Dumas pae e de Theophile Gautier, para manter-me no respeito da especie—d'uma intelligencia tão poderosa e tão *facil.* Olhem-me para aquelle decadentorio em *pose* permanente de parto intellectual, a fazer olhos esgazeados e tom convulsivo, — como um gato a fazer caca! Nem ao menos a pandilhice — por cima austeridade — de uma caraça de pensador!

*

*   *

Como *tudo aquillo*, na peça de Sudermann, é logicamente vivido, sem impetuosidades, sem

hesitações, sem contradicções! Tudo logico no feitio moral de cada personagem, incluindo a tara da *Violeta!* E como aquella gente pensa, em vez de escrevêr facecias! E' feitio d'elles? E' o que *lá* se usa? Concordo, e está ahi subsidio para as *inquietações do Carlos Magno.* Móve-se no horizonte proximo uma Civilisação que arde, ouve-se a crepitação, que é por vezes detonação; e tudo isso vem substituir uma Civilisação ardida, onde fumegam, com duvidosos cheiros, uns restos que á vista não offerecem duvidas. De quando em quando ha *ingenuidades*, como *o gato e o rato*, que lembram Shakspeare. Por causa do *rato* do *Hamlet*? Não é bem por isso: antes, talvez, por um parentesco dos Barbaros. Lembram-se de quem chamou Barbaro ao formidavel inglez?

*

* *

Que visse bem a Lucilia! — me recommendou o outro. Não ha meio de não ver, pois

que ella empolga toda a admiração que cabe em espirito de espectador pensante. Pela morte de Emilia das Neves — *a que advinhava tudo*, na phrase eloquente de Lucinda Simões — ficou esta a dominar a scena de Portugal, victoriosa e inconfundivel. Mas é, pelo visto, ambiciosa èm extremo a grande actriz: não contente em imperar, vae-nos aprezentando a herdeira, que não terá contestação. Lucinda Simões deu-se a fundar dymnastia.

Ha mais de trinta annos que eu vejo representar, e affirmo, olhando para a *Violeta* da peça de Sudermann, *que nunca vi representar melhor*. Como Balzac, ao lêr um livro de Sthendal, pode dizer quem dispôe de uma penna e de tres leitores effectivos: — «Sinto-me feliz, porque ha um acto de justiça a praticar — louvando incondicionalmente».

Falando de Lucilia Simões, é claro que só tenho em vista á sua beira as artistas de grandes raça: não as *amadoras*, de raça gorda, nem as donas de casa graduadas em celebridades, com medalha de bom comportamento. Lanço

um olhar retrospectivo, demorado, para as *apparições* da *Violeta*, durante os 4 actos da peça, e nem por um só momento eu vejo a *artista* levemente dominada, ou sequer preoccupandose na sequencia da acção e nas transicções que hão de impor-se-lhe. Explico, exemplificando: a *Violeta*, antes de haver *roubado o amor* e trahido a pobre noiva, é para esta affavel e carinhosa. Depois da traição é irrascivel: a voz tem uns toques metalicos, o olhar torna-se cruel: o caracter transformou-se. Nem o espectador pode confundir as duas especies de *Violeta*, nem a artista mostra recordar-se, como não mostra preoccupar-se na proxima transformação.

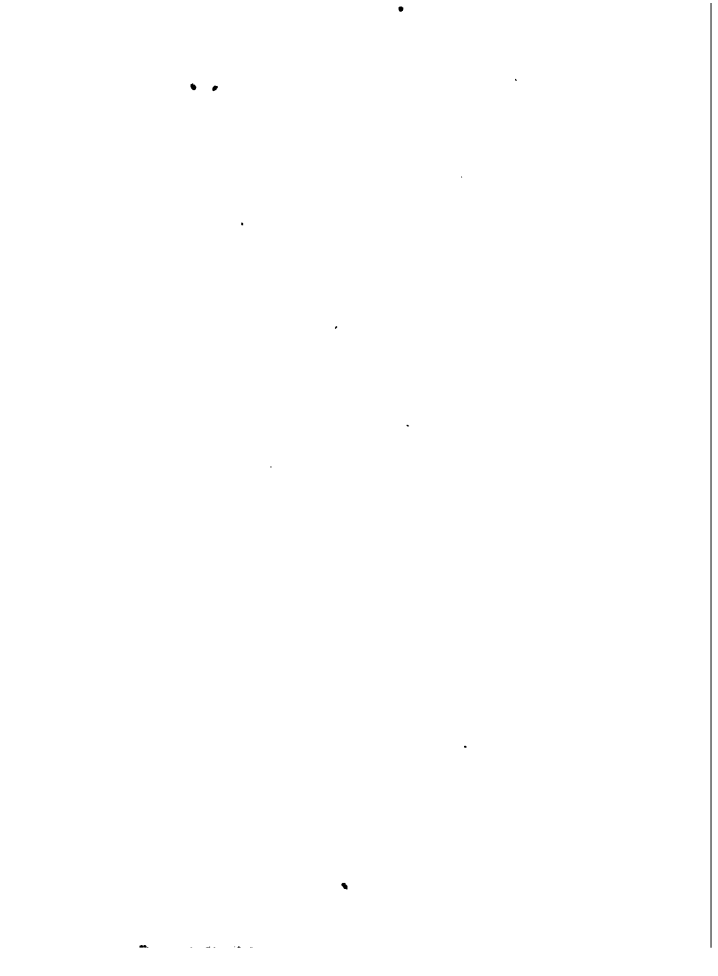
Mas cabe-lhe ainda, no momento em que crê triumphar — commover-se, apiedar-se, perdoar, sacrificar-se. E a desequilibrada realisa essa *mutação moral*, completamente *independente* das situações anteriores.

Simplesmente admiravel!

*

*   *

...Felicito as duas artistas e o Theatro Portuguez — que já mostrava *feitios* de condemnado.

FIM

CRITICAS

SILVA PINTO.—HONTEM E HOJE

Silva Pinto acaba de publicar, sob o titulo «Mar morto», um d'esses novos volumesinhos, em que a casa Antonio Maria Pereira tem querido reunir a obra esparsa do escriptor portuguez que mais assiduamente nos fala, pela imprensa, das suas paixões extinctas, da sua fé morta, do seu enthusiasmo arrefecido, e sempre, sempre, como uma voz lugubre n'uma noite de ventania, do seu remoto passado, d'onde parece fluir, como uma lava fosforescente, a coreia da sua juventude.

Ah! o amargo, cruciante espectaculo d'esta alma que se liquifaz em saudade e em melancolia, pela ponta de uma caneta! — E', em to-

das as litteraturas, o que quer que seja de tão novo que o espirito recusa-se a admittir que seja Litteratura o que é talvez apenas Dôr, exprimindo-se em tinta.

A Dôr, porém, que produz uma obra tão anomala não é a dôr moral das vulgares desditas do homem, mas a dôr quasi fisica que vem dos desenganos da imaginação e dos sentidos.

Eis aqui um espirito feito para gosar, sem descanso, de todas as prerogativas da juventude: das satisfações da força, das ebriedades do amor, das conquistas do orgulho, da visão de um universo magnifico de pelejas e triunfos e da contemplação de uma natureza de sempre maravilhosas suggestões de energia e de repouso.

Elle nasceu para ter sempre vinte annos — e tem cincoenta!

A sua alma perdeu a illusão, o seu corpo perdeu o viço Sobrevive, mas toda a sua sobrevivencia é dôr, amargura, misanthropia, surdo exaspero de si mesmo — contra si mesmo.

E' a historia dramatica de todas as naturezas cavalheirescas. Ellas entram na vida, agarradas ás crinas do cavallo de Mazeppa, sotando *evohés* aos quatro ventos do espirito, mas — ai d'ellas! — o seu fim não vem longe, com a inevitavel queda, e d'ahi em diante, até ao definitivo ocaso, o seu caminhar é o caminhar de alguem que partiu as pernas, n'algum solitario córrego, e vai de rastos pela existencia fora, enchendo o ar com os seus queixumes.

Como Camillo, no dizer de Oliveira Martins, Silva Pinto fez da vida um romance de Cavallaria, lançando-se, mal alvoreceu, empós de todas as Dulcinéas da sua miragem. Foi talvez o ultimo homem em Portugal que cultivou, com o amor, o odio litterario. Entrou em todos os torneios do seu tempo. Arremetteu contra todos os moinhos. Quiz ser o *preux* e preoccupou-se em que á sua passagem se ouvisse tilintar as ferragens da sua armadura e em que a sua durindana, arrastando com estrepito pelas ruas contemporaneas, com o seu cheiro a cominho

e a figo, a pimenta e a canella, enchesse de panico o filistino dos nossos dias.

Era então um moço magro e moreno, de grandes olhos negros e juba leonina, que parecia agitar, andando, uma grande capa d'aventura e repousar a mão com arreganho nos copos brunidos de uma imaginaria espada. Falava com impeto, amava com exaltação, comia com voracidade, e tudo, através do vidro de augmentar, por onde considerava a vida e o homem, lhe apparecia engrandecido, ou desfigurado. A todos os peitos despediu estocadas. Uma noite, não encontrando em sua frente um inimigo, apunhalou um colchão. A todas as varandas pendurou escadas de seda. Com um bandolim a tiracolo, extactico, amou a Lua Intrometteu-se em fantasticas collisões, naufragou em chimericos naufragios. Teve nas mãos madeixas de cabellos, nódoas do sangue e nódoas de tinta. Muitas vezes recolheu a casa, vindo da Edade-media ou da Renascença, bater as palmas ao guarda-nocturno.

Um dia, porém, doeu-lhe um joelho e os

jornaes annunciaram a morte definitiva de Veuillot.

Silva Pinto desmontou, e começou ligeiramente a claudicar, apoiado a uma bengalinha curta. Repoz a armadura na panoplia e o gladio na bainha, arregalou desmedidamente os olhos para o mundo e refugiou-se, á pressa, como quem recolhe da chuva, á travessa da Palmeira, 35.

Ali vai elle, com a sua juba embranquecida, a caminhar indeciso, parando aqui e acolá, como a pensar se não lhe restará ainda alguma coisa estridente a fazer na vida.

Vai para as Monicas, onde se acantoaram as suas ultimas illusões sobre a redempção moral do homem, ou vem da Bertrand, d'onde ainda lhe é licito ver passar, como Robert Macaire, a ultima Elvira.

Queixa-se. Diriamos que lhe doe um artelho e é do mais profundo da sua alma, irreconciliada com s seu corpo, que vem esse grito.

A sua filosofia, como a sua moral, como toda a sua ultima obra são protestos doloridos de

um espirito que não se resignou a sobreviver, de bom-humor, aos desenganos e aos cabellos brancos, e que se dissolve em pena, em desolação e em tedio, farto de supportar a vida, farto de aturar os homens.

Elle está fazendo assim uma litteratura — a litteratura do Cansaço.

«NO MAR MORTO»

Estou muito contente com a publicação d'este livro. Imaginem que ella me valeu as seguintes linhas do maior vulto litterario da nossa terra nos tempos que vão correndo. Transcrevo-as, não só por mim, mas para assanhar *outros* :

— «Carissimo ! — Caiu-me do céo o seu li-
«vro de trechos e quadros humoristicos. Le-
«vei-o de um trago. Sempre o mesmo tempe-
«ramento unico e inconfundivel, em que a bon-

«dade transparece através das ironias do mo-
«mento! Um abraço de felicitações do seu

«Sempre amigo e admirador,

«*Theophilo Braga.*»

*

Acabava eu de reproduzir as palavras de Theophilo Braga, quando vi no *Imparcial*, a seguinte apreciação, que atribúo ao doutor Carneiro de Moura:

«NO MAR MORTO»

Por Silva Pinto, *edição da Parceria Antonio Maria Pereira*

«Está publicado mais este livro do brilhante escriptor — sr. Silva Pinto.

«Silva Pinto pertence á ala dos homens de lettras que affirmam a sua individualidade por uma obra duradoira.

«*No Mar Morto*» é um livro de finissima observação, e o seu auctor, sempre ávido de justiça, e sempre contundente, é dos litteratos

portuguezes talvez o que mais tem concorrido para a queda dos velhos preconceitos.

«O nosso tempo caracterisa-se por uma profunda transformação social e só podem sobreviver os litteratos que comprehendem o tempo em que vivem, destruindo o passado no que elle tem de mau, e preparando uma sociedade melhor.

«Por isso, os nomes de Zola, Tolstoi, Ibsen, Eça de Queiroz, e os de todos os batalhadores empenhados em destruir os preconceitos, só esses hão de ficar na memoria dos que se lhes seguirem.

«Os homens de lettras que passam o tempo em lyrismos subtis, ou que lisonjeam as individualidades que os privilegios eugrandecem, esses passam despercebidos.

«Só ficam os que sabem e podem concorrer para a queda das vélharias e para o triumpho dos largos ideaes.

«Silva Pinto é no nosso meio litterario uma figura de destaque. Estylista brilhante e observador finissimo, o auctor do *Mar Morto* per-

tence á ala gloriosa dos homens de lettras, em Portugal raros, e que no nosso tempo vão impellindo, pela critica, a Sociedade, a melhores destinos.

«Tem Silva Pinto invejosos que o tentam abocanhar, inimigos mal feridos que o temem, mas o nome de Silva Pinto elle ahi está triumphante a affirmar-se no nosso mundo litterario, como o d'um alto espirito que já não podem apear do seu pedestal, tão laboriosamente conquistado, pequeninas almas que em volta d'elle se remordem.»

*

Do *Jornal do Commercio*:

«Uma agradavel surpreza:

«Encontramos sobre a mesa de trabalho um novo livro de Silva Pinto, o brilhante e honesto homem de lettras, o original polemista, o critico mais immune de paixões n'esta terra de compadres.

«Titulo: *No Mar Morto.* Edição simples e galante da Parceria Antonio Maria Pereira.

«Vamos lêr essas bellas paginas com o enthusiasmo soffrego com que se vae passar um dia a casa d'um amigo intimo...»

*

Do *Diario de Noticias:*

«Novo volume de Silva Pinto, um nome que, em 30 annos de lides litterarias, têm conseguido uma notoriedade que dispensa reclamos.

«O *Mar Morto* abrange os mais variados assumptos, de feição ora critica, ora simplesmeute humoristica, e expostos n'aquelle conhecido estylo de Silva Pinto, em que a simplicidade se allia ao escrupulo da linguagem.

«São prosas que se leem sempre com o mais natural agrado, e até interesse, pelo imprevisto dos juizos e apreciações, a que o escriptor subjeita os factos que vae observando...»

OBRAS DE SILVA PINTO

(PUBLICADAS)

Questões do dia, 1870.
Sciencia e Consciencia, 1870.
Farçadas contemporaneas, 1870.
Novas Farçadas contemporaneas. 1871.
A questão da Imprensa. 1871.
Theophilo Braga e os Criticos. 1871.
A' hora da lucta. 1872.
Horas de febre. 1873.
O Espectro de Juvenal. 1873.
Eugenia Grandet (trad.) 1873.
O Padre maldicto. 1873.
Balzac em Portugal. 1873 — 2.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal). 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal). 1875.
Emilia das Neves e o Theatro Portuguez. 1875 — 2.ª edição.
Contos phantasticos. 1875.
Os homens de Roma (drama). 1875.
A Questão do Oriente. 1876.
Revista Litteraria. 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo). 1877 — 3.ª edição.
Do Realismo na Arte. 1877 — 3.ª edição.
Nós e a Alfandega do Porto. 1877 — 2.ª edição.
O Padre Gabriel (drama). 1877 — 2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios. 1878.
No Brasil. 1879.
O Emprestimo de D. Miguel. 18[illegible] — 3.ª edição.
Realismos. 1880 — 2.ª edição.
Combates e Criticas. 1882.
Novos Combates e Criticas. 1884
Terceiro livro de Combates e Criticas. 1886.
O caso de Marinho da Cruz 1889.
Camillo Castello Branco. 1889.
A Mulher do capitão Branca[illegible] (tr.) 1892.
Philosophia de João Braz. 1895
Santos Portuguezes. 1895.
N'este Valle de Lagrimas. 18[illegible]
A queimar cartuchos. 1896.
De palanque. 1896.
O Riso amarello. 1897
Noites de vigilia (4 vol.) 1897.
Criterio de João Braz. 1898.
Memorias d'um suicida (tr.) 18[illegible]
A torto e a direito. 1900.
Pela Vida fóra. 1900.
Alta noite. 1900.
O Mundo furta côres. 1900.
Moral de João Braz, 1901.
No Mar Morto. 1902.
S. Frei Gil. 1903.
Por este mundo. 1903.